

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS  
BACHARELADO EM HISTÓRIA DA ARTE

**MÉLODI DALL'AGNESE PERIN FRANQUINE FERRARI**

**A TRAJETÓRIA DE CHRISTINA BALBÃO (1917–2007) NAS  
INSTITUIÇÕES ARTÍSTICAS DE PORTO ALEGRE**

Porto Alegre  
2018

**MÉLODI DALL'AGNESE PERIN FRANQUINE FERRARI**

**A TRAJETÓRIA DE CHRISTINA BALBÃO (1917–2007) NAS INSTITUIÇÕES  
ARTÍSTICAS DE PORTO ALEGRE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso Bacharelado em História da Arte, do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Bacharel em História da Arte.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Gomes

Banca examinadora:

Prof. Dr. Eduardo Ferreira Veras

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Joana Bosak de Figueiredo

Porto Alegre

2018

*para minha mãe.*

## **AGRADECIMENTOS**

- Ao meu pai e à minha irmã. Sem eles eu não teria feito esta graduação;
- Para minha família e amigas, que sempre acreditaram em mim;
- Aos professores da História da Arte, pelo percorrido do caminho, tão maravilhoso e difícil, e principalmente às professoras Kátia Pozzer e Daniela Kern. Ao meu orientador Paulo Gomes e à banca, Eduardo Veras e Joana Bosak, pelos aprendizados;
- À família Balbão, por me permitir falar sobre Christina. Principalmente, à Glecia, que gentilmente me concedeu a entrevista;
- Aos colegas do MARGS que acompanharam e foram compreensivos durante a trajetória de pesquisa;
- Às equipes de pesquisa do MARGS e do Instituto de Artes, que me ajudaram na busca por informações e documentos;
- E, por fim, a Christina; pois, mesmo sem tê-la conhecido, sinto que sou muito próxima.

## RESUMO

Esta monografia recupera a trajetória artística e profissional de Christina Helfensteller Balbão (1917 - 2007). Por meio de pesquisa documental em acervos da capital e entrevistas com amigos, alunos e familiares é reconstituída sua história, até então pouco estudada e conhecida. Busco, assim, contribuir com a história da arte do Rio Grande do Sul no século XX, enfatizando a colaboração de uma das primeiras mulheres a assumir cargos em instituições como o Instituto de Artes de Porto Alegre, onde foi aluna e professora, e do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli, onde esteve presente desde a sua fundação.

**Palavras-chave:** Christina Balbão; Instituto de Artes; professoras artistas; história da arte no Rio Grande do Sul.

## SUMMARY

This undergraduate thesis recovers the artistic and professional trajectory of Christina Helfensteller Balbão (1917 - 2007). Through documentary research and a recollection of interviews with the artist's friends, students and family members, her history, that has been poorly studied and unknown until now, is reconstituted. Therefore, I seek to contribute to the history of art in Rio Grande do Sul during the 20th century, emphasizing the history of one of the first women to take up positions at institutions such as the Porto Alegre Arts Institute, where she was a student and teacher, and the Rio Grande do Sul Art Museum Ado Malagoli, where she has been present since its foundation.

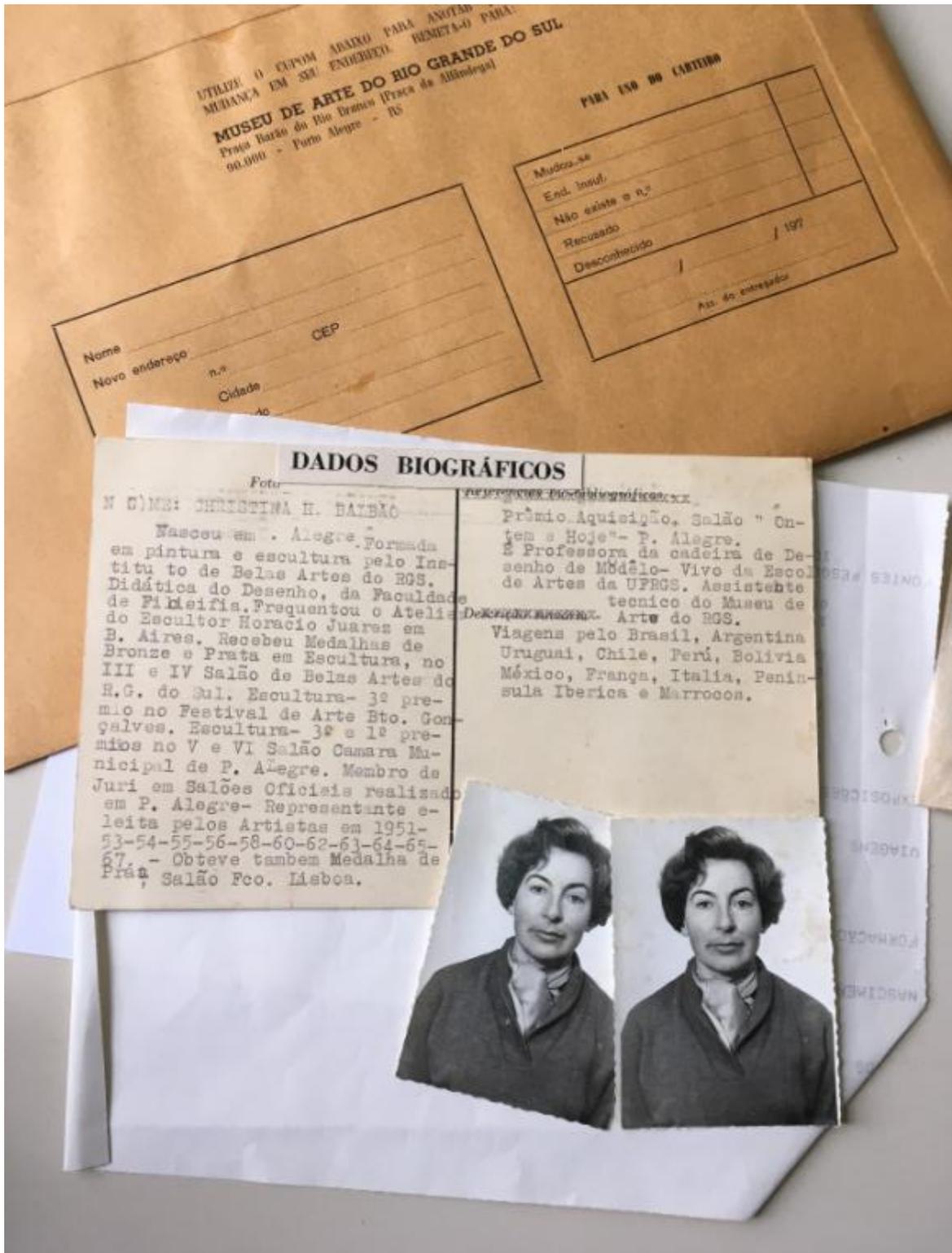
**Keywords:** Christina Balbão; Institute of Arts; female teachers; history of art in Rio Grande do Sul.

## **SIGLAS**

AAMARGS	Associação dos Amigos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli
AAPA	Associação Araújo Porto Alegre
AFL	Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa
IA	Instituto de Artes
IA-UFRGS	Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
MARGS	Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1. O INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS: A TRAJETÓRIA DE CHRISTINA BALBÃO DE ALUNA A PROFESSORA .....	16
1.1 A ALUNA.....	17
1.2 A PROFESSORA.....	35
2. A ARTISTA.....	54
3. MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL ADO MALAGOLI: A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE CHRISTINA BALBÃO .....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	85
REFERÊNCIAS.....	88
ANEXOS .....	92
ANEXO A – Cronologia de Christina Balbão .....	92
ANEXO B – Entrevista Anico Herskovits .....	96
ANEXO C – Entrevista Luiz Gonzaga .....	103
ANEXO D – Entrevista Eduardo Vieira da Cunha .....	109
ANEXO E – Entrevista Glecia Balbão Oliveira .....	112
ANEXO F – Formulário docente de Christina Balbão no Instituto de Artes.....	118
ANEXO G – Certificado das funções de Christina Balbão no IA .....	119



**FIGURA 1 - Documentos sobre Christina Balbão**  
 Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa do MARGS  
 Foto: autora

## INTRODUÇÃO

Christina Helfensteller Balbão nasceu em Porto Alegre, em 1917. Filha de mãe alemã e pai português, dedicou sua vida ao ensino das artes na capital, como professora do Instituto de Artes da UFRGS e como mediadora no MARGS. Assídua frequentadora da cena artística local, viveu sempre no mesmo endereço no coração da cidade – Rua Fernando Machado em frente à escadaria da Rua General João Manoel – até seu falecimento em 2007, aos 90 anos. A presente monografia tem como objetivo apresentar essa trajetória de educadora de artes e artista de Christina Balbão, ainda pouco conhecida tendo em vista a carência de bibliografia sobre o tema.

Meu interesse desde o princípio do curso de história da arte era compreender o sistema da arte em Porto Alegre, cidade em que nasci, cresci e estudei. Estabelecer conexões sobre o passado e presente me era caro, pois sempre defendi que as artes visuais não são prestigiadas nesse contexto como deveriam. Além disso, após alguns semestres, notei a diferença de atenção e bibliografias dedicadas a artistas mulheres quando comparadas às dedicadas aos artistas homens; para eles, eram abundantes os espaços institucionais e midiáticos; para elas, nem tanto. Assim, para quebrar essa invisibilidade histórica, decidi que iria pesquisar uma artista gaúcha ou tema relacionado.

Foi no último ano do curso que a oportunidade de me aproximar da produção de Christina Balbão surgiu. Faço estágio no núcleo de curadoria do MARGS e me foi incumbida a tarefa, junto com a equipe do núcleo de acervo, de catalogar as obras da artista que estavam com sua família. Christina não casou e não teve herdeiros; assim, a sobrinha, Glecia Balbão de Oliveira, sua herdeira, tinha em sua residência cerca de 400 obras e sua intenção era preservá-las. Visto que o museu possui local adequado de armazenagem, optou pela doação para garantir a manutenção da coleção. Para isso, é necessário um termo que indique dados e fotografias de cada obra, razão pela qual passamos o período de quase um mês frequentando a casa de Glecia para fazer esse levantamento. Posso dizer que me impressionei com a qualidade artística presente nas peças: são aproximadamente 72 pinturas, 300 desenhos e 10 esculturas em gesso.

Na busca por informações a respeito de Balbão, pouca coisa foi encontrada. A maioria das notas biográficas – não existem longos textos dedicados a Balbão – referem-se a ela como escultora<sup>1</sup>. Contudo, o acervo da família escondia obras preciosas para a compreensão de sua produção: a precisão do desenho de observação e a técnica da pintura indicavam uma artista plural. Assim, o mistério sobre sua produção me instigou a falar com os familiares – conversas informais, enquanto manipulava as obras. Descobri fatos interessantíssimos sobre Balbão, como seu amplo interesse pela cultura da cidade: ela frequentava também outras atividades artísticas como concertos e teatros. Além disso, sua personalidade independente não se limitava a Porto Alegre: conheceu a Europa, parte da América Latina e viajou para países distantes como Índia e Marrocos.

Existe pouca bibliografia sobre Christina Balbão. Há duas matérias curtas sobre ela em jornais. Contudo, a maioria da documentação encontrada é dedicada ao conjunto de artistas mulheres que foram as precursoras do meio em Porto Alegre: Alice Soares (1917-2005), Alice Brueggemann (1917-2001) e Leda Flores (2017-?). Dentre esses, destaco o catálogo da exposição *4 Mulheres 1 Centenário*, de Paulo Gomes e Blanca Brittes (2018) e, sobre o recorte de gênero nas artes plásticas da capital, o trabalho de conclusão de curso *Excluídas da memória: mulheres no Salão de Belas Artes no Rio Grande do Sul (1939-1962)* de Rosane Vargas (2013).

No Instituto de Belas Artes, Balbão inicia seus estudos com 16 anos. Teve aulas com os principais artistas da época: Francis Pelichek (1896-1937), José Lutzemberger (1882-1951), Ângelo Guido (1893-1969), Benito Castañeda (1885-1955), Maristany de Trias (1885-1964) e João Fahrion (1898-1970). Esses professores estudaram na Europa e traziam os embasamentos técnicos e estilísticos da arte acadêmica, mesclando-os às nuances do regionalismo do nosso Estado (GOMES, 2007). Em paralelo, a modernidade nas artes plásticas chegava ao Rio Grande do Sul por meio da ilustração, principalmente da *Revista do Globo*, que empregava parte dos artistas e ainda influenciava toda uma geração de leitores (RAMOS, 2016). Christina Balbão vivenciou esse efervescente período, marcado pela intensa produção artística que culminaria na criação do sistema das artes no Rio Grande do Sul.

---

<sup>1</sup> Como na obra *Dicionário de Artes Plásticas do Rio Grande do Sul* (ROSA, 2000)

Nesse panorama Balbão destacou-se – primeiro como artista participando dos salões e exposições de arte; mas especialmente quando ingressa como professora do Instituto de Artes e se torna funcionária do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS). Em ambas as instituições ela trabalhou até a aposentadoria compulsória em 1987. No MARGS, porém, ela continuou realizando mediações voluntárias após esse período. Balbão vivia Porto Alegre de forma intensa. Cito também sua participação em associações de artista da época como a *Associação Araújo Porto Alegre*; os salões e mostras que expôs da *Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa*; e sua atuação na fundação da *Escolinha de Artes da UFRGS*, voltada ao ensino infantil de artes, junto com a amiga e colega Alice Soares. Estudar sua trajetória profissional é compreender também a história da cidade em que vivemos. Importante ressaltar que ela estava inserida no âmbito institucional das artes, sua atuação era em instituições públicas, divulgando a arte sob o olhar educacional.

Assim, essa monografia se propõe a ser um estudo de caso exploratório com caráter biográfico a fim de recuperar a trajetória de Christina Balbão em Porto Alegre. Para isso, o recorte temporal será o período de vida da artista, de 1917 a 2007. A metodologia utilizada é primeiramente a pesquisa documental nos principais acervos de arte da capital que correspondem às instituições nas quais Balbão atuou: o Núcleo de Pesquisa e Documentação do MARGS e o Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS. Essa documentação consiste em reportagens de jornal, fotografias, catálogos de exposições, fichas institucionais de matrícula e outros itens referentes à burocracia acadêmica. E, por último, entrevistei alunos, amigos e familiares de Christina Balbão para, por meio da história oral, obter relatos pessoais de quem convivia com ela. Os artistas Eduardo Vieira da Cunha<sup>2</sup> e Anico Herskovits<sup>3</sup> foram alunos de Balbão em épocas diferentes; Luiz Gonzaga<sup>4</sup> foi aluno e depois

---

<sup>2</sup> Eduardo Vieira da Cunha é pintor, fotógrafo, desenhista e ilustrador. Nasceu em Porto Alegre em 1956. cursou Artes Plásticas na UFRGS na década de 1980 e realizou mestrado em pintura no Brooklyn College da City University de Nova Iorque, Estados Unidos, 1990. Doutorado em Artes Plásticas pela Universidade de Paris I – Panthéon - Sorbonne. Atualmente é professor no Instituto de Artes da UFRGS. (<http://www.eduardo.vieiradacunha.nom.br/biografia.html>)

<sup>3</sup> Anico Herskovits é gravadora e desenhista. Nasceu em Montevideu, Uruguai, em 1948. Estudou no Instituto de Artes da UFRGS e também no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre. Participou de diversas exposições e salões em Estados como Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo. É uma das fundadoras do Atelier MAM, em Porto Alegre, cidade em que reside e trabalha. (ROSA, 1997)

<sup>4</sup> Luiz Gonzaga Mello Gomes é escultor. Nasceu em Júlio de Castilhos/RS, em 1940. Graduou-se pelo Instituto de Artes da UFRGS em 1966. Em 1980 especializa-se em pintura mural na Escuela de

amigo próximo, frequentador assíduo da casa de Balbão. Por fim, entrevistei Glecia Balbão Oliveira, a sobrinha mais velha, com quem Christina Balbão morou por mais de 10 anos na mesma casa.

Essa parte foi essencial para a pesquisa, pois através da memória dos entrevistados consegui informações preciosas que não constam na narrativa oficial fornecida pelos arquivos. Contudo, é importante ressaltar o anacronismo proveniente desses relatos. Trabalhar com a memória é um desafio constante para o pesquisador. Tentei, a partir disso, relacionar as datas que meus entrevistados informaram com os documentos existentes. Mas, novamente, reitero a importância das falas para recriar essa personagem em mim: elas foram a base para construir a imagem de Christina Balbão, pois eu não tive a sorte de conhecê-la pessoalmente.

Nos acervos das instituições pesquisadas há poucas obras de Christina Balbão. Na *Pinacoteca Barão de Santo Ângelo*, pertencente ao Instituto de Artes da UFRGS, existem cinco obras: uma pintura a óleo, um desenho e três bustos de gesso. No acervo do MARGS há somente um busto de gesso e na *Pinacoteca Aldo Locatelli*, da *Prefeitura Municipal de Porto Alegre*, há um autorretrato de grafite sobre papel. A presença singela de Christina Balbão nos acervos da capital não condiz com a grande produção em posse de sua família. Talvez esse seja um dos motivos da bibliografia sobre ela ser escassa, visto a dificuldade de pesquisa através dos acervos de acesso público. Nesta monografia busco primeiramente abordar sua biografia para que, em outro momento, quando essas 400 obras estiverem devidamente tombadas como acervo do MARGS, outras pesquisas sobre sua produção possam ser pensadas.

Para contextualizar a Porto Alegre do século XX, utilizarei de autores que escrevem sobre a história da arte no Rio Grande do Sul, como Paulo Gomes, Maria Amélia Bulhões, Círio Simon, Paula Ramos, Flavio Krawsczyk, Neiva Maria Fonseca Bohns e Maria Lucia Bastos Kern, traçando paralelos entre a constituição do sistema da arte local e a trajetória de Christina Balbão. Revisitar a historiografia é imprescindível para construção desse trabalho.

---

Bellas Artes San Fernando da Universidad Complutense de Madrid, Espanha, onde residiu longo período. Lecionou na Universidade Federal de Santa Maria e depois no Instituto de Artes da UFRGS. Participou de Salões e Bienais no Brasil e outros países.

Esta monografia se constitui em três capítulos. Tratando-se de um trabalho com caráter biográfico, recorrerei à ordem cronológica para narrar os acontecimentos da vida profissional de Balbão. Porém, como afirma Bourdieu (2006), em *A Ilusão Biográfica*, não há como seguir uma linearidade clara – nem é preciso – pois, os capítulos representam instituições de atuação de Balbão no sistema da arte de Porto Alegre, nas quais esteve inserida simultaneamente. Como diria o autor, fugiremos das ilusões retóricas provenientes desse tipo de narrativa – como historiadora da arte, possuo meu método de abordagem próprio, que com certeza irá diferir de quaisquer outras interpretações sobre a vida de Christina Balbão que porventura ainda venham a ser realizadas. Busco dar sentido à narrativa mediante a documentação encontrada, estabelecendo as conexões necessárias para a compreensão de sua atuação, inserida em sua época. Além disso, não pretendo abordar a vida pessoal da artista. Meu interesse é no âmbito artístico profissional e em seu protagonismo feminino.

O primeiro capítulo abordará o início de sua formação artística como aluna do Instituto de Belas Artes (como era nomeado na época) até sua contratação como professora e sua trajetória profissional na instituição. Esse período abarca grande parte de sua vida: de 1933 a 1987 – ou seja, Balbão fez parte da consolidação do ensino das artes visuais no Estado. Seu prestígio e protagonismo como acadêmica serão demonstrados através da documentação encontrada, na qual consta que Christina Balbão foi uma das primeiras professoras dentro da instituição. Ela assumiu a cadeira de desenho de modelo vivo em 1966 depois que o professor João Fahrion (1898-1970) se aposentou, tornando-se catedrática em 1968. Além disso, Balbão organizava as viagens de estudo, oportunidade única para as jovens alunas conhecerem a história *in loco*. Dentre essas viagens, destaco as viagens para Minas Gerais e para a Argentina. Christina Balbão chegou a ser diretora do *Instituto de Artes* de 1975 a 1976 e chefe do Departamento de Artes Visuais em diversos períodos. Além disso, é lembrada com carinho por seus alunos. Falarei sobre seus métodos de ensino auxiliada pelos relatos obtidos nas entrevistas realizadas.

O segundo capítulo é dedicado à Christina Balbão artista. Sob esse aspecto ainda há muito a ser pesquisado, pois sabemos que existiam poucas peças em acervos públicos e ela mesma não gostava de realizar encomendas privadas, segundo relato de sua sobrinha. Contudo, Balbão, ao contrário do que muitos

pensam<sup>5</sup>, continuou produzindo trabalhos que, talvez para a época, não tenham sido considerados “arte”, pois não se enquadravam nos cânones artísticos (pintura, escultura, gravura) vigentes então, mas que hoje em dia se pode dizer que são obras artísticas sob o ponto de vista da arte contemporânea. Christina Balbão fabricava pequenas marionetes e outras pequenas esculturas feitas com material de reciclagem que ela mesma recolhia. Talvez, justamente por serem de material menos nobre, ela mesma não se sentisse uma *artista ao confeccioná-los*. Penso, pois, que essa historiografia deve ser revisada com olhares do presente.

Por fim, o terceiro capítulo é sobre a atuação de Christina Balbão dentro do MARGS. A documentação e os relatos indicam que ela esteve presente desde a fundação do museu por Ado Malagoli, em 1954. Nessa época, Balbão ajudava montando exposições e articulando o que fosse necessário para que o MARGS funcionasse. O museu passou por diversos locais, desde o *Foyer do Teatro São Pedro*, a sala no *Clube Cotillon*, até ter sua sede definitiva em 1978, na Praça da Alfândega, centro de Porto Alegre. Balbão esteve presente fazendo mediação, atuando como agente educativa até quase os 90 anos, em 2007, sendo uma representante importante na consolidação da instituição em Porto Alegre.

Como disse, este trabalho visa reconstituir a trajetória de Christina Balbão enquanto artista, professora e educadora de artes em Porto Alegre. A importância dessa monografia é abrir caminhos para a interpretação de sua produção artística e contribuir para uma historiografia da arte na cidade focada nas personalidades femininas, que sempre participaram ativamente dessa história, mas que somente agora começam a receber o devido mérito.

---

<sup>5</sup> O professor Círio Simon comenta que Christina sempre pronunciava a frase: “Não faço mais objetos. O mundo já está atulhado deles. Trato de transformar a minha vida em obra de arte” (SIMON, 2002).

## 1. O INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS: A TRAJETÓRIA DE CHRISTINA BALBÃO DE ALUNA A PROFESSORA

Christina Helfensteller Balbão nasceu dia 17 de fevereiro de 1917 em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Filha do português Antônio Martins Balbão e da alemã Emilia Helfensteller Balbão. Moravam no centro da cidade, na Rua Coronel Fernando Machado, relativamente perto do Instituto de Artes da UFRGS e do MARGS, locais em que Christina viria a trabalhar anos depois. O projeto da casa era de seu pai, marceneiro, que a construiu em 1913, adaptando as salas para a profissão de sua esposa; a mãe de Balbão era chapeleira e, conforme relato da sobrinha Glecia Balbão Oliveira<sup>6</sup>, a casa possuía uma vitrine na fachada, pois era utilizada como loja e ateliê. Ainda segundo Glecia, após a Segunda Guerra Mundial os chapéus caíram em desuso e a loja foi fechada, mas até essa época a casa era muito frequentada por clientes, principalmente nas festividades de Espírito Santo, e também por jovens alunas que vinham aprender o ofício.

Sobre sua infância, é importante ressaltar que a formação artística de Christina Balbão foi incentivada desde cedo através da música. Estudou violão em 1927 (SIMON, 2002) – Figura 2 – e também piano (conforme relato de sua sobrinha, a família possuía o instrumento em casa). A música seguiu sendo sua paixão, mas não como produtora e sim ouvinte. Todos os entrevistados<sup>7</sup> afirmaram que Balbão sempre frequentou os concertos da cidade, principalmente os da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA). Segundo relato de Anico Herskovits<sup>8</sup>:

Eu sentei em um banco para conversar [com a Christina Balbão] e saber as novidades, mas não durou muito, pois ela disse: ‘preciso ir, vou em um concerto’. Ela ia a concertos, a palestras, ela era uma pessoa super inquieta, era maravilhosa.

A jovem Christina Balbão iniciou seus estudos de artes plásticas aos 16 anos, em 1933, no Instituto Artes, onde permaneceu como professora até 1987, quando

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida à autora dia 31/10/2018

<sup>7</sup> Foram entrevistados para essa monografia, nessa ordem: Anico Herskovits e Eduardo Vieira da Cunha, alunos de Christina Balbão no Instituto de Artes; Luiz Gonzaga, aluno e amigo íntimo da família; e a sobrinha mais próxima, Glecia Balbão Oliveira.

<sup>8</sup> Entrevista concedida à autora dia 4/09/2018

teve aposentadoria compulsória decretada. Sobre esse período dentro do IA irei discorrer neste capítulo.



**FIGURA 2 - Christina Balbão aos 10 anos tocando guitarra portuguesa, 1927**

Fonte: Acervo da família

### 1.1 A ALUNA

Primeiramente se faz necessário contextualizar a cena artística de Porto Alegre no começo do século XX, época em que Christina Balbão inicia seus estudos em artes plásticas. Bohns (2005) lembra que é nesse período que a capital começa a ter uma movimentada vida urbana; como reflexo da mudança do centro econômico do país para São Paulo, a elite gaúcha, junto com industriários, se mobilizou para modernizar o Estado, tanto em termos econômicos quanto políticos. Assim, o centro da cidade passou por grandes reformas urbanísticas de 1924 a 1928: ruas foram abertas, praças criadas, e houve uma higienização do centro histórico, retirando cortiços e vielas. Essas mudanças permitiram uma nova sociabilidade para seus habitantes, que agora se reuniam em bares e cafés no centro da cidade, principalmente na Rua dos Andradas, chamada Rua da Praia. Se localizavam ali as

sedes dos principais jornais da época: *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, bem como a Academia Rio Grandense de Letras, fundada em 1902, que reunia intelectuais e escritores locais.

Contudo, o campo das artes plásticas na cidade ainda era incipiente. O ensino da arte era limitado a aulas em ateliês particulares<sup>9</sup> (esses ainda escassos) ou em instituições fora do Estado, como no Rio de Janeiro, na Academia Imperial de Belas Artes (RAMOS, 2007). A primeira instituição dedicada às artes em Porto Alegre foi o Instituto de Artes, cuja criação Bohns (2005) afirma ter transformado a cena artística local ao contribuir com o aumento da produção e a promoção das artes plásticas na cidade. Localizado na Rua Senhor dos Passos, o IA, idealizado por Olinto de Oliveira (1866-1956)<sup>10</sup> e pelo Maestro Araújo Viana, foi fundado em 1908 como *Instituto Livre de Bellas Artes* e abrigava inicialmente somente um conservatório musical. Em 1910, foi fundada a Escola de Artes Plásticas, que desde o início foi dirigida exclusivamente pelo artista e professor Libindo Ferrás<sup>11</sup> (1877-1951), uma vez que não havia verbas para contratação de um corpo docente maior (SIMON, 2003). Ele estruturou o sistema de ensino com base nos cânones estéticos clássicos e princípios morais da época (KERN, 2007). A arte, nessa fase do instituto, era ensinada por meio de cópias de reproduções de mestres europeus, sem o uso do modelo vivo. Kern (2007) aponta ainda a dificuldade de se contratarem professores, pois não havia um mercado especializado na época, de modo que artistas vindos de outros estados brasileiros e até mesmo do exterior compuseram o primeiro corpo docente ainda bem limitado. Foi o caso do primeiro professor contratado, em 1922, para ministrar aulas de pintura: o artista tcheco Francis Pelichek<sup>12</sup> (1896-1937).

---

<sup>9</sup> Dois ateliês privados merecem destaque: o de Oscar Boeira e o de Gustav Epstein. Também havia dois cursos profissionalizantes: o curso de desenho do Instituto Profissional Parobé, dirigido por Giuseppe Gaudenzi; e os cursos de ilustração da Livraria do Globo ministrados por Ernest Zeuner. (BOHNS, 2005)

<sup>10</sup> Olinto de Oliveira foi médico com grande interesse em arte e cultura. Assinava colunas sobre o tema nos principais jornais da época, e ficou conhecido como um dos primeiros críticos da arte da capital. (idem 7)

<sup>11</sup> Libindo Ferraz foi pintor portoalegrense. Estudou na Itália com Joris, Ferrari e Basile. É considerado um dos grandes mestres do início do século por ter fundado o Instituto de Belas Artes de Porto Alegre. (ROSA, 1997).

<sup>12</sup> Francis Pelichek foi desenhista e pintor. Nasceu em Praga. Se instalou em Porto Alegre e rapidamente assumiu uma posição de proeminência no meio artístico. Socialmente ativo, participou de clubes literários. Legou grande quantidade de obras, principalmente ilustrações. Foi professor do Instituto de Belas Artes em Porto Alegre. (GOMES, 2012)

Segundo Gomes (2012), antes da abertura do IA, a arte no Rio Grande do Sul, diferentemente do centro do país, era marcada pelo pensamento regionalista, tendo como seu maior expoente o artista Pedro Weingärtner<sup>13</sup> (1853-1929), pintor com caráter realista de paisagens com personagens e pintura de gênero que chegou a Porto Alegre no final do século XIX. Destaca-se também no âmbito artístico da época o mercado editorial, que empregava cronistas, ilustradores e artistas. Seu principal expoente era a *Revista do Globo*, que entra em circulação em 1929. Gomes (2012) relembra que a revista surge na capital em um contexto de crise mundial, onde artisticamente via-se um reflexo das vanguardas históricas e, no Brasil, a ascensão de Getúlio Vargas ao poder propunha a valorização das imagens identitárias locais. Ramos (2007) defende que a *Revista do Globo*, foi o veículo que permitiu o desenvolvimento de um modernismo plástico no Estado, sob o ponto de vista da ilustração, na medida em que estava descompromissada das regras rígidas impostas pela academia.

É nesse contexto que Christina Balbão iniciou seus estudos no IA. Durante a década de 1930, o programa de ensino tinha como espinha dorsal as aulas de desenho, seguindo os moldes da Escola Nacional de Belas Artes (GOMES, 2012). Além disso, os professores possuíam o título de professor catedrático; para tanto era necessário defender a tese de cátedra para que fossem admitidos na Universidade de Porto Alegre, na qual o IA foi anexado nesse período. Gomes (2012) comenta que a cátedra instaurava ao ensino um aspecto erudito, até então inexistente.

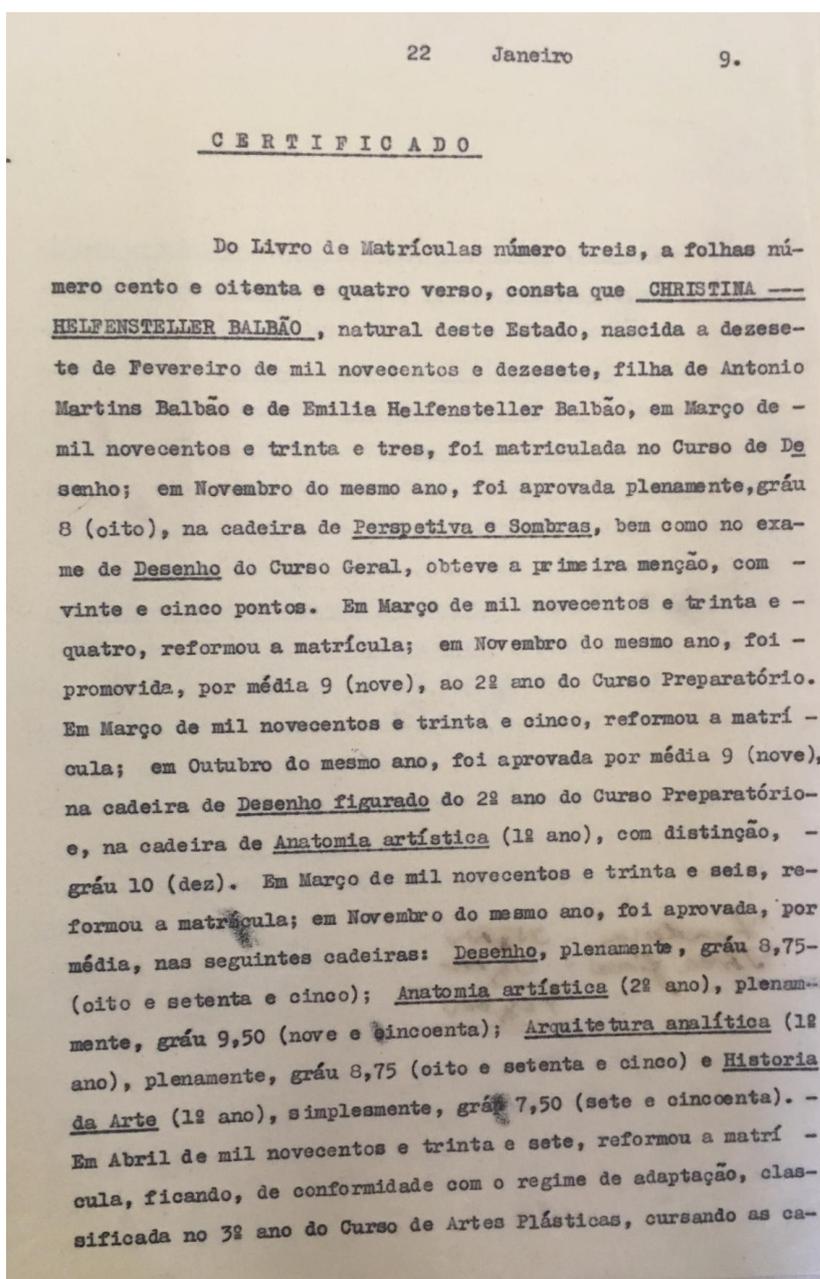
Segundo Vargas (2013), o perfil dos alunos do IA era composto predominantemente por jovens mulheres que terminavam o colegial e continuavam os estudos artísticos como meio de complementação. A autora diz que um dos fatores que poderia explicar esse fenômeno era que Artes na época era um “curso aceitável como complementação educacional para moças que terminavam o colegial” (2013, p.60).

Balbão, em 1933, matriculou-se no primeiro ano do curso de Artes Plásticas, na cadeira de desenho, e obteve a primeira menção nos exames finais do mesmo

---

<sup>13</sup> Pedro Weingärtner foi pintor, desenhista e gravurista. Nasceu em Porto Alegre. Estudou pintura na Alemanha e também na Academia Julien em Paris. Manteve ateliê na Itália por longo tempo. Participou da Exposição Universal de Paris em 1900. No Brasil, expôs no Rio de Janeiro e em São Paulo e obteve fama principalmente com suas pinturas acadêmicas de paisagens no Rio Grande do Sul.

ano, conforme consta no certificado apresentado nas Figuras 3 e 4 abaixo. No final de 1934, foi promovida ao 2º ano do curso preparatório, no qual cursou as cadeiras de Desenho Figurado e Anatomia Estatística. Em 1937, passa para o 3º ano do curso de artes plásticas. Formou-se no final de 1938, no curso de pintura, completando os quatro anos necessários para aquisição do diploma, como consta no convite de formatura (Figura 5).



**FIGURA 3 - Certificado de matrículas de Christina Balbão (1º página), 1939**  
 Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

deiras de Pintura, Desenho de modelo-vivo, Arquitetura analítica (2º ano), Arte decorativa (1º ano) e Historia da Arte - (2º ano); em Novembro do mesmo ano, foi aprovada nas seguintes cadeiras: Desenho e Pintura de modelo-vivo, plenamente, - grau 8 (oito); Arquitetura analítica (2º ano), plenamente, - grau 8 (oito); Arte decorativa (1º ano), distinção, grau 10 (dez); Historia da Arte (2º ano), simplesmente, grau 7 (sete). Em Março de mil novecentos e trinta e oito, reformou a matrícula; em Novembro do mesmo ano, obteve aprovação por média - nas seguintes cadeiras: Desenho e Pintura de modelo-vivo, distinção, grau 10 (dez); Arte decorativa (2º ano), plenamente, grau 9,50 (nove e cinquenta), terminando, assim, o 4º ano do Curso de Artes Plásticas, sendo-lhe conferido o Diploma de Terminação do Curso de Pintura, que se acha registrado no livro de registro de expedição de diplomas, sob número quinhentos e oitenta e cinco. Para constar, eu, \_\_\_\_\_, oficial de Secretaria, datilografei e passei o presente. \_\_\_\_\_

4 cadeiras - 35,000  
 Taxa fixa - 5,000  
 40,000

Concedido oficialmente  
 16-1-39

FIGURA 4 - Certificado de matrículas de Christina Balbão (2º página), 1939  
 Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

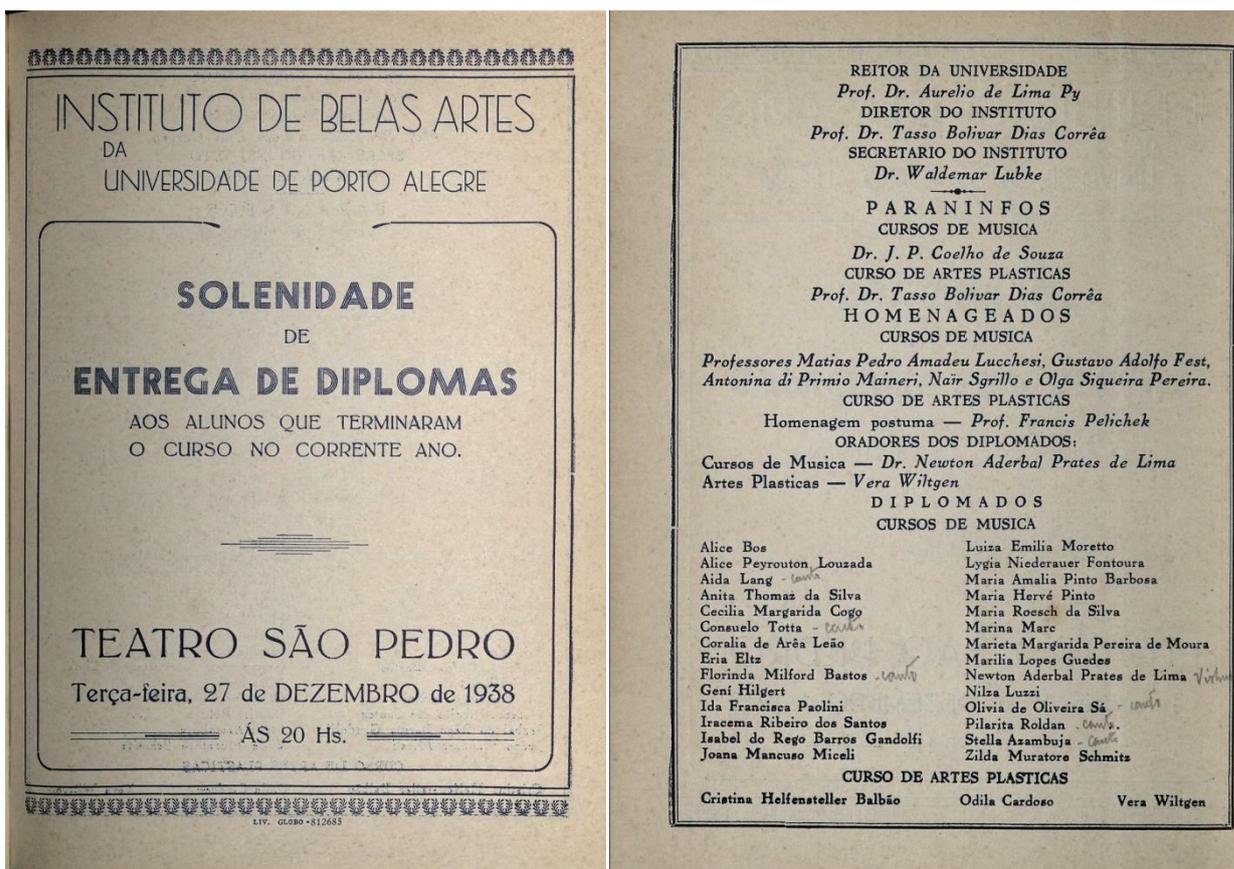


FIGURA 5 - Convite para Diplomação em Artes Plásticas, 1938 (frente e verso)

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

Importante destacar que, em 1936, o IA passou por uma mudança estrutural sob o novo diretor Tasso Bolívar Dias Corrêa<sup>14</sup> (1901-1977). Ele contratou artistas para cargos importantes dentro do instituto, foi o responsável pela construção da nova sede inaugurada em 1953, criou cursos – como o de modelagem e escultura – e novas disciplinas. A visão sobre o ensino das artes foi ampliada: além da prática, aulas teóricas de História da Arte – ministradas por Ângelo Guido (1893-1969) – e Estética foram implementadas como obrigatórias no currículo (GOMES, 2012). Segundo Bohns:

<sup>14</sup> Tasso Bolívar Dias Corrêa nasceu em Uruguaiana. Foi pianista e professor. Formou-se no Instituto Nacional de Música em 1921, tendo iniciado também o curso de Direito, que concluiu em Porto Alegre, em 1933. Foi o primeiro pianista brasileiro a receber, na mesma oportunidade, os prêmios Concurso Nacional Chopin e Medalha Alberto Nepomuceno, em concurso realizado na cidade do Rio de Janeiro. Lecionou piano no Conservatório de Música do Instituto Livre de Belas Artes desde 1922. Depois de evento polêmico no Theatro São Pedro em 24 de outubro de 1934, quando inesperadamente expôs as dificuldades administrativas e educativas do IBA em presença de grande público e dos próprios diretores da instituição, foi demitido, sendo reintegrado mais tarde pela pressão dos professores, estudantes e do governo estadual, passando a ser o novo diretor executivo do instituto. (Acervo do Instituto de Artes UFRGS)

O novo diretor propunha que os estudantes deixassem de ser 'imitadores', e passassem a ser 'criadores', capazes de desenvolver um trabalho pessoal, 'sem se ater às escolas do passado e do presente'. Esta concepção de arte e de ensino de arte abria possibilidades para que se forjasse, no âmbito institucional, uma nova geração de artistas capazes de alterar o panorama cultural não só da cidade, como do Estado. Tasso Corrêa tentou dotar a antiga escola de uma estrutura curricular mais completa e moderna. (2005, p. 216)

Balbão cursava o segundo ano de artes plásticas nesse período. Chegou a ter aulas com João Fahrion<sup>15</sup> (1898 - 1970), que ingressou como docente em 1937 para assumir a cadeira de desenho de modelo vivo. Fahrion era artista e já possuía algum êxito em sua carreira: havia estudado na Academia de Belas Artes de Berlim de 1920 a 1922, período da efervescente República de Weimar (RAMOS, 2007). Quando retorna ao Brasil, expõe no Salão Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, onde recebe medalha de prata e bronze. Em Porto Alegre, torna-se ilustrador da Editora Globo até sua contratação pelo IA. Exímio retratista, Fahrion destacou-se pela inovação das poses e enquadramentos de seus retratos a óleo. Também foi o primeiro a pintar cenas da vida noturna urbana da capital, além das ruas, elencos de teatro e circo. Sua presença no IA marca essa nova fase, caracterizando o embate da arte acadêmica com as tendências modernas que chegavam à capital. Uma das poucas anotações de Christina Balbão sobre sua produção remete ao professor Fahrion. O professor era exigente na avaliação dos trabalhos (MARGS).

Em 1938, Christina Balbão teve outros dois notórios professores do IA: Benito Manzon Castañeda<sup>16</sup> (1885-1955) e José Lutzenberger<sup>17</sup> (1882-1951). José Lutzenberger entrou no IA para ministrar as cadeiras de Geometria Descritiva e Perspectiva e Sombras, além do curso de arquitetura (ROSA; PRESSER, 1997). Exímio aquarelista, procurava documentar com a técnica o cotidiano dos gaúchos. Entre suas obras se destacam cenas da lida campeira e também urbana.

---

<sup>15</sup> João Fahrion nasceu em Porto Alegre. Foi pintor, ilustrador, desenhista, gravador e professor. Estudou na Academia de Belas Artes de Munique com bolsa concedida pelo governo do Rio Grande do Sul. Foi ilustrador da Editora Globo durante as décadas de 1930-1940 em Porto Alegre. Foi professor do Instituto de Artes da UFRGS de 1937 a 1966. (RAMOS, 2007)

<sup>16</sup> Benito Manzon Castañeda foi desenhista e pintor espanhol. Estudou na Escola Industrial de Artes de Cádiz. Emigrou para a Argentina na década de 1930, mas fixou-se em Porto Alegre, onde foi restaurador do Museu Julio de Castilhos e professor catedrático do Instituto de Artes. (ROSA, 1997)

<sup>17</sup> José Lutzenberger foi aquarelista e pintor. Estudou e trabalhou como arquiteto na Alemanha. Em 1920, a convite de uma firma construtora, transfere-se para Porto Alegre. Entre seus projetos no Rio Grande do Sul destacam-se a Igreja São José e o Palácio do Comércio, em Porto Alegre. (*Idem* 16)

Após diplomar-se em pintura, Christina Balbão solicita matrícula para o curso de escultura, em 1938. O curso foi fundado por Fernando Corona<sup>18</sup> (1895-1979). Além de professor, Corona foi escultor, arquiteto e crítico de arte. Aprendeu o ofício com o pai e iniciou sua carreira decorando as fachadas de importantes prédios da capital. Atuou como arquiteto, e, dentre suas obras destaca-se o atual prédio do Instituto de Artes. Durante o final da década de 1920 e início de 1930, ilustra algumas capas da *Revista Máscara* (NICOLAIEWSKY, 2017). Apesar de não possuir curso superior, ingressa no IA a pedido de Tasso Corrêa para ministrar a cadeira de Modelagem e Escultura. Simon (2003) destaca sua importante participação na reestruturação interna do Instituto de Belas Artes e na incorporação do IA à Universidade Federal, em 1962. Corona ajudou também na criação da Faculdade de Arquitetura, devido a sua experiência na área.

Pensando ainda sobre as inovações do ensino propostas por Tasso Corrêa, a iniciativa de criar um curso de escultura acadêmica marca essa nova fase do IA e abre o campo para um novo pensamento na área. A escultura no início do século XX, segundo Kern (2007), era vinculada à arquitetura, ora como elemento decorativo de fachadas, ora em forma de estatuária celebrativa – como monumentos políticos e históricos – e funerária, presente em cemitérios da capital. A demanda provinha da elite, que definia temática e aspirações. Um dos maiores expoentes da época era o escultor pelotense Antônio Caringi (1905-1981)<sup>19</sup>. Suas obras mesclavam o romantismo com a tradição greco-romana, trazendo os símbolos da identidade local para monumentos públicos, que até hoje são considerados ícones da cultura gaúcha (BOHNS, 2005). Visto sob essa ótica, a escultura de Fernando Corona também provinha das mesmas fontes. Contudo, seu modo de ensino deixava o aluno livre para experimentar e seguir seus próprios talentos. Em carta ele escreve:

---

<sup>18</sup> Fernando Corona foi escultor nascido em Santander, Espanha. Descendente de uma família de arquitetos, segue a mesma carreira. Transfere-se para o Brasil, fixando-se em Porto Alegre, em 1912. Lecionou durante 30 anos no Instituto de Artes. Possui obras nos principais acervos da capital. (ROSA, 1997)

<sup>19</sup> Antônio Caringi foi um escultor nascido em Pelotas/RS. Estudou na Academia de Belas Artes de Munique (Alemanha). Em 1933 recebeu o prêmio de Escultura da Sociedade Felipe d'Oliveira, no Rio de Janeiro. São de sua autoria os monumentos O Laçador e Monumento ao Expedicionário, ambas localizadas em Porto Alegre, ícones da cultura gaúcha. (Idem)

Em agosto de 1938 iniciei as aulas de Escultura e Modelagem. Aulas eminentemente práticas, não me limitei a explicar os temas dados com modelo vivo que era a execução de uma cabeça. Era o princípio para tomar contato com os músculos da face sem que houvesse preocupação em fazer retrato do modelo. As aulas práticas eram acompanhadas de outras teóricas sobre escultura antiga, como ilustração e nunca para copiar nem grego nem romano. A liberdade de cada aluno estava em seu próprio temperamento, criando formas a seu modo logo que aprendia a ver e a sentir a verdade do modelo natural. As primeiras alunas que tive foram Vera Wiltgen e Cristina Balbão. O aproveitamento viria em 1940, quando as duas modelaram obras apreciáveis. (Fernando Corona *apud* NICOLAIEWSKY, 2017, p. 26)

Fernando Corona dedicou cinco páginas de seu diário de classe para a produção de Christina Balbão. Esses escritos, bem como sua atuação como crítico serão revistos no próximo capítulo, no qual analiso a obra de Balbão.

Como aluna, Balbão participou de exposições e salões acadêmicos promovidos pelo IA. O Instituto de Artes era composto em sua maioria por alunas mulheres; assim, era frequente a participação delas nas exposições e salões. Como afirma Vargas (2013), a participação de artistas mulheres foi verificada desde a primeira edição dos Salões – um ponto interessante e contraditório, pois a exposição das obras prestigiava as mulheres como artistas, embora a autora saliente o contexto histórico tradicional e conservador que se vivia quando pensávamos as questões de gênero.

O 1º Salão, de 1939, ocorreu apenas cinco anos depois da implementação do voto feminino no Brasil. Em 1941, o governo do presidente Getúlio Vargas baixou um decreto-lei com o objetivo de ‘organizar e proteger a família que evidenciava o papel feminino na sociedade’ ou seja, legava às mulheres o cuidado da família e do lar (VARGAS, 2013, p.68)

Segundo Krawczyk (1997), os Salões eram um importante ritual de passagem na obtenção de reconhecimento dentro do mundo da arte. A participação e, em maior grau, a obtenção de alguma medalha, legitimava o artista e o expunha. Além disso, os Salões serviam para discutir técnicas artísticas, consagrando métodos e parâmetros das Belas Artes; também funcionavam como meios de divulgação da arte acadêmica para o público, que os frequentavam para apreciar as novidades em termos culturais na sociedade. Vargas (2013) afirma que essa consagração dificilmente seria legada às mulheres – apesar de sua massiva participação, poucas chegavam ao reconhecimento na profissão. A autora fez um levantamento das

artistas que mais participaram de edições, em ordem: Alice Soares (1917-2005)<sup>20</sup>, Alice Brueggemann(1917-2001)<sup>21</sup> e Amelia Pastro Maristany(1897-1979)<sup>22</sup>. As Alices eram colegas de Christina Balbão no IA, onde se tornaram grandes amigas. Alice Soares era professora do IA e Alice Brueggemann desenhista do Sistema Nacional de Indústria (SESI). Em paralelo, mantinham ateliê onde produziam e davam cursos. Elas foram as primeiras mulheres artistas a se destacarem na cidade.

Glecia Balbão Oliveira comenta em entrevista que Alice Soares e Balbão durante a década de 1940 (anos em que Glecia vivia na mesma casa com a tia) eram inseparáveis – visitavam exposições e iam a concertos juntas. Na Figura 6, temos o registro de um passeio das duas na Rua da Praia.

A gente ia nesses concertos de noite junto com a Alice Soares. A Dona Alice morava em um palacete na Rua Marechal Floriano, quase esquina com a Rua Duque de Caxias. Ele foi todo reformado agora, muito bonito. Eu lembro que adorava entrar naquela casa. Então eu lembro que a gente saía do IA, subia pela Duque e deixava a Alice em casa e nós duas pegávamos o bonde na Massom, ele nos deixava na Rua Bento Martins e daí íamos para casa. Eu era a guardiã das duas. (Glecia Balbão Oliveira)

Questionei Glecia sobre esse termo “ser guardiã”. Ela respondeu que a família não impedia Christina Balbão de frequentar as atividades extraclasse do IA, desde que fosse acompanhada pela sobrinha, caso contrário não seria bem visto pela sociedade. Glecia afirma que seu avô, apesar de tradicional, nunca restringiu a profissão nem as escolhas de Balbão, e afirma que a tia era muito independente e gostava de participar de todos os eventos culturais da cidade.

---

<sup>20</sup> Alice Soares foi desenhista e pintora. Nasceu em Uruguaiana/RS. Diplomou-se em pintura e escultura no Instituto de Artes de Porto Alegre, onde foi também professora a partir de 1945. Participou de numerosos Salões e obteve diversos prêmios, a maioria em desenho. Possui obras nos principais acervos da capital. (ROSA, 1997)

<sup>21</sup> Alice Brueggemann foi uma pintora portoalegrense. Formou-se no Instituto de Artes em Porto Alegre, estudou pintura com Ado Malagoli, desenho e colagem com Luís Solari e serigrafia com Júlio Plaza. Participou de diversas exposições coletivas e individuais. Na década de 1980 foi artista convidada do Panorama da Arte Atual Brasileira do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

<sup>22</sup> Amelia Pastro Maristany foi pintora. Foi aluna do pintor espanhol Cocolilo. Participou de diversos Salões em Porto Alegre e fora do Estado, como o Salão Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, onde ganhou menção honrosa. Expôs em diversos países da América Latina e Europa. Foi casada com o pintor Luís Maristany de Trias.

Eu acompanhei muito a Christina na época que voltei de São Paulo até meus 12 anos. Ela ia nos concertos e conferências do IA e meu avô, que era muito tradicional, não achava legal uma moça andar sozinha, então ela me levava junto. Eu era a justificativa dela. Claro que eu não achava interessante, eu lembro de uma conferência do Ângelo Guido, aquele pintor professor do IA, era um assunto que eu não entendia nada e eu via os montinhos de folha que ele ia lendo, torcendo para que acabasse, quando acabava um montinho ele pegava outro. Lembro também daqueles dias frios, ela me chamava para ir junto. Quando eram concertos de piano e canto eu até gostava, mas conferências eram uma tristeza.



**FIGURA 6 - Christina Balbão (direita) com Alice Soares na Rua dos Andradas, 1947.**

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

Mesmo assim, Gomes aponta a dificuldade das mulheres em se estabelecerem como artistas nessa época:

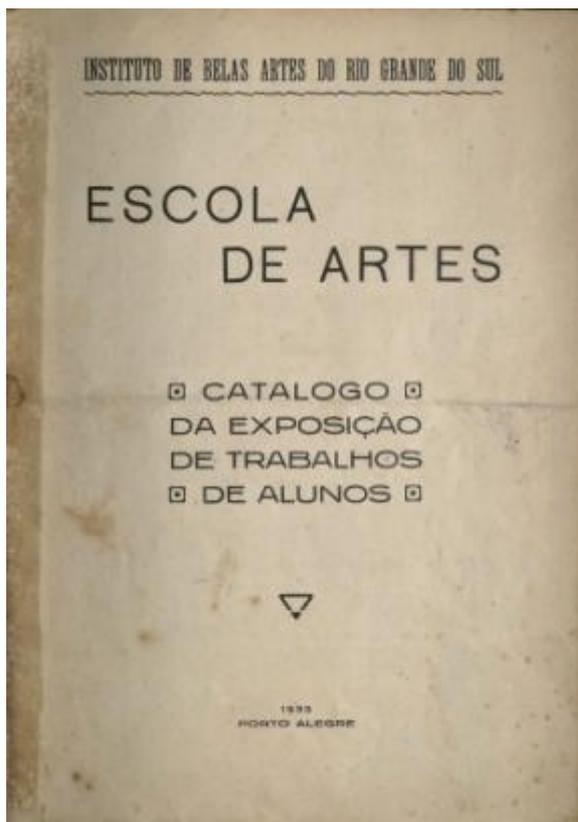
O destino das mulheres na sociedade da primeira metade do século XX, não previa a profissionalização e a atuação pública, pelo menos não nas artes, que eram consideradas, para elas, antes um adorno do que uma profissão. Com o advento do novo tempo do pós-guerra, ocorre uma considerável modificação nas posições sociais e nos lugares pré-determinados pelas regras sociais. As mulheres assumem o protagonismo de suas vidas, como conquistas que, podemos inferir, implicavam muitas vezes em prejuízos pessoais e afetivos, mas que permitiram uma nova atitude e posição dentro da sociedade. Caminho que estas artistas mulheres, aqui presentes, escolheram de forma consciente. (GOMES, 2018)

Mas não era somente com companhias femininas que Christina Balbão convivia. Glecia comenta que recorda da casa sempre com muitos amigos da tia, alguns colegas e também personalidades da cena cultural portoalegrense: “Nessa década toda dos anos 1940, ela estava bem envolvida, eu lembro do pessoal todo, os artistas jovens que frequentavam nossa casa: Glênio Bianchetti, Glauco Rodrigues, Dorothea Vergara, Alice Soares, Alice Brueggemann, Leda Flores e o Rui Spohr <sup>23</sup>, o costureiro.” Alguns eventos promovidos pelo próprio IA proporcionavam esses encontros. Gomes (2018) comenta a expressiva agitação da cidade na década de 1940, uma cidade ainda pequena mas cosmopolita devido ao grande movimento migratório. Um marco será o 1º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul, promovido pelo IA em 1939.

No final de 1933 Balbão participa pela primeira vez de uma exposição, organizada pelo IA, de trabalho dos alunos. Christina Balbão havia completado seu primeiro ano na escola e provavelmente apresentou as produções feitas no período, um total de 7 obras. Infelizmente os catálogos dessa época não tinham fotografias (conforme consta nas Figuras 7 e 8) e também não há neles o nome das obras, dificultando a localização das mesmas.

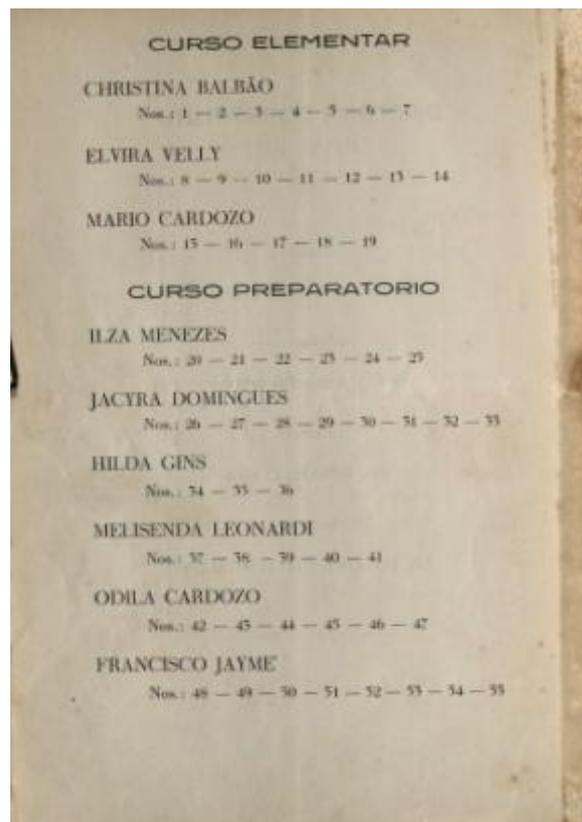
---

<sup>23</sup> Flavio Spohr, conhecido pelo pseudônimo de Rui Spohr, foi o primeiro estilista brasileiro a estudar moda em Paris, primeiramente na *Chambre Syndicale de la Couture Parisienne*, e posteriormente na *École Guerre Lavigne* (atual *ESMOD*). (SPOHR, Rui; VIEGAS-FARIA, Beatriz. *Memórias Alinhavadas*. Porto Alegre: Artes e Ofício Editora, 1997)



**FIGURA 7 - Catálogo da exposição de trabalhos dos alunos do Instituto de Artes (capa), 1933**

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

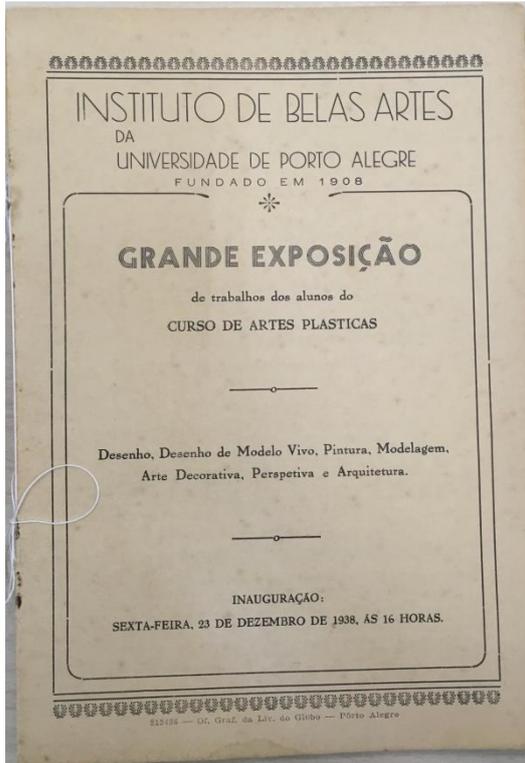


**FIGURA 8 - Catálogo da exposição de trabalhos dos alunos do Instituto de Artes (página 3), 1933**

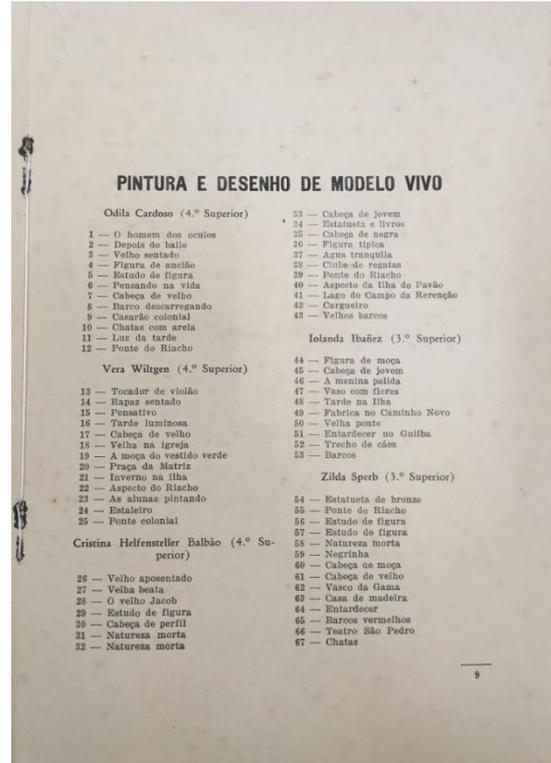
Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

Depois, encontrei registros de participação somente em 1938, em decorrência da *Grande Exposição de Trabalhos dos Alunos do Curso de Artes Plásticas*, promovida pelo IA em dezembro daquele ano. Nessa ocasião, Balbão estava formada em pintura e expôs diversos trabalhos em três categorias, conforme consta nas Figuras 9 a 12: pintura e desenho de modelo vivo, arte decorativa e desenho (do gesso e modelo vivo). São apresentados, respectivamente, 18, 5 e 1 obra.

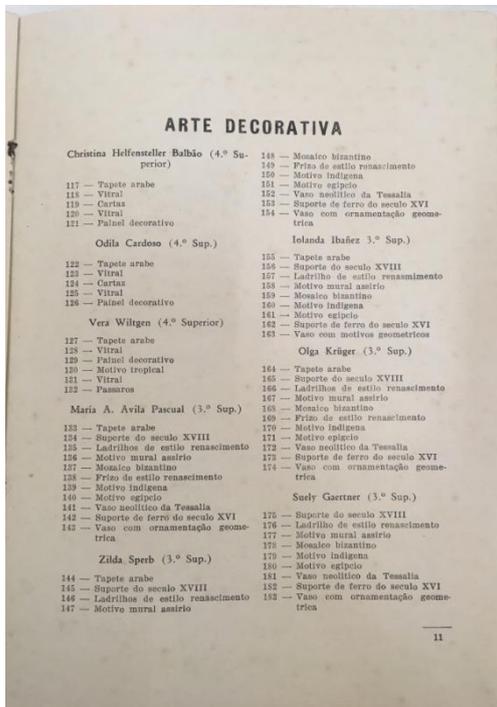
As exposições de trabalhos dos alunos não eram anuais no IA. No Arquivo Histórico da instituição há uma lacuna de anos em que não constam esses catálogos. Posteriormente há registros de uma dessas exposições em 1939, da qual Christina Balbão não participou. Depois há registros de catálogos de exposições dos alunos em 1943 e 1944, mas nessa época Balbão já havia se formado.



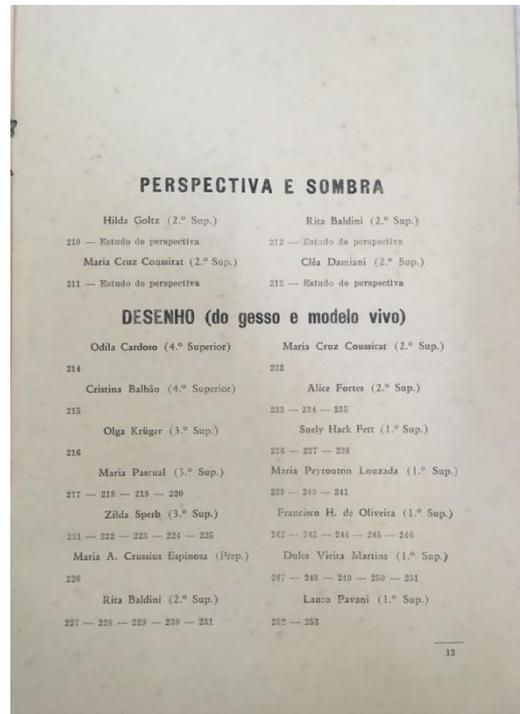
**FIGURA 9 - Catálogo da Grande Exposição de Trabalhos dos alunos do curso de Artes Plásticas (capa), 1938.**  
 Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS



**FIGURA 10 - Catálogo da Grande Exposição de Trabalhos dos alunos do curso de Artes Plásticas (página 3), 1938.**  
 Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

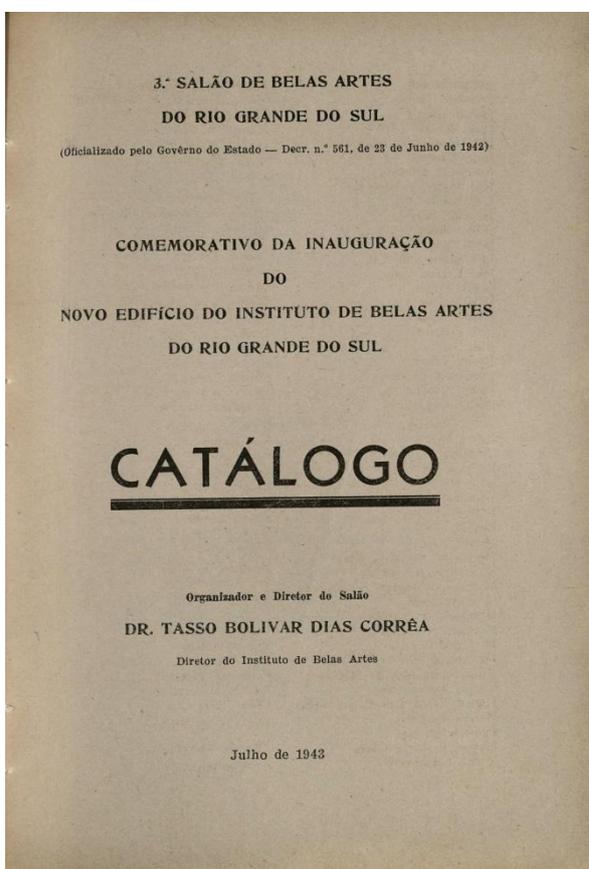


**FIGURA 11 - Catálogo da Grande Exposição de Trabalhos dos alunos do curso de Artes Plásticas (página 6), 1938.**  
 Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

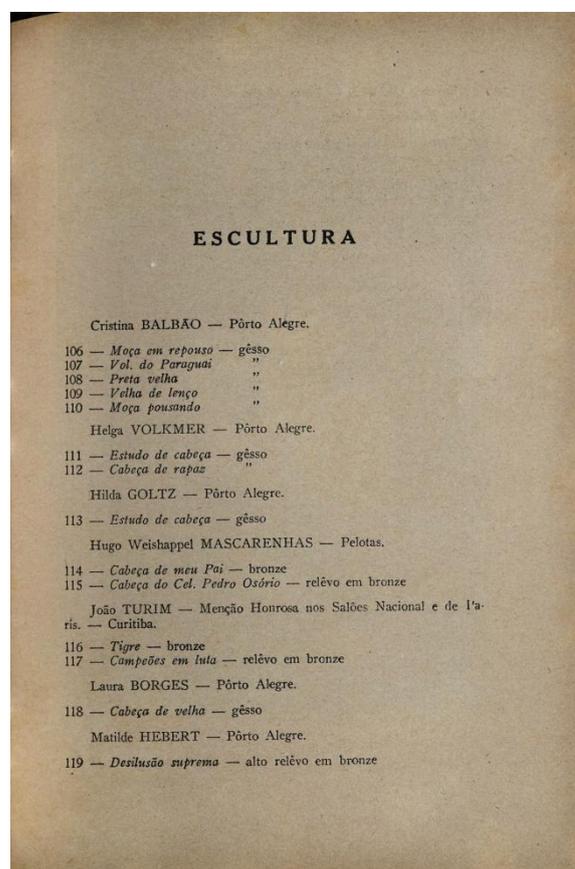


**FIGURA 12 - Catálogo da Grande Exposição de Trabalhos dos alunos do curso de Artes Plásticas (página 7), 1938.**  
 Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

A partir de sua primeira participação em Salão, Christina Balbão apresentou somente esculturas. Após obter o diploma nesse curso em 1938 é convidada, no ano seguinte, pelo professor Fernando Corona, para assessorar suas aulas de ateliê. Assim, provavelmente incentivada por ele, Balbão apresenta cinco obras em gesso no 3º Salão de Belas Artes, o primeiro oficial do Estado e também edição comemorativa de inauguração do novo edifício do IA, em 1943 (Figuras 13 e 14). As obras selecionadas são: *Moça em Repouso*, *Vol. Do Paraguai*, *Preta Velha*, *Velha de Lenço* e *Moça Posando*. Seu talento foi rapidamente reconhecido, pois ganhou a medalha de bronze na categoria escultura.



**FIGURA 13 - Catálogo do 3º Salão de Belas Artes (página 3), junho/1943**  
 Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS



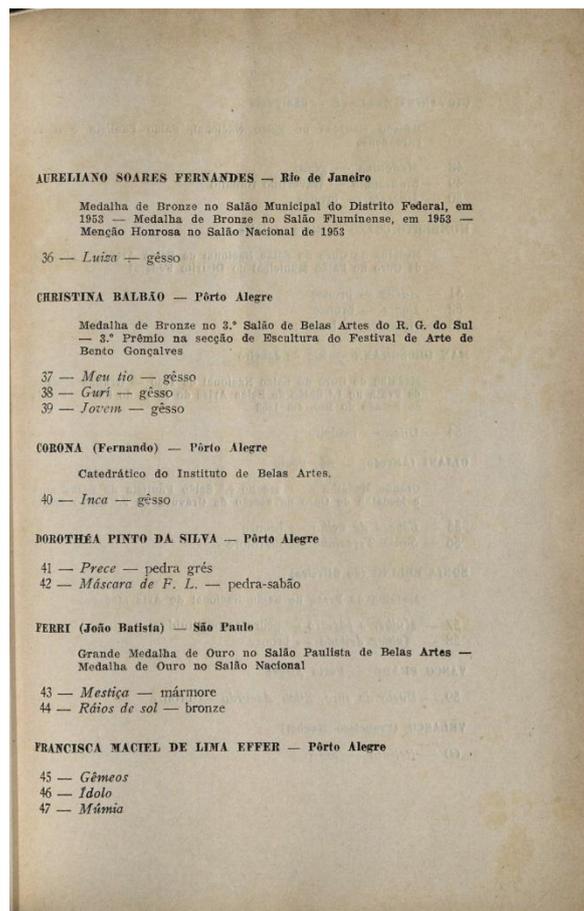
**FIGURA 14 - Catálogo do 3º Salão de Belas Artes (página 10), junho/1943**  
 Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

Após um período de 10 anos, o IA realizou o 4º Salão de Belas Artes, que ocorreu em 1953. Christina Balbão expôs três esculturas em gesso: *Meu Tio*, *Guri* e *Jovem* (Figuras 15 e 16). Nessa edição, recebeu a medalha de prata na categoria escultura. O IA teve ao todo 9 Salões<sup>24</sup>. A partir da 5ª edição Christina não inscreve mais obras, pois passou a ser sempre júri da categoria escultura.



**FIGURA 15 - Catálogo do 4º Salão de Belas Artes (capa), 1953.**

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS



**FIGURA 16 - Catálogo do 4º Salão de Belas Artes (página 5), 1953.**

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

<sup>24</sup> Os Salões do IA aconteceram nos seguintes anos: do 1º ao 9º, em 1939, 1940, 1943, 1953, 1954, 1955, 1956, 1958 e 1962.

Christina Balbão estava sempre em busca de conhecimento. Em 1941, matricula-se no *Curso de Aperfeiçoamento de Pintura*, no IA. Contudo sua formação não se limitava ao IA e às artes visuais. Destacam-se também as inúmeras viagens que fazia – inicialmente como aluna, como a missão de estudos para o Rio de Janeiro de 1938 (FIGURA 17). De 1947 a 1957, cursa *Études Françaises na Faculté des Lettres - Université de Nancy* - França. A Europa seria um roteiro comum para Balbão, que sempre viajava em seus períodos de férias. Em 1952, ela realizou curso em Buenos Aires com o escultor Horácio Juárez <sup>25</sup> (1901-1977) (ROSA, 1997). Nessa ocasião, organizou a viagem como professora do IA, função que ela, junto com Alice Soares, assumia frequentemente. Esse assunto será tratado no próximo capítulo. Também em 1966 frequenta um curso de Filosofia da Arte na Faculdade de Filosofia da UFRGS, o qual conclui no mesmo ano.

---

<sup>25</sup> Segundo o Dicionário de Artistas Plásticos de Córdoba, Horácio Juárez nasceu em Córdoba e foi escultor argentino. Estudou na Escuela Superior de Bellas Artes Figueroa Alcorta, recebeu bolsa para estudar na França por três anos e, quando retorna, instala-se em Buenos Aires. Destacam-se suas obras monumentais em vias públicas como o General San Martín e o General Alvear.

# Vão ao Rio em missão de estudo e intercambio artistico

Como está composta a caravana de alumnos dos cursos de musica e artes plasticas do Instituto de Bellas Artes de Porto Alegre, em viagem de estudo



As alumnas do Instituto de Bellas Artes da Universidade de Porto Alegre, que vão ao Rio em companhia de seus professores

SANTOS, 12 (Da sucursal do DIÁRIO DA NOITE) — Esteve no bordo do "Ishité", a caravana de alumnas dos cursos de musica e artes plasticas do Instituto de Bellas Artes da Universidade de Porto Alegre. As estudantes dirigem-se ao Rio de Janeiro em missão de intercambio artistico, patrocinada pelo governo do Rio Grande e chefiada pelo professor Inacio Corrêa director do mesmo instituto. Seguem incorporados á caravana, os srs

Angelô Guido, Fernando Corona João Fabrion e sra. Aurora Eboili respectivamente, professores de historia da arte, escultura, pintura e musica.

As excursionistas foram hoje em digressão a S. Paulo ali visitando a Escola de Bellas Artes, o Salão de Maio e o Museu do Ypiranga. O interventor federal em S. Paulo convidou as estudantes a uma estadia mais demorada na capital do Estado, ficando assentado que se fariam ouvir ali em concertos após uma permanencia de dez dias no Rio de Janeiro. Provavelmente, a excursão se estenderá também á Ouro Preto e Sabará, onde as mesmas alumnas vão estudar os trabalhos de talhe das igrejas.

AS ALUMNAS COMPONENTES DA DELEGAÇÃO

Compõem a delegação, as senhoritas Consuelo Totta, Julia Wagner Conin, Vela Wiltgen, Nilza Luzzi, Yolanda Ibanez, Odila Cardoso, Christina Balbão, Lúcia Niederauer Fontoura, Maria Hervé Pintos, Maria Amalia Pinto Barbosa, Maria de Lourdes Madeira e o estudante Newton Frates de Lima. Das alumnas viajantes 4 são do curso de Artes Plasticas, 6 de piano, 1 de violino, e 1 de canto.

O sr. Angelo Guido, jornalista e pintor, que já residiu nesta cidade é um dos nossos valores em arte. Ultimamente, publicou um livro intitulado: "O reino das mulheres sem lei" que versa sobre as lendas e a mythologia do Amazonas.

Acompanham a caravana as sras. Tasso Corrêa, viúva Wiltgen, Tarcila Wagner Conin, viúva Fabrion, Regina Madureira Salvaterra e a viúva Dario Totta.

No Rio de Janeiro as alumnas do Instituto de Bellas Artes de Porto Alegre se farão ouvir em concertos vocai e instrumental, na Rádio Nacional, durante a hora do Brasil.

**MOLESTIAS DOS OLHOS**  
**DR. ROGERIO SILVA**  
 Cirurgia, clinica das molestias dos olhos e prescripção de oculos.  
 P. DO PATRIARCHA 8 — 2.º andar — Sala 2-D  
 (Altos da Casa Sãc Nicolau)

**BLUE BIRD**  
 PASSARO AZUL  
 RUA 7 DE ABRIL N. 19  
 Sob nova direcção de NORMA DONALD

**DANCING — VARIEDADES — O maior da Capital**  
 2 — POMPOSAS ESTREAS — 2

**ROSITA DE LIMA**                      **ECIA PONS**  
 Optima sambista                      Bailarina internacional

SEMPRE SUCCESMO

**ELISA AND LORECY — PORTENHITA — RUBI MAR**  
**NORMITA — ROMUALDO**

1 0 — NOVAS BALARINAS — 1 0  
 EXCELENTE "IAS TYPICA" COM O NEGRO JOHNSON  
 O MAIS VASTO PROGRAMM ARTISTICO POSSUE SO' O PASSARO AZUL L...

**CERVEJA SO' CASCATINHA!**

FIGURA 17 - Reportagem da viagem de estudos dos estudantes do IA para o Rio de Janeiro, Jornal Diário da Noite, 13/7/1938

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

## 1.2 A PROFESSORA

Pode-se dizer que a área profissional em que Christina Balbão mais se destacou foi a do ensino, ou pelo menos assim passou a ser conhecida em Porto Alegre. Todos os entrevistados, tanto como reportagens de jornal que encontrei, elogiavam seu talento como docente, sua paciência e principalmente a liberdade que Balbão dava aos alunos, mostrando diferentes técnicas artísticas, mas sem doutrinar.

O primeiro local em que Christina Balbão atuou como professora foi o Colégio Fernando Gomes, hoje chamado Escola Técnica Senador Dornelles. Localizada na Rua Duque de Caxias, perto da casa de Balbão, a Escola foi construída em 1913 e teve suas bases pedagógicas fundamentadas no ensino republicano (ERMEL, 2009). A autora comenta que dentre as novas diretrizes estavam a divisão dos alunos em séries graduadas, o estabelecimento de exames, programas amplos e enciclopédicos, e a profissionalização do magistério. Assim, Balbão entra através de concurso público realizado para o Estado do Rio Grande do Sul, para lecionar artes ao ensino fundamental em 1940 e ali permanece até 1946, quando pede exoneração do cargo (Figura 18). Sobre essa época, a sobrinha Glecia comenta:

[...] quando eu voltei de São Paulo fui estudar no Colégio Fernando Gomes, ela estava lecionando artes ali. Ela se formou em 1938, isso era 1941, ela estava começando como professora. Eu lembro que ela levava uns bichinhos para nós olharmos e desenharmos, eu era muito pequena mas lembro que era uma aula de desenho diferente.

Na Figura 18, lê-se:

Professora de desenho. Ingressou no magistério por concurso realizado em 1939 na Secretaria de Educação e Cultura do Estado (classificada em terceiro lugar), foi nomeada professora efetiva de primeira entrância 13/9/1940. Optando pelo cargo de professor auxiliar no Instituto de Belas Artes do R. G. do Sul, exonerou-se a 1º de janeiro de 1946 do magistério primário (Escola Experimental Fernando Gomes).

Christina Balbão inicia no IA a convite de Fernando Corona para ser assistente no ateliê de escultura, após completado o primeiro ano de curso, no final de 1939. Na ocasião havia somente duas alunas e Balbão foi quem deu

continuidade à atividade. Em 1944, passa a ser instrutora de ensino superior, nome da função dada aos professores subordinados aos catedráticos.

INSTITUTO DE BELAS ARTES DO RIO GRANDE DO SUL  
Seção do Pessoal

NOME (por extenso) Christina Helfensteller Balbão  
 FILIAÇÃO: Antonio Martins Balbão - Emilia Helfensteller Balbão  
 DATA DO NASCIMENTO: 17 fevereiro 1917 Cidade: Porto Alegre  
 ESTADO: Rio Grande do Sul Estado Civil: solteira  
 NOME DO CONJUGE: .....

RESIDÊNCIA: Cel. FERNANDO MACHADO, 573  
 DIPLOMA (s) QUE POSSUE: ARTES PLÁSTICAS (PINTURA 1938 - ESCULTURA 1942)  
DIDÁTICA, DO DESENHO (1954), DIPLÔME D'ÉTUDES FRANÇAISES (UNIV. NANCY, 1957)  
 ESTABELECIMENTO (s) POR ONDE SE DIPLOMOU: INSTITUTO de BELAS ARTES - Rio Sul  
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA do RS do Sul - Associação de Cultura Franco - Brasileira  
P. Alegre  
 ANO (s) EM QUE SE DIPLOMOU: 1938 - 1942 - 1954 - 1957

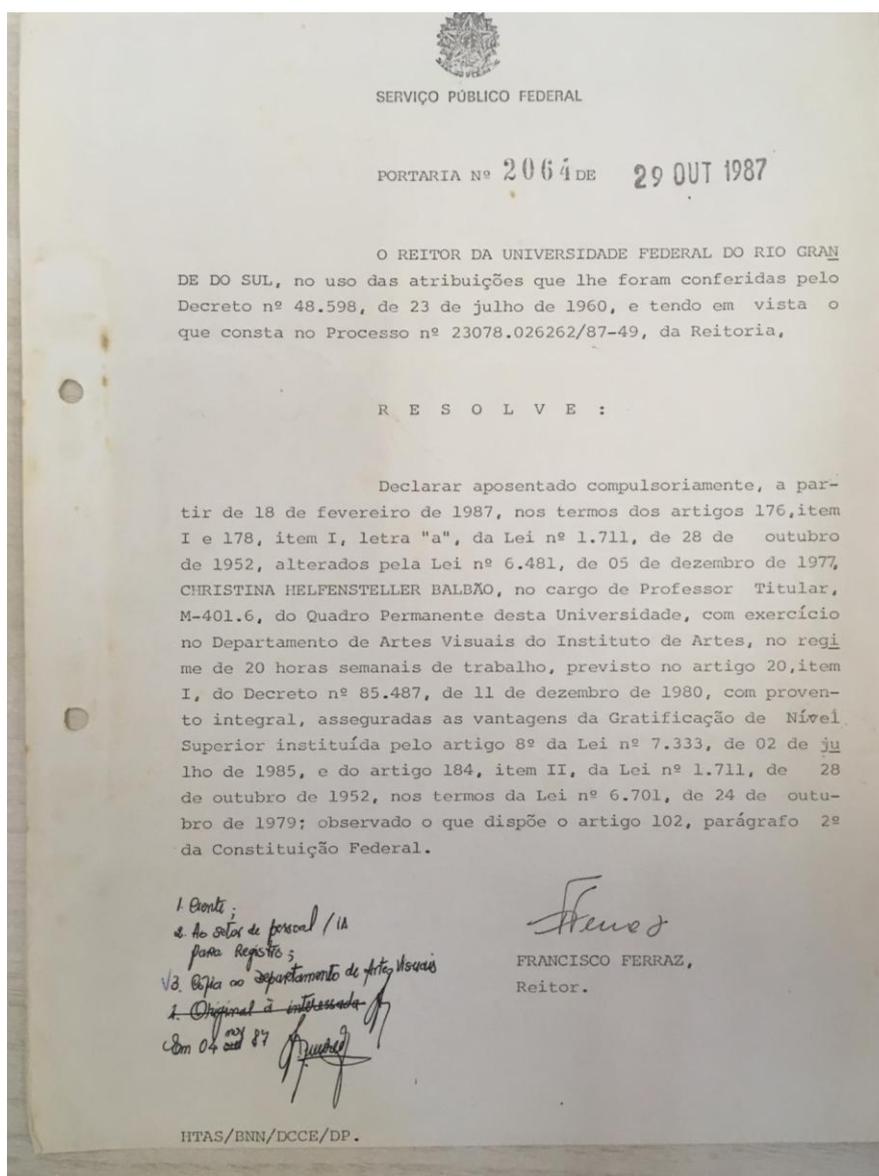
DEPENDENTES:		
n o m e	Parentesco	Data nascimento
.....	.....	.....
.....	.....	.....
.....	.....	.....
.....	.....	.....
.....	.....	.....
.....	.....	.....
.....	.....	.....
.....	.....	.....
.....	.....	.....
.....	.....	.....

DADOS BIOGRÁFICOS: PROFESSORA DE DESENHO - Ingressou no  
magistério por CONCURSO realizado em 1939 - Secretaria de  
Educação e Cultura do Estado (classificada em terceiro lugar)  
FOI NOMEADA PROFESSORA EFETIVA de PRIMEIRA ENTRANCIA em 13-9-1940  
OBTANDO PELO CARGO de PROFESSOR AUXILIAR NA INSTITUIÇÃO DE BELAS  
ARTES DO R.G. do Sul, expondo-se a 1º de janeiro de 1946 de  
MAGISTERIO PRIMÁRIO (Escala Experimental, n. FERNANDO GOMES)  
ASSISTENTE-TÉCNICO do MUSEU de ARTE do RS do Sul desde 1955.....  
EXCURSÕES CULTURAIS, ao URUGUAY, ARGENTINA e FRANÇA.....  
EXPOSIÇÕES COLETIVAS, em viagens de estudos Bahia e Minas Gerais  
CURSO INTENSIVO com o escultor HORACIO JUAREZ, Buenos Aires.  
Obteve medalhas: de BRONZE (1943) e PRATA (1953) na 3ª e 4ª  
(Sessão de escultura) de PRATA (1959) Salão de Belas Artes do RS do Sul  
3º PRÊMIO - FESTIVAL de Bento Gonçalves (1953).....  
3º PRÊMIO - V Salão Câmara Municipal P. Alegre (1958).....  
1º PRÊMIO - AQUISIÇÃO - VI Salão "....." (1959).....  
Bleita pelos artistas ou indicada pelo Instituto de B. Artes participou  
como membro de (Se este espaço não for suficiente utilize fôlha avul  
sa) júri de diversos salões realizados na capital, desde 1951.

FIGURA 18 - Ficha Cadastral como professora titular no Instituto de Artes com currículo, sem data.

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

Paralelamente às suas aulas no Colégio Fernando Gomes, Balbão conduzia suas atividades no IA. Ela e Judith Fortes foram as primeiras assistentes mulheres do instituto, segundo a cronologia do livro *100 anos de Artes Plásticas no Instituto de Artes da UFRGS* (GOMES, 2012). Balbão foi a segunda professora mulher a alcançar o título de cátedra<sup>26</sup> no IA e foi a professora que mais tempo lecionou na instituição, permanecendo até a aposentadoria compulsória, em 1987 (Figura 19).



**FIGURA 19 - Documento que declara a aposentadoria compulsória de Christina Balbão no IA, Portaria nº 2064 de 29/10/1987.**

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

<sup>26</sup> A primeira cátedra de uma professora mulher foi de Alice Soares, intitulada *Linha, fundamento do desenho*, defendida e publicada em 1961.

As funções de Balbão, como constam na certidão nº106 de 1964, eram (Figura 20):

[...] Christina Helfensteller Balbão, Instrutor de Ensino Superior, nível 16, vinculada à cadeira de Desenho de Modelo Vivo do Curso de Artes Plásticas desta Escola, desde sua admissão, em 16 de julho de 1944, ministra aulas práticas, em caráter permanente, de acordo com o programa da Cadeira, participando de comissões examinadoras, além de examinar e conferir graus nos trabalhos escolares, sob orientação e responsabilidade do Professor-Catedrático.

Ela frequentemente substituiu os professores em períodos de ausência, como consta no decreto da Figura 21. O documento informa que ela deveria assumir as aulas de Modelagem e Escultura, ministradas por Fernando Corona, enquanto esse estivesse em período de afastamento temporário em virtude de estudos na Europa. Também as aulas de desenho de João Fahrion eram dadas por Balbão quando o professor se ausentava em virtude de tratamentos de saúde – fato que ocorreu em diversas épocas, segundo dados do Arquivo Histórico do Instituto de Artes. Em 1966, em decorrência da aposentadoria de João Fahrion, Balbão assumiu em definitivo a cadeira de Desenho e Modelo Vivo, função na qual permaneceu até a sua aposentadoria. Nos documentos das Figuras 22 e 23 observamos os pedidos de promoção para professora catedrática do IA, concedida a ela em definitivo em 1968 (FIGURA 23). Diferentemente dos outros professores catedráticos, Christina Balbão não defendeu uma tese de cátedra; em vez disso, seu cargo foi concedido pela Universidade.

A N E X O Nº 1CERTIDÃO Nº 106/64

Certifico, para fins de readaptação, que CRISTINA HELFENSTELLER BALBÃO, Instrutor de Ensino Superior, nível 16, vinculada à Cadeira de Desenho de Modelo Vivo do Curso de Artes Plásticas desta Escola, desde a sua admissão, em 16 de julho de 1944, ministra aulas práticas, em caráter permanente, de acordo com o programa da Cadeira, participando de comissões examinadoras, além de examinar e conferir graus nos trabalhos escolares, sob a orientação e responsabilidade do Professor - Catedrático. Certifico, igualmente, que essas atividades, que excedem as atribuições de Instrutor de Ensino Superior, por pertencerem a de Assistente de Ensino Superior, foram impostas pelas imediatas e permanentes exigências do ensino da Cadeira, carecendo-a Escola, outrossim, de Assistente de Ensino Superior. Certifico, finalmente, que em vista da atuação ediciente, da assiduidade, da continuidade e do caráter permanente / no exercício das atribuições de Assistente de Ensino Superior; e, de outro lado, em razão da iminente necessidade para o ensino, desempenhou, de fato, o Instrutor supra citado o cargo de Assistente de Ensino Superior.

Porto Alegre, 20 de abril de 1964.

Professora Aurora Desidério  
Diretora

FIGURA 20 - Certidão que constam as atividades exercidas por Christina Balbão no IA, 1964.  
Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

Pôrto Alegre, 20 de Fevereiro de 1952.

Of. IBA Nº 43/52

Senhora Professora,

Pelo presente, comunicamos, de ordem superior, que, em virtude do afastamento temporário do Professor Fernando Corona - Catedrático de "Modelagem e Escultura", com o fim especial de realizar uma viagem de estudos a Europa, fostes designada para, enquanto durar esse impedimento, atender as classes dêsse professor.

Atenciosamente,

Secretário

A Exm<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> Prof<sup>a</sup> Cristina H. Balbão  
H/C.

**FIGURA 21- Decreto para Christina Balbão assumir as aulas do Fernando Corona enquanto ele se ausentava do IA, 1952.**

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS



Of. nº 61/66.  
 .....

Porto Alegre, 17 MAR 1966

Aproveito a oportunidade para reiterar-lhe  
 Da Diretora da Escola de Artes  
 Ao Snr. Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
 Assunto: substituição de professor

SISTEMA  
 Professora Aurora M. G. Desidério  
 Diretora.

Senhor Reitor,

Face o Professor JOAO FAHRION ter sido atingido, a partir de 1º de janeiro do ano em curso, pela compulsória, nos termos do item I, do artigo 53, do Estatuto do Magistério Superior, ficou vago o cargo de Professor Catedrático da cadeira de DESENHO DE MODELO VIVO, desta Escola.

Por essa razão, o ensino dessa matéria, a partir de 15 de fevereiro último, ficou sendo ministrado por CRISTINA HELPFENSTELER BALBO, Instrutora de Ensino Superior, beneficiada pelo item IV, do artigo 57, do Estatuto acima citado, lotada na cadeira em tela.

Outrossim, o Conselho Departamental, por unanimidade, aprovou proposta da Direção no sentido de ser encaminhado a Vossa Magnificência, nos termos do artigo 97, do Estatuto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o nome dessa Instrutora para exercer, como substituta, enquanto não for a cadeira provida, as funções inerentes ao cargo de Catedrático da mesma.

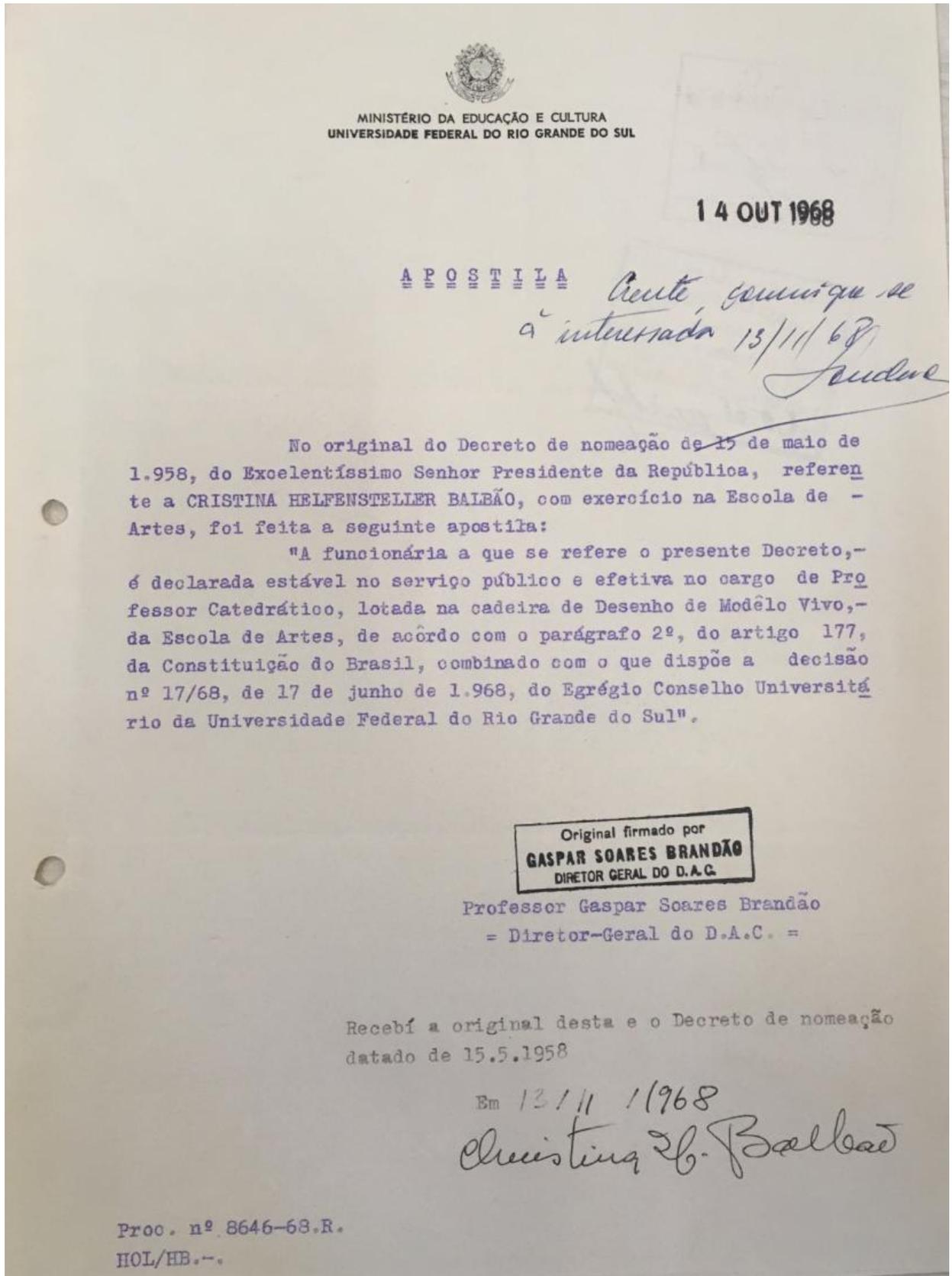
Isso posto, data venia, solicito de Vossa Magnificência a imprescindível autorização no sentido de ser promovido o ato necessário, a contar de 15 de fevereiro/passado.

.....

1302/25011  
 Ao Exmo. Snr. Prof. Doutor José Carlos Fonseca Milano  
 DD. Reitor Magnífico da Universidade Federal do R.G.Sul

FIGURA 22 - Requerimento de professora da cátedra da cadeira Desenho de Modelo Vivo do IA, 1966.

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS



**FIGURA 23 - Apostila do decreto de 1958 que intitula Christina Balbão como professora catedrática do IA, 1968.**

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

Também é importante destacar a forma com que Christina Balbão ministrava as aulas. Nas entrevistas concedidas para essa monografia, a palavra *influenciadora* foi a que mais se repetiu quando eu questionava o que Balbão havia sido para seus alunos. Parte do carinho com que eles falavam de Balbão, a meu ver, deve-se a ela ter sido uma orientadora que incentivava de forma multidisciplinar e sem impor regras. Observamos isso nas falas de Anico Herskovits:

[...] ela não palpitava, não dava um norte. Isso eu peguei dela, ela era professora de não ensinar nada, para não induzir o aluno. Depois a gente conversava, via para onde ia a coisa. Ela falava por alto para não intervir no trabalho do aluno, era bem interessante da parte dela.

Ela [a Christina] ficava circulando e de vez em quando ela dizia alguma coisa: “olha aqui, te afasta do desenho...” Eram duas ou três horas de aula, a gente fazia vários desenhos e no último que eu fiz um risco [mostra no ar um rastro circular], eu tirei do cavalete e amassei e joguei no lixo. Ela foi no lixo, desamassou o desenho e pendurou [na parede].

Ela também estimulava o uso de materiais diferentes e também tamanhos diferentes. Ela me disse um dia: ‘quem sabe tu traz um papel assim...’ Daí comprei um Kraft a metro e comecei a desenhar, eu tenho desenhos enormes, rolos de desenho. Nanquim, noqueira, hoje em dia nem se usa mais isso, eram pedras que se comprava em ferragem e se usava em móveis, tu podia diluir aquilo em álcool e fazia tinta, um marrom lindo! Dava para fazer bico de pena. Ela sempre andava em volta, minha e da Ana [se refere a Ana Alegria, sua colega e artista], ela foi uma grande incentivadora.

Anico Herskovits e Luiz Gonzaga comentaram que tudo o que Balbão via de diferente em suas viagens ela trazia como referência para as aulas: máscaras africanas, pequenos objetos de artesanato, até mesmo coisas que ela colhia na rua eram para a observação e desenho dos alunos.

Ela recomendava livros, filmes, exposições... Ela tinha um baú dos mistérios, às vezes ela tirava um chapéu [a mãe dela tinha sido chapeleira] ou um pé seco de galinha para a gente desenhar - eu tenho uma caixinha com insetos, isso foi influência da Dona Christina - ela tinha esqueletinhos de peixe secos, horrores de coisas porque às vezes não tinha modelo e ela estimulava a gente com esses objetos. (Anico Herskovits)

Ela era uma mulher muito culta e viajada, todo o meu processo de abertura cultural, porque eu vim do interior, foi na casa dela. Ali eu comecei a ver. Ela gostava muito do artesanato, viajava e trazia, assim como ela gostava da

arte mais erudita, ela gostava também do artesanato, dava valor. (Luiz Gonzaga)<sup>27</sup>

Em uma época em que as novidades apareciam somente por intermédio de revistas, os relatos de viagem de Balbão serviam como referência para os alunos. Anico comentou que Balbão trazia discos de diferentes locais; alguns artistas ela conheceu através da professora, que colocava música para tocar nas aulas enquanto os alunos produziam. Ela insistia que isso fazia com que eles estimulassem outros sentidos que ajudavam em suas artes. Anico relatou que esses aprendizados ela mesma incorporou em suas aulas quando assumiu como professora no IA; Balbão foi, considerados esses relatos, inspiração para a Anico artista e para Anico educadora.

Glecia concorda, disse que a tia estava sempre induzindo a imaginação dos sobrinhos, até quando lia histórias para eles dormirem era com entusiasmo. Também relatou que seu filho é músico graças a ela:

Meu filho hoje é músico e eu lembro que quando víamos ele estava lá embaixo no ateliê da Christina - nós morávamos em cima e ela embaixo. Ela tinha muitos instrumentos, dava tambores e chocalhos para ele desenvolver os dotes artísticos. Acho que ela realmente descobriu porque hoje ele é músico [risos].

Balbão também incentivava os alunos a participarem dos Salões e a exporem seus trabalhos. Do 5º ao 9º *Salão de Belas Artes*, promovido pelo IA, ela compôs o júri na categoria escultura; também era chamada para avaliar trabalhos em outras exposições.

Eu lembro dos Salões que aconteciam em Porto Alegre, os alunos tinham uma confiança muito grande pela seriedade do trabalho dela. Por exemplo, no Salão da Cidade de Porto Alegre, os artistas podiam sugerir um nome para compor o júri e sempre ela ganhava. (Luiz Gonzaga)

Sim, eu me lembro que os primeiros Salões eu participei com desenhos que eu fazia na cadeira dela. Ela mandava eu inscrevê-los. No começo eu não tirava prêmio, depois sim. Eu lembro que no ano 2000 eu fiz uma exposição na Galeria Bolsa de Arte, eu continuei indo depois da abertura e um dia encontrei a Dona Christina visitando a minha exposição. Ela sempre prestigiava. (Anico Herskovits)

---

<sup>27</sup> Entrevista concedida à autora em 27/09/2018

Em nível institucional e administrativo, Christina Balbão foi diretora do IA entre 1971 e 1975. Também chefiou o *Departamento de Artes Visuais* no biênio 1974-1975 e depois em 1983, em caráter de substituição eventual. Contudo, uma das questões que me interessava na pesquisa era pensar no papel político que Balbão exercia dentro do IA. Os entrevistados falaram sobre os métodos de aula, mas não especificamente sobre as funções que Balbão desempenhava em nível de tomada de decisão. Encontrei somente este trecho da entrevista de Alice Soares que informa a importância de Balbão na ampliação da carga de aulas da disciplina de desenho:

Quando entrei na escola [Instituto de Artes], a disciplina de desenho se resumia tão somente a dois anos. As outras pinturas se estendiam pela maior parte do curso. Conseguimos, com o apoio do Fahrion, aumentar a carga de desenho para os quatro anos do curso. Eu própria lutei por isso, quando com o tempo fui adquirindo certa força de palavra no Instituto. O desenho é uma base para tudo, para a pintura, para a escultura, oferece tantos caminhos. [...] Uma outra pessoa responsável por essa mudança, um nome que nunca aparece, por ser uma pessoa que não gosta de ser destacada, é a Cristina Balbão. Dentro da escola ela tinha muita segurança, uma certeza no que fazia e dizia. Quando percebia a capacidade de alguém para entrar no caminho da arte, era notável o que Cristina conseguia, com sua orientação. Para mim, foi um verdadeiro alicerce, alguém que me levava a enxergar as coisas. Cristina Balbão é uma figura sobre quem nunca vai se dizer o bastante. (Alice Soares *apud* BRITES, 1998, p. 50)

Além do papel docente e administrativo dentro do IA, Balbão realizava diversas viagens pessoais (Figura 24) e também organizava viagens educacionais para os estudantes junto com a colega e também professora, Alice Soares. Na Figura 25, consta o documento da portaria número 14 de 1952 autorizando Balbão a chefiar a missão de estudos para Buenos Aires. Bohns (2005) destaca a importância dessas viagens:

O simples fato de deslocar os estudantes de seu meio cultural próprio, dando-lhes referências completamente diferentes daquelas a que estavam habituados, provoca uma abertura de horizontes que brevemente seria sentida, pelo aumento da movimentação cultural em Porto Alegre. As viagens também ampliam o grau de intimidade com o campo profissional mais complexo daquele que conheciam no Rio Grande do Sul. (2005, p. 259)

Em 1947, Christina Balbão participa da fundação da *Associação Araújo Porto Alegre*, criada por estudantes e professores do IA com objetivo de estudar e

disseminar a arte brasileira em outras regiões e países. A busca era por uma estética moderna, mas que estivesse vinculada à identidade do povo brasileiro (BOHNS, 2005). Ou seja, Bohns esclarece que havia uma busca pelo reconhecimento da arte barroca e colonial, desencadeada pelo movimento modernista. Assim, o grupo organizou viagens de estudo para locais históricos como Bahia e Minas Gerais. Além de observação, os artistas produziam obras a partir de suas experiências e realizavam exposições e conferências para a disseminação da arte que eles consideravam verdadeiramente brasileira. Entre os fundadores estavam os artistas Paulo Flores (1926-1957), Plínio Bernhardt (1927-2004) e Vitório Gheno (1923), além de Balbão. Nesse mesmo ano, Balbão leva os alunos ao interior de Minas Gerais para estudar as obras de Aleijadinho. Na Figura 26, há o registro desse momento, onde ela posa para fotografia junto da estátua de um dos profetas feito pelo artista no Santuário do Bom Jesus de Matosinhos. Em 1952, a AAPA viajou para o nordeste e em 1955, para o Rio de Janeiro. Bohns afirma também que as viagens constituíram um importante trabalho de pesquisa documental, pois os estudantes copiavam fachadas de prédios históricos, muitos que não existem mais, valorizando assim o patrimônio brasileiro, como era objetivo do grupo.

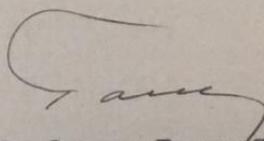
Também é importante falar sobre sua participação como fundadora da Escolinha de Arte. Balbão, junto com um grupo de professores (Alice Soares, Fernando Corona, Ângelo Guido, Ado Malagoli, Alice Brueggemann, Lygia Rothmann, Leda Flores, Rubens Cabral) criou, em 1959, a Associação Cultural dos Ex-Alunos do IA-UFRGS. Por iniciativa da associação e, principalmente, de Balbão e de Alice Soares (que foi a primeira diretora), em 15 de abril de 1960 foi fundada a Escolinha de Artes, para proporcionar a crianças e adolescentes uma formação complementar à escola através da livre expressão artística. Essa proposta se inseria como um núcleo de apoio ao Movimento Mundial de Arte-Educação, iniciado no Brasil por Augusto Rodrigues<sup>28</sup>. Condizente com as formas de ensino que Balbão praticava, a Escolinha de Artes pode ter sido uma continuidade das didáticas propostas para as séries iniciais quando era professora do Colégio Fernando Gomes, reiterando, desse modo, a importância que ela dava a educação artística experimental que seguiu praticando também no IA.

---

<sup>28</sup> Informações obtidas na Carta da Professora Iara de Mattos Rodrigues sobre a saída da Escolinha do prédio do IA em 1995. Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

Pôrto Alegre, 19 de janeiro de 1.953.

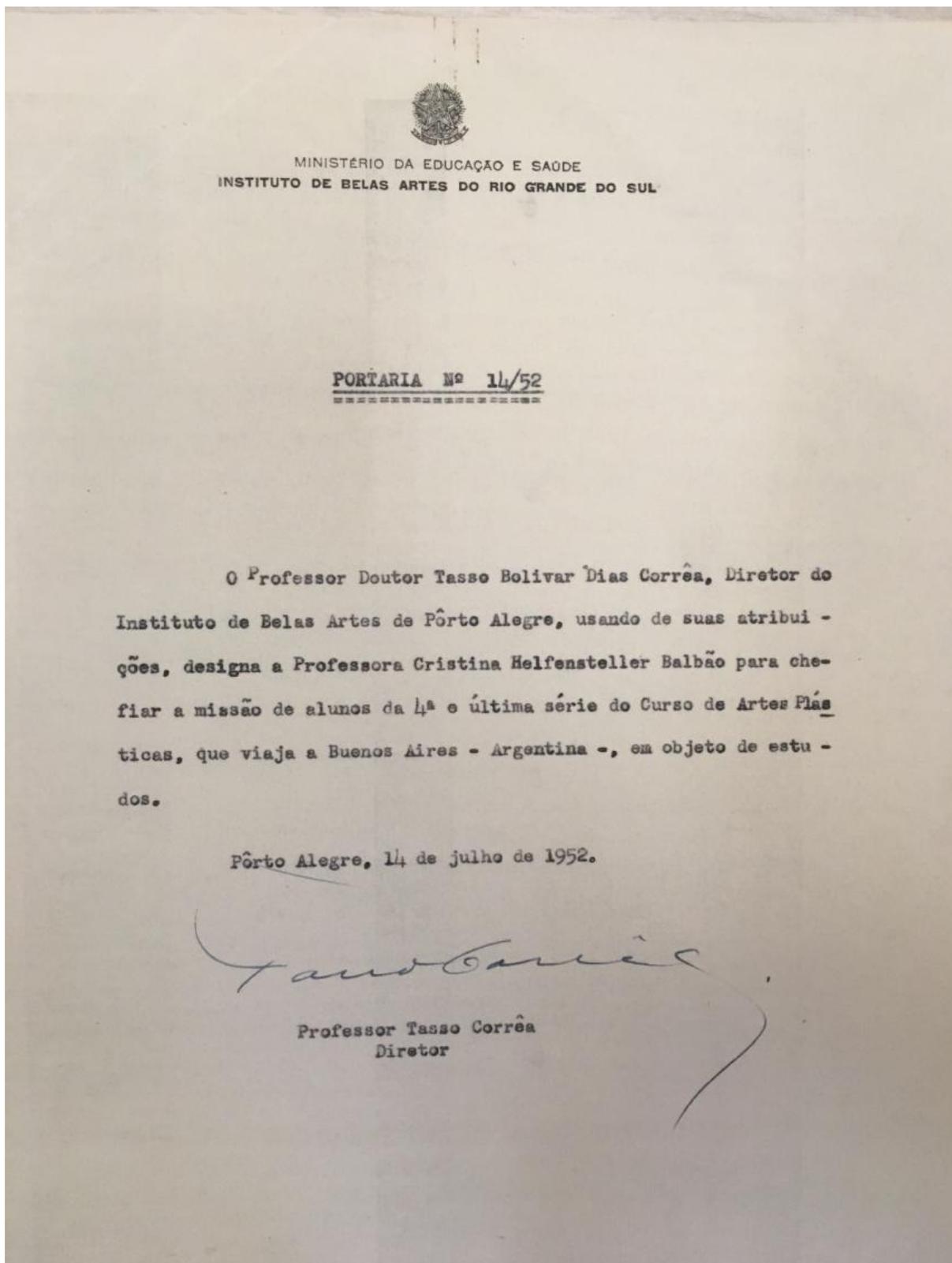
O Professor Doutor Tasso Corrêa, Diretor do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, pela presente, tem a honra de recomendar à consideração das autoridades de ensino, a Professora CRISTINA HELFENSTELLER BALBÃO, que viaja a Europa em objeto de estudos e observação.



Professor Tasso Corrêa  
Diretor

**FIGURA 24 - Carta de recomendação de Fernando Corona para viagem de estudos e observação que Christina Balbão fará para Europa, 1953**

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS



**FIGURA 25 - Requerimento para chefiar a viagem de estudos do IA para Buenos Aires, 1952**  
Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS



**FIGURA 26 - Christina Balbão junto a estátua de Aleijadinho no Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, Congonhas/MG, 1947.**

Fonte: Acervo da família Balbão

Balbão, conforme relatou sua sobrinha, não parava em casa, sempre frequentando os eventos culturais da cidade. Comprovo isso pelos registros de jornais e fotografias da época: Christina Balbão sempre prestigiava todas as cerimônias, jantares e exposições do IA. A Figura 27 atesta que ela esteve presente na comemoração do título de Miss Brasil de uma de suas alunas, Maria José Cardoso – evento que trouxe prestígio para a instituição. Na Figura 28, observamos uma foto com colegas professores e alunos em uma das salas do IA. Na Figura 29, Balbão comparece ao jantar de cerimônia de comemoração dos 20 anos da administração de Tasso Bolívar Dias Corrêa no IA, fato que foi amplamente divulgado pela mídia. O recorte de jornal presente na Figura 30 informa que Christina Balbão compareceu às cerimônias do 45º aniversário do IA.

Balbão foi lembrada e homenageada em exposições de professores no IA, sempre participando da categoria escultura. Seu nome consta no catálogo da exposição *Arte Riograndense do Passado ao Presente*, realizada no IA em 1961 (Figuras 31 e 32). Na exposição de 1977, *Professores de Ontem e Hoje*, três trabalhos em gesso foram selecionados (Figuras 33 e 34). A sua produção dedicarei o próximo capítulo.



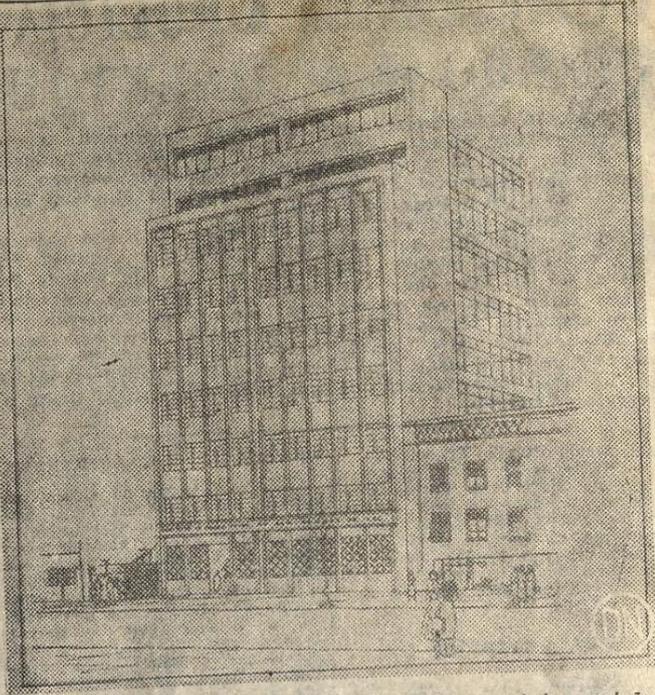
**FIGURA 27 - Professores em comemoração do título de Miss Brasil de Maria José Cardoso, aluna do Instituto de Belas Artes.** Da esquerda para a direita: João Fahrion, Christina Balbão, Ângelo Guido, Maria José Cardoso, Ado Malagoli e Alice Soares, Instituto de Belas Artes, 1956.  
Fonte: Blog Círio Simon



**FIGURA 28 - Professores e estudantes do curso de artes plásticas do Instituto de Belas Artes.** Christina Balbão (1ª sentada a esquerda de quem olha a foto). Ao fundo o mural de Aldo Locatelli no Instituto de Belas Artes.  
Fonte: Blog Círio Símon



**FIGURA 29 - comemorações dos 20 anos da administração de Tasso Bolívar Dias Corrêa no Instituto de Belas Artes.** Da esquerda para a direita: Christina Balbão, Idalina Pires da Silveira Rocha, Víctor Neves, Waldemar Lübke e Ruth Malagoli (ao fundo).  
Fonte: Blog Círio Símon



*Projeto de ampliação do Instituto de Belas Artes, estabelecimento que no dia 22 comemora a passagem do seu 45.º aniversário.*

## 45.º ANIVERSÁRIO DO INSTITUTO DE BELAS ARTES

Comemorarão mais um aniversário de fundação, no próximo dia 22 do corrente, o Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul.

A passagem do 45.º ano de vida da benemérito e tradicional casa de ensino artístico vem encontrá-la em plena atividade ascendencial, atualmente em busca de espaço com a construção de um aumento, como se vê no "liche", cujas obras já estão bastante adiantadas.

Ultimado esse acréscimo, Porto Alegre poderá se ufanar de possuir uma das mais modernas e confortáveis escolas de arte do continente sul-americano. Estão aí previstos mais um pequeno auditorio, uma galeria de artes plásticas, aumento geral das dependências e salas de aulas, já insuficientes no momento, em virtude da crescente afluência de alunos que anualmente acorrem à matrícula nos cursos mantidos pelo IBA.

Festejando a magna data, a direção do estabelecimento, a cuja testa se encontra a dinâmica figura do prof. Tasso Corrêa programou várias comemorações.

Sobressai dentre elas, com significativo destaque para a cultura rio-grandense, a fundação da Sociedade Cultural do Instituto de Belas Artes (SOCLIBA), com a finalidade de realizar empreendimentos tanto no terreno das artes plásticas como no da música, incentivando o intercâmbio e as exposições dos

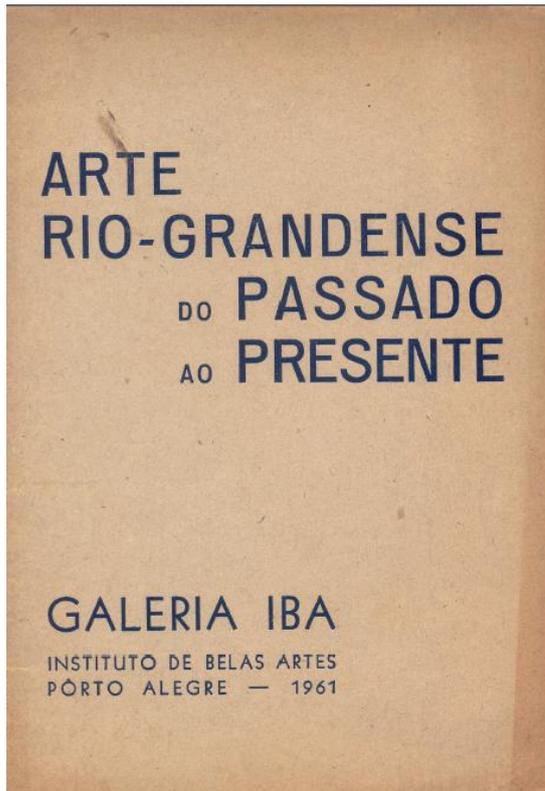
verdadeiros artistas nossos e estrangeiros.

A noite, será realizado um jantar de confraternização, em local que será proximamente anunciado, ao qual já se inscreveram na secretaria do Instituto, as seguintes pessoas, ligadas aos nossos meios artísticos:

Dr. Tasso Corrêa e esposa, Rosaina Daudt Corrêa, Fernando Corona e esposa, João Fahrton, Yvone van der Perre, dr. Braço Sagado Martins, esposa e filha, Victor Neves, Luiz Maristany de Trias e esposa, Alice Ardohain Soares, Aldo Maagoli e esposa, dr. Paulo do Couto e Silva e esposa, Cristina Balbão, dr. Ernani Corrêa, Angelo Guido e esposa, dr. Bruno Arnt e esposa, Benito Castañeda, dr. Ney Chrysostomo da Costa, Lygia Tatson, Grazia Antonleta Ebell, Cecilia Lemos, Luiz Fernando Corona, Antonina di Primio Maineri, Lucilla Maineri, José Rafael Pinto Rocha, Wilmar Albert e esposa, eng.º José M. Conceição, Jahvra Corrêa Santos, Olga de Siqueira Pereira, Ricardo D'Aló, Maria Ferreira Alabarta, Alayde Pinto Siqueira, Alzira Correia Lima, dr. Paulo Guedes e esposa, Gustavo Adolfo Fest e esposa, Perly Walther, Célia Ferreira Lassarce, Vera Fabricio, Zaida Morsch da Luz, dr. Namur Barcellos, Zacarias Vallati, Nestor Cortes Paixão, Paulo Pires da Silveira, Luiz Carlos de Mesquita Rothmann.

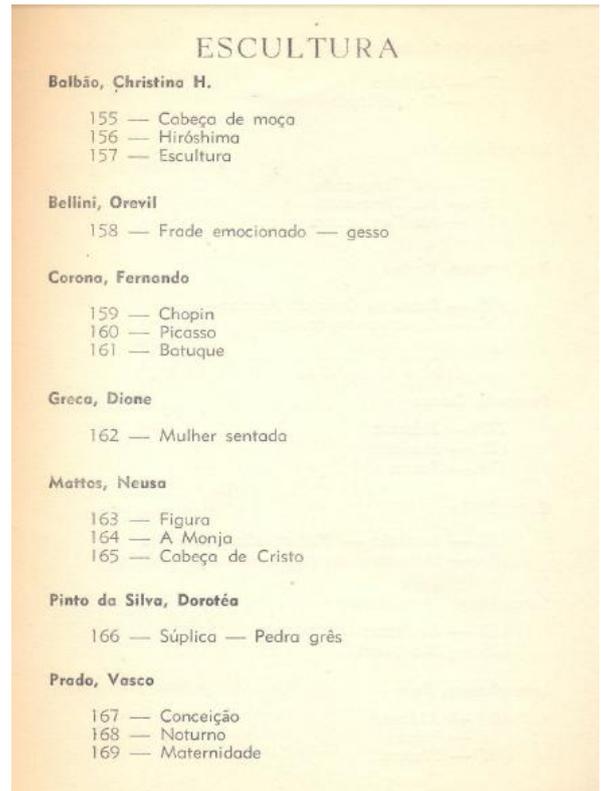
FIGURA 30 - Reportagem indica a participação de Christina Balbão nas comemorações dos 45 anos do IA, Diário de Notícias, 20/4/1952

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS



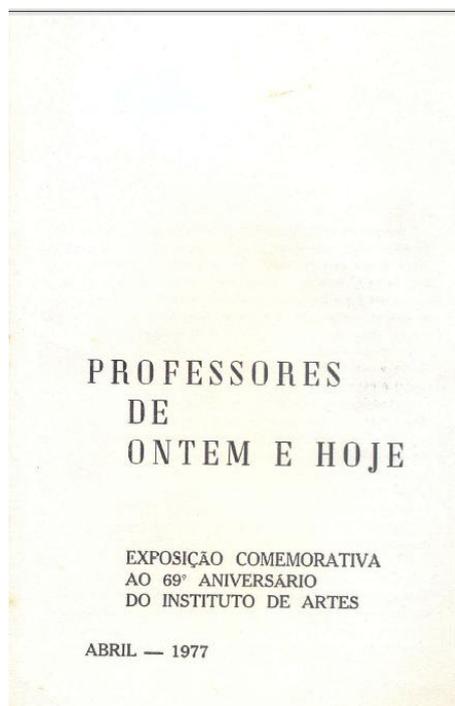
**FIGURA 31 - Catálogo da exposição Arte Rio-Grandense do Passado ao Presente (capa), 1961**

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS



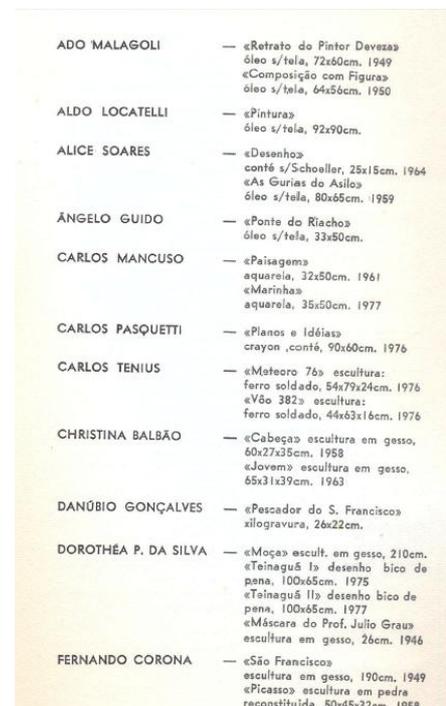
**FIGURA 32 - Catálogo da exposição Arte Rio-Grandense do Passado ao Presente (p. 14), 1961**

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS



**FIGURA 33 - Catálogo da exposição Professores de Ontem e Hoje (capa), 1977**

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS



**FIGURA 34 - Catálogo da exposição Professores de Ontem e Hoje (p. 4), 1977**

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

## 2. A ARTISTA

Na historiografia da arte do Rio Grande do Sul, Christina Balbão é frequentemente descrita como escultora, como consta na publicação *Dicionário das Artes Plásticas do Rio Grande do Sul* de Décio Presser e Renato Rosa, primeira edição<sup>29</sup>:

Cristina Balbão. Escultora. Porto Alegre, RS, 1917. Foi aluna do Instituto de Belas Artes de Porto Alegre, onde também atuou como professora. Estudou escultura com Horácio Juarez, Buenos Aires, Argentina. Fez cursos de aperfeiçoamento em vários países da Europa e América. Participou de coletivas e salões onde obteve diversos prêmios durante a década de 50. Expôs no Salão de Arte Rio-Grandense, Passado e Presente, em 1961, Porto Alegre, onde foi membro de júri eleita pelos artistas. Reside em Porto Alegre. É verbete no *Dicionário brasileiro de artistas plásticos*, MEC. (p. 110, 1997)

Provavelmente foi-lhe atribuído esse título devido a duas razões: primeiramente, pelo conjunto de sua obra, representado em acervos públicos.<sup>30</sup> Temos um singelo número de exemplares de obras disponíveis de Christina Balbão e a maioria são esculturas em gesso, conforme observamos nas Figuras 35 a 38. Ou seja, no acervo do MARGS há somente um busto em gesso; no acervo do IA-UFRGS, três bustos em gesso, um desenho (Figura 39) e uma pintura a óleo (Figura 40); e, no acervo da Prefeitura de Porto Alegre, um autorretrato em grafite (Figura 41). Acredito que o segundo motivo é que, apesar de ser professora de desenho, Balbão participava dos Salões e posteriormente foi diversas vezes júri da categoria escultura, como já foi mencionado.

Sobre suas pinturas e desenhos, até o momento, há somente os exemplares das Figuras 39, 40 e 41 disponíveis para pesquisa. Como mencionei na introdução desta monografia, diversas obras que estão na coleção da família Balbão estão em processo de doação para o MARGS. Por isso espero que, no futuro próximo, possam ser analisadas com atenção.

<sup>29</sup> Na segunda edição de *Dicionário das Artes Plásticas do Rio Grande do Sul* de 2000, os autores revisaram a descrição para *escultora e pintora*, mantendo o mesmo texto de referência e adicionaram a imagem da pintura *O Velho Modelo* do Acervo Artístico da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do IA-UFRGS (Figura 40).

<sup>30</sup> Na época em que Presser e Rosa escreveram somente o IA possuía 3 obras em gesso de Balbão.



**FIGURA 35**

Christina BALBÃO (1917 – 2007, Porto Alegre, RS)

*Busto*, 1952

Gesso, 18cm de altura

Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli, Porto Alegre/RS



**FIGURA 36**

Christina BALBÃO (1917 – 2007, Porto Alegre, RS)

*Cabeça de Velha*, sem data

Gesso, 33 x 24 x 26 cm

Acervo Artístico da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes/UFRGS, Porto Alegre/RS



**FIGURA 37**

Christina BALBÃO (1917 – 2007, Porto Alegre, RS)

*Sem título*, 1963

Gesso, 61 x 35 x 37 cm

Acervo Artístico da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes/UFRGS, Porto Alegre/RS



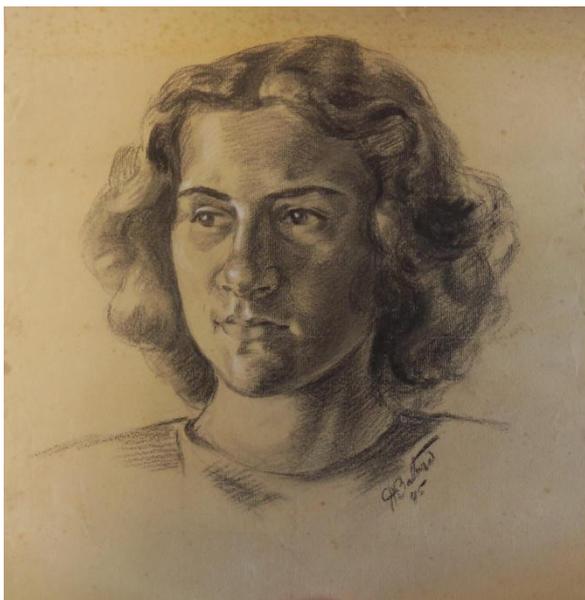
**FIGURA 38**

Christina BALBÃO (1917 – 2007, Porto Alegre, RS)

*Sem título*, 1958

Gesso, 53 x 24 x 30

Acervo Artístico da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes/UFRGS, Porto Alegre/RS



**FIGURA 39**

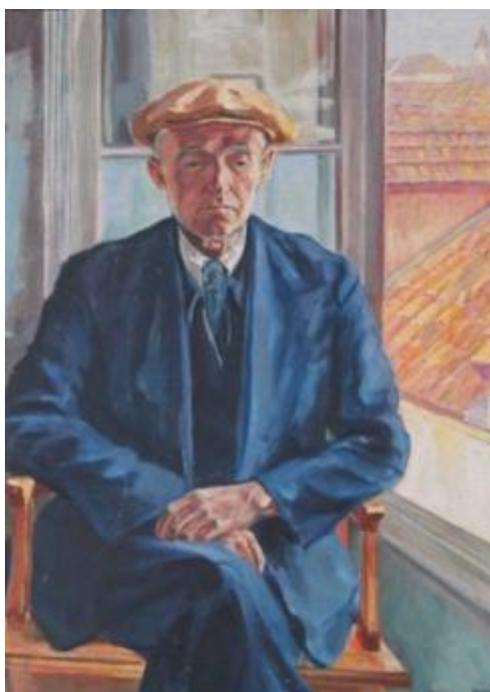
Christina Balbão (1917 – 2007, Porto Alegre, RS)

*Retrato de Sueli, 1945*

Carvão sobre papel, 36 x 34,5 cm

Doação de Ana Leyen, 2015

Acervo Artístico da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes/UFRGS, Porto Alegre/RS



**FIGURA 40**

Christina BALBÃO (1917 – 2007, Porto Alegre, RS)

*O Velho Modelo, sem data*

óleo sobre tela, 80 x 58 cm

Acervo Artístico da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do IA-UFRGS, Porto Alegre/RS



**FIGURA 41**

Christina BALBÃO (1917 – 2007, Porto Alegre, RS)

*Auto-retrato*, 1944

Grafite sobre papel

Acervo Pinacoteca Aldo Locatelli da Prefeitura de Porto Alegre, Porto Alegre/RS

Além disso, em minha pesquisa no Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS, encontrei várias fotografias de Christina Balbão produzindo esculturas na época em que foi aluna e assistente do professor Fernando Corona. Ele foi o criador da cadeira de Escultura e de Modelagem, em 1938, quando ingressa no Instituto de Belas Artes (GOMES, 2012). Como crítico, Corona escreveu obras relevantes para a história da arte do Rio Grande do Sul – como *Caminhada nas Artes* (1977) – e possuía o hábito de escrever diários de classe; neles registrava as suas alunas através de fotografias e fazia comentários sobre suas obras. Corona organizou dois volumes de álbuns. O primeiro abarca o período de 1938 a 1956; o segundo, de 1957 a 1965. As páginas em que analisa a produção de Balbão correspondem ao Volume I, visto que ela e Vera Wiltgen foram suas primeiras alunas.

Na Figura 42 vemos Christina Balbão produzindo no ateliê do IA (esquerda) e Helga Trein Becker (direita). A obra em questão, esculpida por Balbão, não foi localizada. Na Figura 43 temos o registro da página 16 do diário de Corona, volume 1938 a 1956; ele escreve a seguinte nota sobre Balbão:

Na história do curso de escultura do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, Cristina H. Balbão foi a primeira aluna com grande vocação formada em Porto Alegre, nas minhas aulas. Cristina passou logo a ser minha assistente até 1953, que passou a lecionar desenho artístico. Ela é pintora também e em 1938 foi minha aluna de arte decorativa. Iniciou o curso de escultura em 1939, sendo de 1940 os trabalhos dessa página. (1946, p.16)

O diário de Fernando Corona configura-se como documentação imprescindível para reordenar a história de Christina Balbão através do registro visual, porque essas são provavelmente as únicas fotos de Christina produzindo; sua sobrinha informou em entrevista concedida à autora que ela mesma não tinha o costume de fotografar. Na Figura 43, que representa a página 19 do mesmo álbum, temos a seguinte inscrição de Corona: “1941 - Cristina H. Balbão - trabalho de aula. O modelo veterano da Guerra do Paraguai com mais de cem anos de idade”. A Figura 44 é a fotografia da obra em processo junto com o referido modelo. O busto em gesso foi identificado em meu levantamento no acervo na família Balbão e está em processo de doação para o MARGS.

A Figura 46, página 20 do mesmo álbum, reproduz a obra do acervo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do IA-UFRGS (Figura 36). Abaixo consta: “1941 - Cristina H. Balbão - trabalho de aula. A modelo - humilde esmoleira da Rua da Praia”. Ou seja, confirma-se assim, a data (assinalada por Corona e antes desconhecida) em que a obra foi feita, 1941.

E por fim, na Figura 47, última página dedicada a Christina Balbão, Corona escreve: “1941 - Cristina H. Balbão - trabalho de aula. Velha preta esmoleira da Rua da Praia”. Na página vemos uma fotografia de um busto também identificado no acervo da família Balbão.



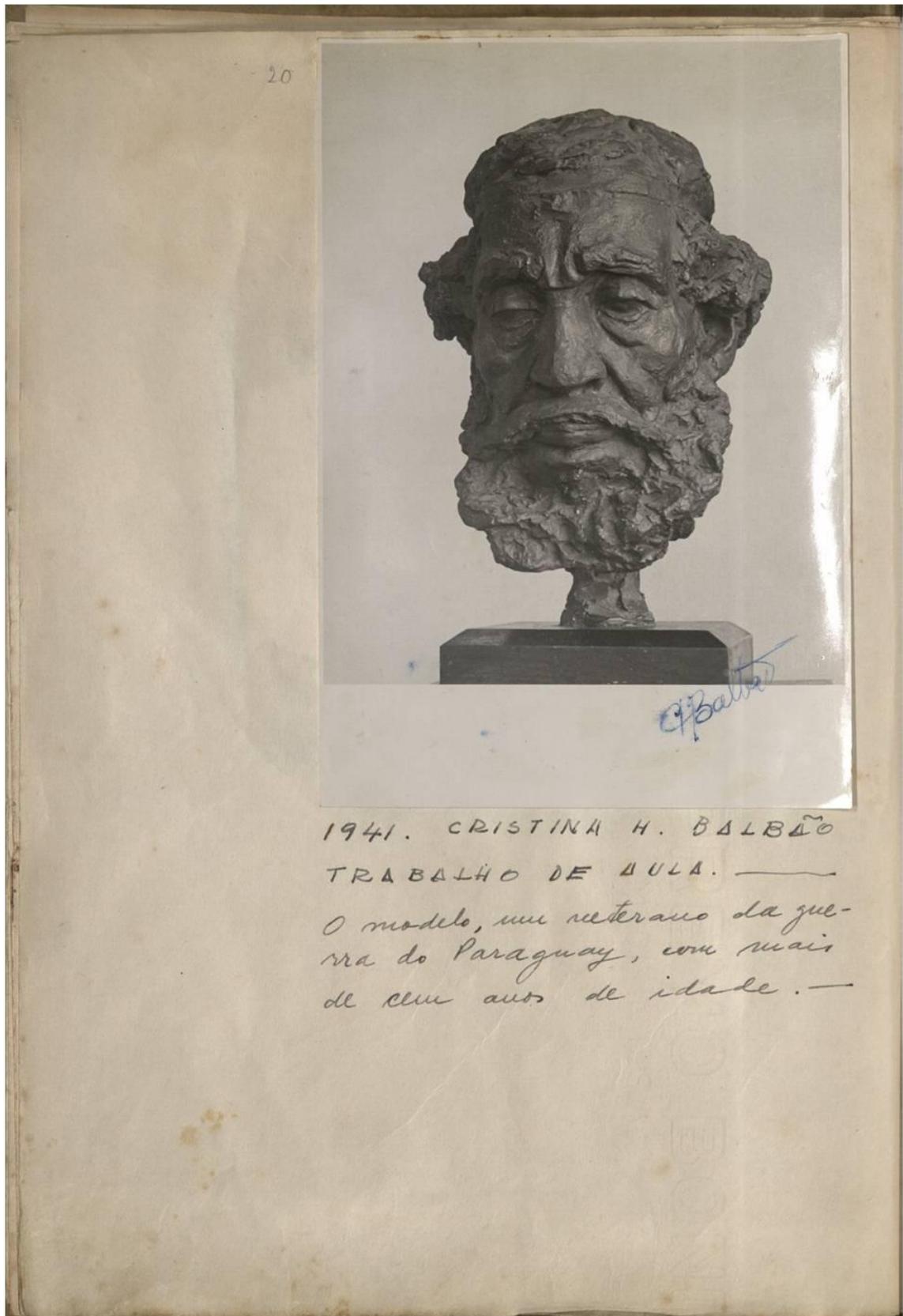
**FIGURA 42 - Página 23 do volume 1938-1956 do diário do professor Fernando Corona, 1946.**  
À esquerda, Christina Balbão e, à direita, Helga Trein Becker, ambas alunas de escultura do Instituto de Belas Artes.

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS



**FIGURA 43 - Página 16 do volume 1938-1956 do diário do professor Fernando Corona, 1946.** Em nota ele elogia a grande vocação de Christina Balbão para a escultura, as fotos são da obra de 1940.

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS



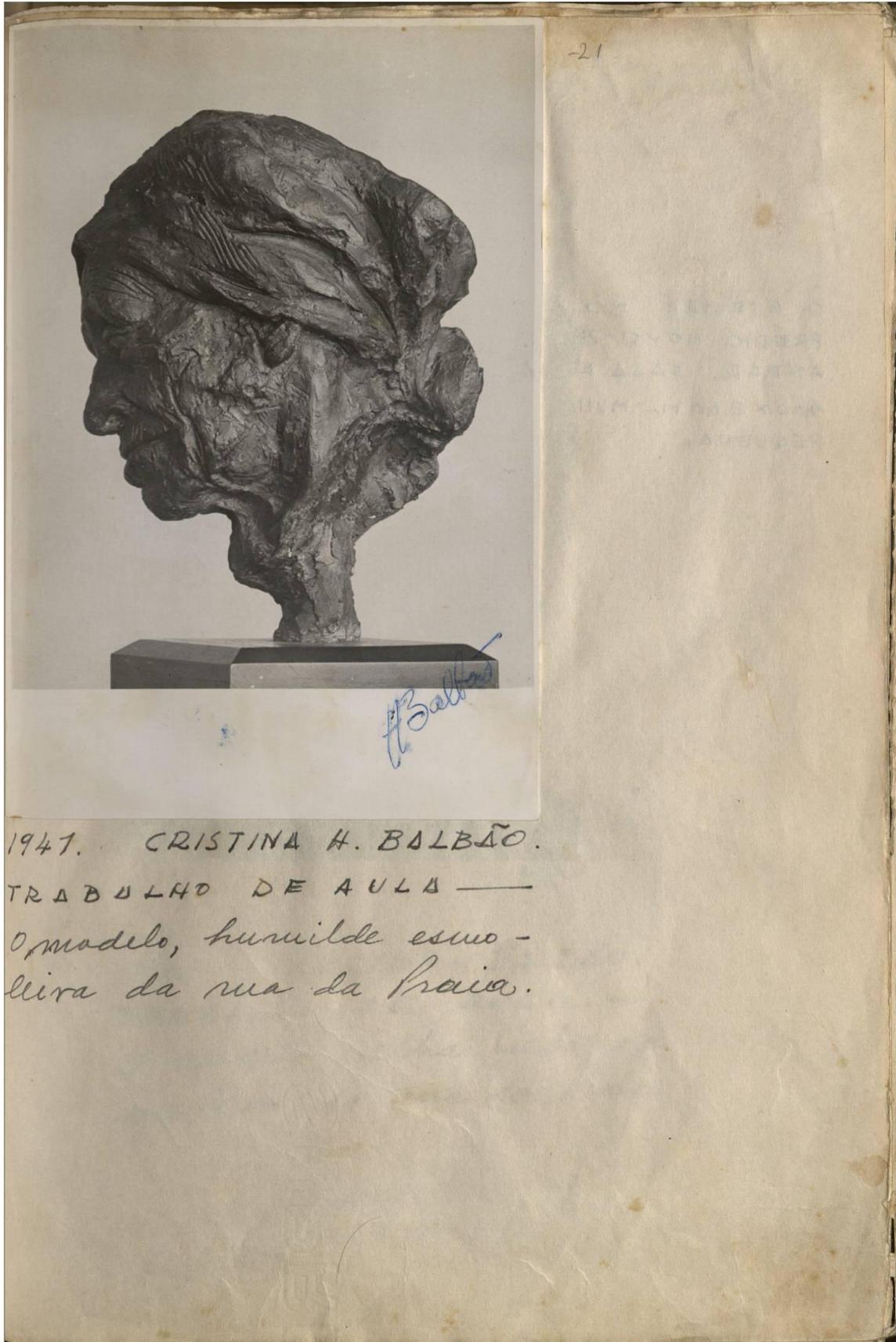
**FIGURA 44 - Página 19 do volume 1938-1956 do diário do professor Fernando Corona, 1946.**  
Fotografia da obra *Veterano da Guerra do Paraguai* (1941) de Christina Balbão.  
Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS



**FIGURA 45 - Fotografia do Diário do Professor Corona, sem data**

Christina Balbão modelando no porão do antigo sobrado do IBA-RS. O seu modelo é um veterano da Guerra do Paraguai.

Fonte: Acervo da família Balbão, imagem retirada do Blog do Professor Círio Simon.



**FIGURA 46 - Página 20 do volume 1938-1956 do diário do professor Fernando Corona, 1946.**  
 Fotografia da obra *Cabeça de Velha* (1941) de Christina Balbão.  
 Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

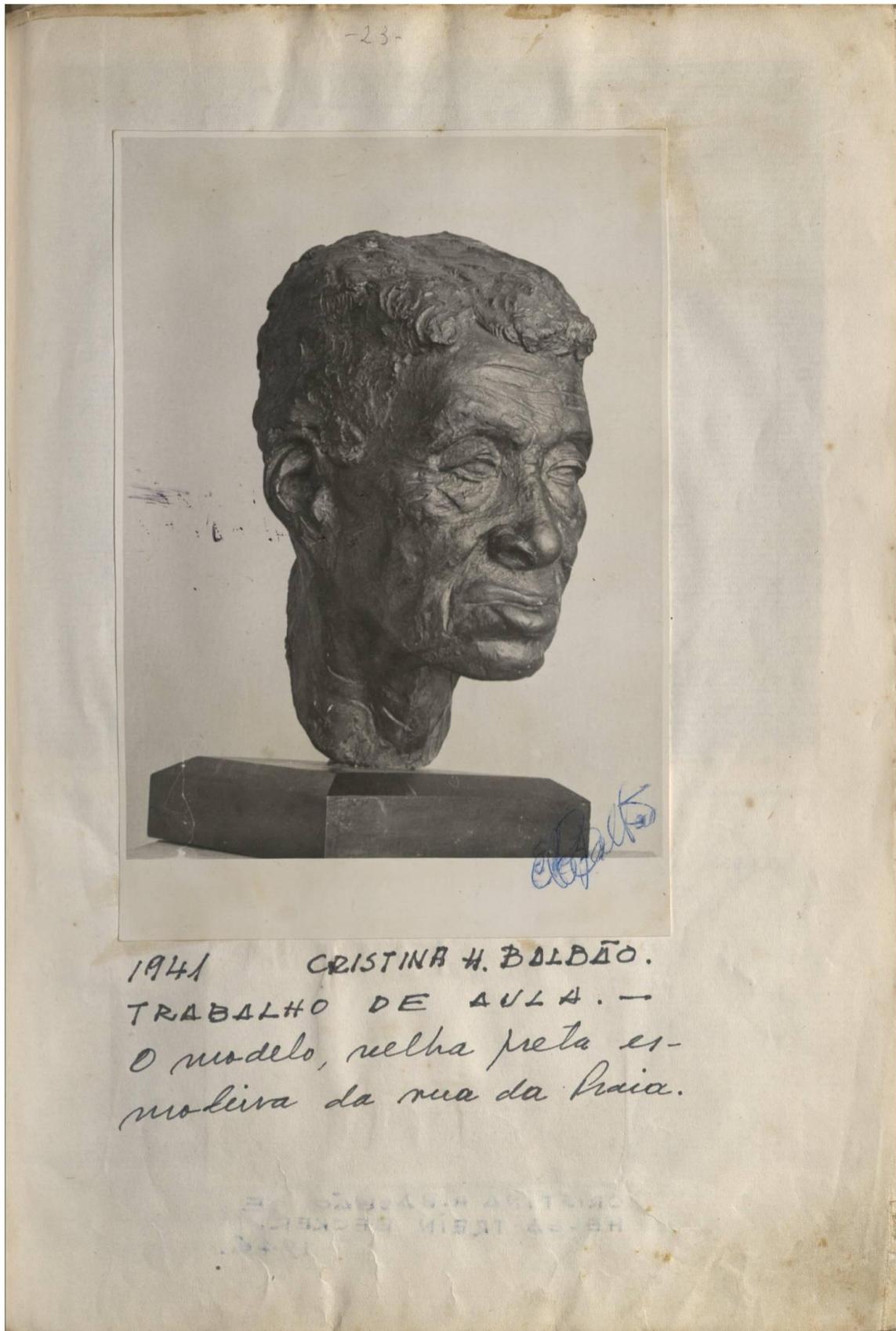


FIGURA 47 - Página 22 do volume 1938-1956 do diário do professor Fernando Corona, 1946.  
Fotografia da obra *Velha Preta* (1941) de Christina Balbão.  
Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

Podemos observar que nessa época Balbão esculpiu vários bustos de tipos comuns, modelos que posavam para ela. Existem também trabalhos de pintura e desenho nos quais Balbão retratava familiares. Glecia Balbão Oliveira comenta que ela e sua irmã eram modelos de alguns quadros, assim como o marido de sua tia, apelidado de Tio Carlos; segundo Glecia eram as pessoas que tinham tempo e paciência de ficar horas na mesma posição.

Além disso, podemos estabelecer uma relação entre as datas das obras que estão com a família e o período em que ela foi aluna e assistente de Corona, na década de 1940. Dessa época também a sobrinha Glecia comenta em entrevista sobre o ateliê que ela possuía em casa:

Se fez uma reforma na casa, meu pai [irmão de Christina Balbão] providenciou fazer o ateliê nos fundos. Tinha uma parte para esculturas, um tanque para o barro. Houve uma época em que havia modelos que ela contratava para posar. Lembro de um que era lutador de boxe, algo assim, um iniciante, mas que tinha um corpo bonito.

Ainda assim, sua produção diminuiu consideravelmente e quase não há relatos ou exemplares de obras a partir da década de 1960. Sobre esse fato, Simon (2018) comenta: “Nos diálogos pessoais, quando questionada sobre a sua obra física, ela respondia: ‘Não faço mais objetos. O mundo já está atulhado deles. Trato de transformar a minha vida em obra de arte’”. De fato, ela não mostrava suas obras em público. Dos entrevistados, somente Luiz Gonzaga confirmou que viu alguns trabalhos:

Ela tinha um baú em casa, na sala que frequentávamos, era uma arca, pois sentávamos em cima. Um dia ela me mostrou, nós ficávamos lá na casa dela até começar o expediente dela no MARGs, aí subíamos a escadaria, passávamos a Rua Duque de Caxias e descíamos até o museu. Nesse dia ela me mostrou quantidades de desenhos a carvão, muita coisa intacta.

Pude constatar que a maioria desses desenhos relatados por Luiz Gonzaga também irão compor o acervo do MARGs. São datados das décadas de 1940 e 1950. Provavelmente poucas pessoas tiveram acesso a eles enquanto Balbão viveu. Dos entrevistados, somente Luiz Gonzaga afirma que os viu, pois sua relação com Balbão era a mais próxima entre todos com quem conversei. A sobrinha Glecia me relatou que Christina era uma pessoa reservada, não comentava sobre sua vida,

nem era questionada pela família. Eduardo Vieira da Cunha afirmou o mesmo: “Ela era uma pessoa muito tímida, quieta, bem na dela”<sup>31</sup>. De fato, Christina Balbão pouco expôs suas obras, excetuadas as participações nos Salões de Arte do IA. Nunca teve uma exposição individual. Das exposições sobre as quais encontrei documentação fora do âmbito institucional, destaco duas: a do Auditório do *Correio do Povo*, em 1947, e a Exposição de Artes Plásticas da Casa das Molduras, em 1953.

Balbão frequentemente era associada às outras artistas mulheres, também alunas do IA, que se destacaram em sua época. A Exposição do *Correio do Povo* já nos indicava esse fenômeno. Na reportagem da Figura 48, há o elogio de Fernando Corona ao talento das cinco artistas que compunham a exposição, suas alunas: Alice Brueggemann, Christina Balbão, Leda Flores, Dorothea Vergara e Alice Soares. Apesar de ter sido realizada fora do IA, os professores ainda tinham grande influência na escolha dos artistas selecionados para a exposição. Na Figura 49, que mostra a reportagem do jornal *O Dia*, de 29/5/1953, sobre a Exposição de Arte da Galeria da Casa das Molduras<sup>32</sup>, temos a indicação de que esta fora organizada pelos alunos, mostrando, dessa forma, a galeria como uma extensão do âmbito acadêmico.

Mesmo assim, esses espaços eram importantes para a legitimação dos artistas na época (KERN, 2007), pois a partir deles houve a ampliação do campo da arte e o início da comercialização de obras. Contudo, a autora conclui que, apesar dessa estruturação, não havia ainda um mercado de arte nos moldes modernos em Porto Alegre. Ramos reitera a importância da mídia, principalmente do *Correio do Povo* e do *Diário de Notícias*, na promoção e difusão das artes na capital:

Esse envolvimento dos meios de comunicação atesta o papel nevrálgico que assumiram não apenas na difusão de exposições de arte e na fixação dos nomes dos artistas, como também na organização e promoção das mostras. (RAMOS, 2007, p. 198)

O jornal *Correio do Povo* auxiliava na formação de público, também através da crítica de arte. Kern (2007) destaca os críticos Fernando Corona e Clóvis

---

<sup>31</sup> Entrevista concedida à autora dia 27/09/2018.

<sup>32</sup> A Galeria Casa das Molduras foi criada em 1942. (BONHS, 2005)

Assumpção<sup>33</sup>. Esse último, atuante na década de 1950, escreveu sobre Christina Balbão em 1949 (Figuras 50 e 51). Bohns destaca a importância desses críticos no incentivo aos jovens artistas:

Uma nova geração de críticos de arte, como Fernando Corona e Clóvis Assumpção, cada vez mais atuante, estabelecia relações amigáveis com os jovens artistas, encorajando-os a realizar novas experiências. Também divulgavam a produção artística moderna, intermediando a relação entre os artistas e o público, apresentando artistas novos, analisando trabalhos, e cumprindo uma função pedagógica diante do público leigo. Embora Fernando Corona também tivesse suas restrições a determinadas formas artísticas, era muito mais moderado e não promovia ataques à arte moderna. O artista e crítico espanhol acabou por se tornar um dos mais importantes estimuladores da produção artística, colaborando fortemente na promoção de exposições coletivas e individuais dos artistas da nova geração. (2005, p. 241)

Talvez esses relatos de Clóvis Assumpção sejam as mais próximas descrições que temos de pinturas de Christina Balbão. Neles, o crítico elogia a técnica e a inovação, aproximando sua produção do cubismo e depois do abstracionismo. Infelizmente, não há imagens dessas obras. Duas pinturas abstratas estão no acervo da família, mas é difícil associá-las às palavras de Assumpção. Ele inclusive menciona que Balbão expôs uma série completa de pinturas abstratas. No trecho final da reportagem da Figura 51 lê-se:

Sua pintura tem um movimento permanente, isso porque há ritmos variados que se entrecruzam, dando à forma um sentido de multiplicidade. Estende-se, assim, sem pausa por toda tela, domina a altura e a largura, pois não existe a terceira dimensão, nas realizações desse tipo. Com o emprego da cor de tonalidade leve e de uma linha marcada, exclui referências ao tema em qualquer espécie de objetividade, restando na abstração pura de suas composições.

Depois de algum tempo de afastamento da escultura, Cristina Balbão voltou a esta arte, com um sentido bastante novo. Aqui suas realizações não foram tão vanguardistas como na pintura. Continuou em uma escultura objetiva, com a exclusão de todas as superfícies lisas. O ritmo da superfície parte, contudo, do interior da figura. As curvas, por isso, adquirem uma riqueza toda especial. Não deixa, porém, de ser uma escultura densa, de massa, de volume. (Clóvis Assunção, Jornal Correio do Povo, 25/11/1949)

---

<sup>33</sup> Clóvis Assumpção foi crítico de arte, magistrado trabalhista, poeta e ensaísta, com vários livros publicados. Dedicou uma monografia a Paulo Osório Flores e os ensaios *Arte do Grupo de Bagé e Pronaus* (obras editadas pela La Salle, de Canoas, RS). (ROSA; PRESSER, 1997, p. 107)

A inovação de Balbão estava no seu modelado, elemento de distinção de suas obras comparadas a outras do mesmo período. Luiz Gonzaga comenta em entrevista que as formas da escultura de Balbão chamavam sua atenção, pois lhe lembravam Rodin. Ele comenta inclusive que ela criou esculturas abstratas que foram expostas em 1960:

Eu não sei se chegou até vocês ou ela destruiu: três esculturas em gesso abstratas. Uma ela intitulou *Catedral*, tinham tipo umas torres, eram belíssimas! Aquele modelado dela abstrato. Ela expôs na Reitoria da UFRGS, achei que ela iria recomeçar, mas não. Isso foi na década de 1960, pois eu estava estudando no IA.

CORREIO DO POVO - 28-11-1947

## CINCO PINTORAS E ESCULTORAS NO AUDITORIO DO CORREIO DO POVO

110 trabalhos de pintura, escultura e desenho estão expostos no magnífico auditorio do "Correio do Povo". Estes trabalhos foram selecionados dentre mais de mil estudos e ensaios realizados no Instituto de Belas Artes, por cinco moças portoalegrenses. São cinco artistas, pintoras e escultoras de que me orgulho muito ter sido professor. Esta exposição de arte nada tem de parecido com aquelas que o povo vê comumente nos corredores ou nas galerias da rua dos Andradas. Esta mostra das cinco artistas locais é produto de meditados e contínuos ensaios de artesanato e de amor ao estudo.



Alice Brueggemann

Cada centímetro quadrado desenhado, pintado ou modelado, tem a expressão mais pura da arte.

Pode ser que em alguns trabalhos não tenham atingido o objetivo sonhado; entretanto, jamais vislumbrou o pensamento das autoras um átomo de negócio.

Fui o criador do curso de Escultura, em nosso Instituto de Belas Artes. Em 1938, meu bom amigo Tasso Corrêa convidou-me para isso. Lecionei no porão do velho edifício da rua Senhor dos Passos. Lá descobri a vocação de Alice Brueggemann, Cristina Balbão, de Alice Soares, de Leda Flores e da genial Dorotêa Pinto da Silva. Antes nunca tinham visto barro. Não fica bem eu dizer do valor das quatro escultoras. O povo que visita a exposição o faz por mim.



Cristina Balbão

Um amigo bom, estaqueado ante a figura "Moço", estatura de 2 metros de altura, disse-me: "Isto é simplesmente sensacional". Senti-me emocionado e orgulhoso. Realmente é um espetáculo inédito para Porto Alegre.

Ontem, outro amigo, entusiasmado ante a obra forte e magnífica de Dorotêa, apercebendo a mão da artista, disse-lhe: — "Dorotêa você está convidada por minha conta para visita a Minas Gerais e apreciar a estatuária de Aleijadinho". Senti na Dorotêa um azeite de consentimento. Ela vai tocar com suas pequeninas mãos a obra do maior dos estatuários. Um gênio que desperta, tenho certeza, vai chorar de emoção, ajoelhada ante as obras de pedra-sabão de Francisco Lisboa, o Aleijadinho.



Leda Flores

Agora que a Assembléa Legislativa está em pleno funcionamento, eu pediria aos senhores deputados a criação do prêmio de viagem anual ao país e ao estrangeiro para os verdadeiros talentos que estudam em nossas escolas superiores. Música, Pintura, Escultura, Arquitetura e Urbanismo. O Estado nada teria a perder e sim muito a ganhar. A obra do artista fica e o patrimônio cresce, à medida que o tempo e as gerações consagram as obras legadas.



Dorotêa

Eu convido os senhores deputados, representantes do povo, para que façam uma visita à exposição de pintura e escultura de Alice Brueggemann, Alice Soares, Cristina Balbão, Dorotêa Pinto da Silva e Leda Flores. Não ficarão decepcionados, tenho certeza. Sentirão, como todos os visitantes, essa emoção tão boa que causa a verdadeira obra de arte — sublimação da própria vida.



Alice Soares

FERNANDO CORONA

Figura 48 – Exposição no Correio do Povo, Jornal Correio do Povo, 28/11/1947  
Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

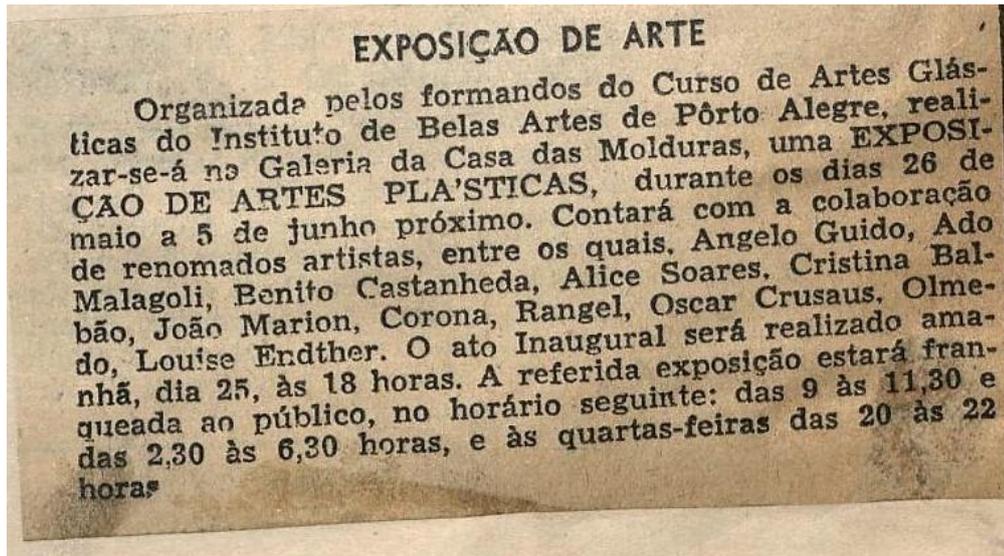


FIGURA 49 - Exposição de Artes Plásticas na Galeria da Casa das Molduras, Jornal O Dia, 29/5/1953

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

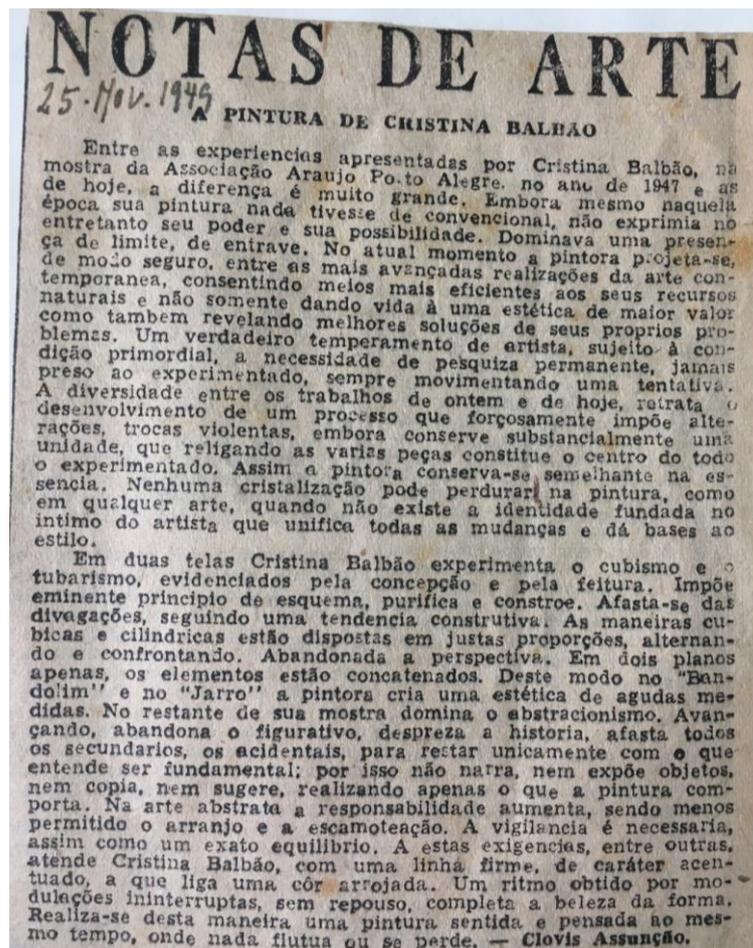


FIGURA 50 - Reportagem de Clóvis Assunção sobre Christina Balbão, Jornal Correio do Povo, 25/11/1949

Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa do MARGS

**CORREIO DO POVO**  
19 / 3 / 1955

**UMA PROFESSORA**  
Clóvis ASSUMPTÃO

Cristina Balbão nasceu na cidade de Porto Alegre, onde fez os cursos primário e secundário. Ingressou no Instituto de Belas Artes no ano de 1933, matriculando-se no Curso de Artes Plásticas. Após a época de Líbido Ferraz, com a nova direção de Tasso Corrêa, começou a estudar história da arte, paleontologia e modelagem, por volta de 1937.

No ano de 1938 concluiu o curso e fez um estágio pequeno no atelier de Göttsche. Continuou no Instituto de Belas Artes, em aperfeiçoamento de pintura até 1940. Passou, então a estudar escultura até 1942. Lá, a estudada há tantos anos a escola na qual fixera toda sua aprendizagem, e onde também estudara piano, foi logo aproveitada como professora.

Já iniciara o professorado em 1935, lecionando desenho nos cursos primários. Esta atividade seria prolongada até 1942. Neste ano, passou a assistente da cadeira de escultura, trabalhando desde então com o professor Fernando Corona. A partir de 1934, passou a ser encarregada da cadeira de desenho do primeiro ano.

Em 1932 realizou um curso de aperfeiçoamento em Buenos Aires. Teve ocasião de, estudando com Horácio Juárez, não somente completar seus conhecimentos de escultura, como de trabalhar na companhia de um grande mestre. Alice Soares e Ricardo Rangel faziam parte do pequeno grupo. Ainda hoje, a artista empresta grande valor àquela experiência.

Cristina Balbão, desde 1935, viajou diversas vezes pelo interior do Estado, pelo Brasil e pelo estrangeiro. Teve oportunidade de conhecer de perto artistas significativos, ateliers, grupos, museus, escolas de arte, etc. Começou com a Associação "Ararajó Porto Alegre", visitando a Bahia e Minas, onde andou por Ouro Preto, Congonhas, Diamantina e outras cidades.

Acompanhou excursões de alunos ao Rio e São Paulo. Compareceu à primeira Bienal de São Paulo. Estêve, juntamente com Alice Soares e Araken, na Europa, em 1952. Ficou todo o tempo na França, onde permaneceu parte em Paris e parte no interior, visitando os lugares.

da. Neste tipo de experiência foi até ao abstracionismo. Foi uma das primeiras a realizar uma pintura desta natureza aqui na província. Chegou a expor ao grande público uma série completa.

Sua pintura tem um movimento permanente. Isto porque há ritmos variados que se entrecruzam, dando à forma um sentido de multiplicidade. Estende-se, assim, sem pausa por toda a tela, domina a altura e a largura, pois não existe a terceira dimensão, nas realizações deste tipo. Com o emprego da cor de tonalidade leve e de uma linha mareada, exclui referências ao tema em qualquer espécie de objetividade, restando na abstração pura de suas composições.

Depois de algum tempo de afastamento da escultura, Cristina Balbão voltou a esta arte, com um sentido bastante novo. Aqui suas realizações não foram tão vanguardistas como na pintura. Continuou em uma escultura objetiva, com a exclusão de todas as superfícies lisas. O ritmo da superfície parte, contudo, do interior da figura. As curvas, por isso adquirem uma riqueza toda especial. Não deixa, porém, de ser uma escultura densa, de massa, de volume.



FIGURA 51 - Reportagem sobre a Christina Balbão. Correio do Povo, Coluna de Clóvis Assunção, 19/03/1955.

Fonte: Núcleo de Documentação e Pesquisa do MARGS

Além das participações nos Salões do IA, que já foram comentadas no capítulo anterior, Balbão participou de outros Salões e mostras de instituições nas quais também estava inserida. Dentre elas destacam-se a Mostra da Associação Araújo Porto Alegre, em 1949, e o 3º Festival de Bento Gonçalves onde adquiriu a medalha de prata, em 1953.

Também é importante destacar sua participação na Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa. A associação foi criada em 1938 pelos ilustradores que trabalhavam na Seção de Desenho da Livraria e Editora do Globo, em Porto Alegre, reivindicando um espaço legitimador no campo artístico da cidade, visto que a única instituição que consagrava artistas na época era o IA. Assim, os ilustradores buscavam adquirir reconhecimento artístico, mesmo sem possuir formação superior (CAMPOS, 2005). A AFL não possuía critérios para aceitação de membros; assim, qualquer artista poderia participar. Esses, por sua vez, deveriam submeter seus trabalhos à direção e aguardar um parecer.

Como forma de legitimação, a AFL criava exposições e encontros. Em 1957, Balbão é convidada a participar da 1ª Exposição de Arte Moderna (Figura 51). Interessante notar que diversos artistas também ligados ao IA participavam da AFL<sup>34</sup>, a sua programação sendo exclusiva para membros.

Ainda: desde a data de sua fundação, em 1938, a AFL criou seus próprios Salões. O primeiro Salão realizado pelo IA foi uma reação a esses. A concorrência entre os dois se estabeleceu desde então, e a partir de sua 3ª edição o Salão do IA passa a ser o Salão Oficial do Estado. Para Campos (2005), os Salões da AFL acabam se constituindo como uma instância de legitimação, circulação e consumo, pois as obras eram colocadas à venda, afirmando a aceitação do público e crítica. A partir de 1953, a AFL assume a organização do *Salão da Câmara Municipal de Porto Alegre*, abrindo a todos artistas interessados a submissão de trabalhos.

Balbão, em 1959, adquire medalha de prata na categoria escultura no X Salão da AFL. Também foi reconhecida nos Salões da Câmara Municipal de Porto Alegre, que eram organizados pela AFL. No V Salão (1958) ganhou o 3º prêmio de escultura (Figura 51) e no VI Salão (1959), o prêmio aquisição.

---

<sup>34</sup> Dentre eles destacam-se Benito Castañeda, João Fahrion, Carlos Scliar e Carlos Alberto Petrucci (CAMPOS, 2005)



FIGURA 52 - Notícia da Exposição de Arte Moderna da AFL, Jornal A Hora, 9/5/1957.  
Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS



FIGURA 53 - Reportagem sobre o V Salão Municipal da Câmara de Vereadores, Diário de Notícias, 22/11/1958.

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

De qualquer forma, pelas entrevistas concluímos que Balbão não parou completamente sua produção após 1960. Quando indagada a respeito, Glecia comentou que a tia estava sempre produzindo algo, normalmente marionetes e pequenos móveis de objetos que ela mesma recolhia: latinhas e embalagens. A sobrinha brinca que Balbão iniciou o movimento de reciclagem, pois essa era a matéria-prima de suas invenções. Pode-se dizer que não eram obras convencionais, instituídas no cânone da arte como o são a pintura, a escultura, a fotografia ou o desenho, mas eram formulações incipientes que hoje poderiam ser consideradas

objetos artísticos. Alguns exemplares estão hoje em posse de Luiz Gonzaga, que comentou em entrevista que possui uma caixa cheia dessas “marionetes”.

Ela [Christina Balbão] estava sempre fazendo, sempre sempre. Para os meus netos, que seriam sobrinhos bisnetos dela, eles vinham a Porto Alegre e ela fazia. Uma vez eles estavam voltando para São Paulo na rodoviária e eles estavam brincando com um desses marionetes no ônibus. (Entrevista de Glecia)

Não há como presumir ao certo o porquê de a produção em escultura e pintura ter se encerrado na década de 1950. Mas há alguns indícios, como o relato de Alice Brueggemann em entrevista a Joaquim da Fonseca, em 1998. Sobre artistas atividades docente e artística ela disse:

Na época, o caminho era o de ser professora. Mas quem me desviou desse caminho foi Cristina Balbão. Ela me disse: ‘Deus te livre, Alice, não entra por esse caminho. Esse caminho leva unicamente a ser professora e fim de linha. Não entra. Não cai nessa. Já existem muitas professoras. Não há necessidade, deixa correr o barco e vai trabalhar na tua pintura’. (Alice Brueggemann *apud* BRITES, 1998, p. 50)

Alice Brueggemann seguiu os conselhos de Balbão e seguiu como artista e desenhista do SESI, onde preparava o material didático para os cursos que a instituição oferecia (BRITES, 1998). Na mesma entrevista ela relata que assim tinha tempo para sua pintura, pois trabalhava somente no turno da tarde. Talvez o aviso de Balbão tenha se dado nesse sentido: a vida acadêmica, afinal, exige tempo do professor, tanto para preparação como em horas-aula. Balbão mesmo comenta em entrevista para o catálogo *50 Anos do MARGS*: “É verdade que não me sobrava tempo para a pintura. Deu-me prazer alguma coisa que esporadicamente fiz, coisas abstratas, enquanto outros artistas se apegavam muito mais ao tradicional. Enfim, fiquei no Museu e continuei meu caminho” (MARGS, 2004, p. 47). Nessa passagem ela comenta do modernismo que chegava ao Rio Grande do Sul através da personalidade de Ado Malagoli e sua participação no MARGS. Para ela, a capital gaúcha ainda era muito tradicional em termos artísticos, suas viagens de estudos e visitas às Bienais serviam para sair do isolamento.

Outro fato importante a se considerar é que a profissão de artista para as mulheres ainda era de difícil acesso na época. Brites (1998) relembra que as

mulheres eram frequentemente tidas como amadoras, embora fossem a maioria das estudantes dos cursos do IA (VARGAS, 2013). Christina Balbão foi precursora como professora no ensino acadêmico, formando artistas em uma época em que o corpo docente do IA era todo masculino. Suas colegas Alice Soares e Alice Brueggemann também foram as primeiras artistas mulheres a manter um ateliê de pintura e desenho independente em Porto Alegre durante 25 anos, e certamente abriram caminhos para toda uma geração de mulheres.

Além disso, Christina Balbão manteve-se como técnica administrativa do MARGS até a aposentadoria compulsória, em 1987 – fator que dificultava dedicar-se a sua própria produção. Essa outra função será tratada no capítulo a seguir.

### 3. MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL ADO MALAGOLI: A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE CHRISTINA BALBÃO

Christina Balbão esteve presente na história do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli desde sua fundação, em 1954. Neste capítulo, busco identificar as funções que lhe cabiam dentro da instituição, onde trabalhou até os últimos anos de sua vida – uma vez que, mesmo após a aposentadoria compulsória, em 1987, continuou como voluntária e participante da Associação de Amigos do MARGS.

O MARGS é o principal museu de arte do Estado e um dos mais relevantes do país devido à importância histórica de seu acervo, que conta atualmente com mais de quatro mil obras, em sua maioria de caráter local. Desde 1978, localiza-se no Centro Histórico da capital – na Praça da Alfândega, ponto turístico da cidade – em um prédio construído em 1913 para ser a Delegacia Fiscal do Estado. Leva o nome de Ado Malagoli, em homenagem ao seu fundador (MARGS, 2000).

Como escreve Cida Golin (2000), o cenário artístico na Porto Alegre da década de 1950 era promissor. No ano de criação do MARGS, 1954, a autora destaca os eventos que aconteciam na cidade: intensa programação dos cinemas de rua e de teatros como o Teatro Coliseu e o *Theatro São Pedro*, a exposição no alto da Confeitaria Indiana que trazia artistas premiados da II Bienal de São Paulo (1953) e o 6º Salão da Associação Chico Lisboa. Foi nesse clima propenso que as idéias de um artista recém-chegado a Porto Alegre, mas com reconhecimento nacional, culminaram na criação do MARGS.

Bohns (2005) comenta que Ado Malagoli (1906 - 1994)<sup>35</sup> viveu no Rio de Janeiro na época em que a cidade era o mais expressivo centro cultural e político do país, apesar de estar perdendo poder econômico para São Paulo. Quando ele chega a Porto Alegre, em 1952, a convite de Ângelo Guido para ser professor no IA,

---

<sup>35</sup> Ado Malagoli nasceu no interior de São Paulo, onde viveu até os oito anos de idade. Com o assassinato do pai, a família foi obrigada a se mudar para a capital. Entre 1922 e 1927, estudou no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Também nessa época teve contato com os artistas do Grupo Santa Helena: Alfredo Volpi, Mário Zanini e Francisco Rebolo. Aos 21 anos, ingressa na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Nessa época trabalhou com crítica e publicidade. Recebeu como prêmio uma viagem para Europa; no entanto, viajou para os EUA devido à guerra. Estudou História da Arte e restauro em Nova Iorque, onde conheceu outros artistas brasileiros como Djanira e Edson Motta. Em 1951, participou da I Bienal de São Paulo e expôs em Porto Alegre, quando recebeu o convite de Ângelo Guido para lecionar no IA. Além de sua atuação no MARGS, foi responsável por reorganizar o acervo da Pinacoteca do IA. (BRITES, 2004)

rapidamente é acolhido e inserido no campo cultural, pois sua experiência como artista já reconhecido no centro do país lhe confere boa reputação. Como professor, a autora afirma que Malagoli era preocupado com a modernização do ensino, encorajando a profissionalização dos estudantes, pois ele mesmo havia tido ensino acadêmico na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, mas também participado de grupos de artistas emergentes como o Santa Helena<sup>36</sup>, em São Paulo. Foi o responsável por incentivar a geração de artistas que se destacaram nas décadas de 1950 e 1960 e que era composta por nomes como os de Rubens Cabral, Alice Soares, Alice Brueggemann, Paulo Porcella, Romanita Disconzi, Marilene Burtet, Maria Lídia Magliani, Maria Inês Rodrigues e Regina Silveira (BRITES, 2004). Sobre a presença de Malagoli na capital, Alice Brueggemann relata:

A chegada de Ado Malagoli que aporta entre nós vindo da paulicéia, fortalece essas vibrações [a crença na função social da arte que a modernidade havia imposto]. [...] é Alice Brueggemann que demonstra de forma mais enfática a importância de Malagoli em seu caminho: 'Hoje se diria que ele fundiu nossa cuca. Malagoli estabeleceu o caos, revolucionou a gente. Subverteu todos os conceitos, todos os métodos, todas as teorias que tínhamos absorvido, que tinham nos imposto. A nós, amarradas a rigidez do Belas Artes, Malagoli trouxe a deformação, trouxe novas ideias. Ele foi uma espécie de furacão a remover o pó secular das Belas Artes. Fui envolvida nesse turbilhão. Minha primeira reação foi agressiva. Tinha ganas de pegar as telas e quebrá-las na cabeça de Malagoli. Mas reagi positivamente, logo entendi o universo ilimitado que ele abriu à minha arte. (Alice Brueggemann *apud* BRITES, 1998, p. 14)

Além da atuação no ensino, Malagoli assumiu o cargo de diretor da Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado. Seu maior desejo era a criação de um museu nos padrões internacionais, que valorizasse a produção de artistas locais e também recebesse exposições consagradas (BOHNS, 2005). Sua influência política foi decisiva para a criação do MARGS, em 1954. A autora destaca a importância da criação de um equipamento público para organizar e resguardar a produção de arte do nosso Estado, que a partir desse momento poderia ser visitada e pesquisada. Além disso, Golin (2000) afirma que, felizmente, o MARGS escapa do

<sup>36</sup> O Grupo Santa Helena era formado por artistas que se reuniam nos ateliês de Francisco Rebolo e Mario Zanini, que se localizavam em um edifício chamado Palacete Santa Helena, na Praça da Sé em São Paulo, em meados da década de 1930. A maioria dos artistas era de imigrantes italianos ou filhos de imigrantes: Alfredo Volpi e Fúlvio Penacchi, Aldo Bonadei, Alfredo Rizzotti, Mario Zanini, Clóvis Graciano e Humberto Rosa. A pintura era praticada nos finais de semana ou nos momentos de folga. A origem social humilde e as afinidades profissionais levaram Mario de Andrade a nomeá-los de "Artistas Proletários". Além disso, outra característica em comum era terem frequentado o Liceu de Artes e Ofícios ou a "Escola Profissional Masculina do Brás". (GRUPO SANTA HELENA)

título de Museu de Belas Artes, pois Ado Malagoli, preocupado com a modernização do campo artístico, pensava em um museu dinâmico e nos moldes dos Museus de Arte Moderna de São Paulo (1948) e Rio de Janeiro (1948). Assim, batizou-o apenas de “Museu de Arte”.

Mesmo sem recursos, Malagoli abriu a primeira exposição na Galeria Casa das Molduras, em 1955, onde expôs trabalhos de 33 artistas do país, como Cândido Portinari e Di Cavalcanti, entre outros de destaque local. A inauguração oficial foi no foyer do *Theatro São Pedro*, em 1957, com exposição das obras de Pedro Weingärtner. Nesse local o MARGS permaneceu com sede temporária até 1973. Bohns (2005) comenta que “a fim de despertar o interesse pelas artes, Ângelo Guido iniciou um ciclo de palestras. Também Ado Malagoli, auxiliado por Alice Soares e Cristina Balbão, ministrava aulas, utilizando como principal fonte de informação as próprias obras” (1997, p. 270). Alice Soares relatou que o hábito de se reunir com artistas em grupos foi iniciado por Malagoli em Porto Alegre. Desses encontros surgiria o ateliê que ela compartilhou com Alice Brueggemann (MARGS, 2002). Malagoli, que dirigiu o MARGS de 1954 a 1959, foi o responsável pela formação do acervo inicial, constituído por doações e também pelas obras de repartições públicas, recolhidas e restauradas pelo próprio diretor.

Malagoli conheceu Balbão na viagem de estudos que ela organizou ao Rio de Janeiro, em 1950. Na ocasião, Balbão levou os alunos para conhecerem o ateliê dele e de outros artistas (BRITES; AVANCINI, 2004). A partir desse contato e também pela proximidade do IA, Balbão – nesse momento, junto com Alice Soares – participou de todas as atividades do MARGS. Em entrevista, Alice Soares comenta sobre esses primeiros anos:

As primeiras aquisições, eu fiz parelho com Malagoli. Ele chamava a mim e a Cristina Balbão, e então nós o ajudávamos, com algum colaborador ocasional, a descobrir colecionadores de Porto Alegre. Alguns a gente já conhecia, mas citar nomes é difícil. Nesse tempo eu já tinha o atelier na Rua Riachuelo com a Alice Brueggemann. Nós formávamos um grupinho ali, éramos visitados por pessoas que se interessavam por arte, então essas pessoas (...) iam para lá e ficavam conversando conosco. (Alice Soares *apud* MARGS, 2004, p. 53)

Na primeira exposição do museu, na Galeria Casa das Molduras, Christina Balbão comentou que ela e Alice Soares buscaram entre esses colecionadores

empréstimos de obras para compor a exposição. Ado Malagoli havia passado uma listagem de nomes de famílias importantes da capital e as duas foram atrás das obras (MARGS, 2004). Nessa mesma entrevista, único documento que achei escrito por Balbão, ela diz que Ado Malagoli era um perfeccionista, ajustou o foyer do *Theatro São Pedro* conforme padrões museológicos e pediu para que ela cobrisse as frestas no *parquê* da sala que não estava em conformidade. Ou seja, Balbão, nesses primeiros anos, fazia de tudo na instituição, desde buscar obras para expor até montar e organizar a sala expositiva e mediar os visitantes.

Em 1973, obrigado a deixar o foyer do *Theatro São Pedro* em função das reformas do prédio, o MARGS passa a ocupar provisoriamente dois andares do prédio na Avenida Salgado Filho onde funcionava o *Cotillon*, clube tradicional de jantares dançantes (GOLIN, 2000). O museu contava com cinco funcionários nesse período. Em 1978, sob a direção de Luiz Inácio Franco de Medeiros, o MARGS muda-se definitivamente para a Praça da Alfândega e se estabelece a estrutura administrativa que até hoje se utiliza. Nessa época, em entrevista, Eduardo Vieira da Cunha relata que Balbão fazia suas atividades no museu fora de seu horário no IA, no turno da noite:

Ela era funcionária do museu, mas ela trabalhava fora do horário normal, nos plantões, pois ela tinha que cumprir o horário na universidade como professora. Então ela trabalhava em plantões nos finais de semana ou de noite quando havia sessões de cinema.

Na documentação encontrada, Balbão constava como assistente técnica do MARGS (Figuras 54 e 55). Nos documentos registra-se que suas atribuições eram mediação dos visitantes, seleção e catalogação das obras do acervo. Mas, como foi visto, ela fazia muito mais pelo museu, havendo inclusive assumido a direção temporária em certa ocasião, em virtude das férias do então diretor, Francisco Stockinger, durante a década de 1970 (MARGS, 2004). Sobre suas atividades, Anico Herskovits conta que, quando fez sua primeira exposição individual no MARGS, possivelmente Christina Balbão teve alguma influência:

Eu expus na Av. Salgado Filho e na época, 1976, eu já não era aluna, mas frequentava a aula da Dona Christina, pois ela havia me dado essa liberdade, uma ou duas vezes por semana eu ia. Ah, o Luís Inácio Medeiros, ele foi o diretor do MARGS nessa época e foi o responsável pela transferência de sede. Na época, eu acho que a Dona Christina era a única funcionária, não sei se haviam outros e acho que nessa época ela era influente... Porque imagina! Nós recém saídas do IA [referindo-se a ela própria e à colega Ana Alegria, que também foi aluna de Balbão], deve ter tido um dedo da Christina [o fato delas exporem no MARGS].

Com a mudança de sede em 1978, talvez suas atribuições tenham se resumido, pois o museu já contava com um número maior de funcionários. Sobre as mediações que Balbão realizava, os entrevistados disseram:

Era um prazer ver ela monitorando, fazendo a mediação, aquilo era um prazer para ela. Mesmo depois de se aposentar ela continuava mediando, porque acho que isso era a vida dela. Era visível o prazer que ela tinha de provocar aquele público, as escolas, as pessoas. Ela ia se aproximando e conversando com todos. (Anico Herskovits)

Ela conversava com as pessoas. Orientava. Se alguém precisasse de alguma coisa ela orientava, se não ela ficava com o livro embaixo do braço, lendo. Ela era uma pessoa muito tímida, quieta, bem na dela. (Eduardo Vieira da Cunha)

Balbão foi a primeira mediadora do MARGS. De fato, na época o termo “mediadora” sequer existia, sendo a função intitulada “guia de visitantes” (ROSA, 2014). O atual Núcleo Educativo do museu, até o início dos anos 2000 se chamava Núcleo de Extensão Cultural (MARGS, 2000) e suas responsabilidades eram realizar palestras, seminários, oficinas, confeccionar material pedagógico e agendar visitas guiadas (ROSA, 2014). Rosa ainda comenta que, com a criação da Associação de Amigos do MARGS<sup>37</sup>, em 1982, o núcleo aumentou, pois passou a contar com voluntários que auxiliavam essas mediações. Assim, é possível que Balbão tenha tido influência na criação do Núcleo Educativo, uma vez que ela sempre esteve à

---

<sup>37</sup> AAMARGS, fundada em 15 julho de 1982, é uma pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos e duração por tempo indeterminado. A Associação tem por finalidade: promover a cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico do MARGS; difundir a arte, a cultura e a educação, através de um espaço público oferecido à comunidade para apreciação das reflexões e obras; promover o aumento do acervo de obras para exposições e estudos; e apoiar financeiramente as atividades afins do MARGS. A Associação promove, incentiva coordena ou financia, subsidiados diretamente ou mediante convênios, acordos, parcerias ou eventos tais como: cursos, congressos, seminários, debates, conferências e encontros de natureza social, cultural, educacional e outras, com o objetivo de angariar recursos ou abordar solução de problemas de interesse relacionados com as suas finalidades. (AAMARGS)

frente dessa função e era próxima do diretor na ocasião, Luiz Inácio Franco de Medeiros. Além disso, o ideal de museu projetado por Ado Malagoli já previa função semelhante, e Balbão sempre deu muita importância à mediação como papel educativo dentro da instituição.

Christina Balbão foi também sócia da AAMARGS e participava assiduamente das atividades e encontros promovidos pela associação, como comenta Círio Simon em seu blog (Figura 56). Pensava inicialmente que ela havia participado da fundação de sua fundação em 1982; contudo, consultando as primeiras atas, constato que seu nome não aparece entre os dos membros fundadores.

FICHA INDIVIDUAL	
NOME DO SERVIDOR: CHRISTINA HELFENSTELLER BALBÃO	
FILIAÇÃO: ANTONIO MARTINS BALBÃO e EMILIA HELFENSTELLER BALBÃO	
DATA DO NASCIMENTO: 14-2-1917	NACIONALIDADE: bras leira
MUNICÍPIO: PORTO ALEGRE	ESTADO: R.G. do SUL
ESTADO CIVIL: solteira	NOME DO CONJUGE:
ENDEREÇO: Cel. Fernando Machado,	Nº 513 APART. Nº
CIDADE: PORTO ALEGRE	BAIRRO: CIDADE BAIXA
TELEFONE: 248546	C.P.F. Nº 006453030
<u>CARTeira DE IDENTIDADE</u>	<u>TITULO DE ELEITOR</u>
NUMERO: 135232	ZONA: 1ª
SERIE: E 3333	SEÇÃO: 60
SEÇÃO: J. 2224	NUMERO: 9475/A
ORÇAO EXPEDIDOR: DPC - R.G.SUL	CIRCUNSCRIÇÃO: R.G. do SUL
<u>ESCOLARIDADE</u>	
DOCTOR COM PCS-GRADUAÇÃO (phd)	<input type="checkbox"/>
DOCTOR COM DEFESA DE TESE	<input type="checkbox"/>
LIVRE DOCENTE	<input type="checkbox"/>
MESTRADO	<input type="checkbox"/>
GRADUADO	<input checked="" type="checkbox"/>
COLEGIAL COMPLETO	<input type="checkbox"/>
COLEGIAL INCOMPLETO	<input type="checkbox"/>
GINASIAL COMPLETO	<input type="checkbox"/>
GINASIAL INCOMPLETO	<input type="checkbox"/>
PRIMARIO COMPLETO	<input type="checkbox"/>
PRIMARIO INCOMPLETO	<input type="checkbox"/>
<u>ACUMULAÇÃO</u>	
CARGO OU FUNÇÃO:	REPARTIÇÃO:
ASSISTENTE TÉCNICO	MUSEU de ARTE do R.G. do SUL
	Departamento de A. Culturais
	Secretaria de E. e Cultura - R.S.

**FIGURA 54 - Formulário de Admissão como Assistente Técnica do MARGS**  
Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

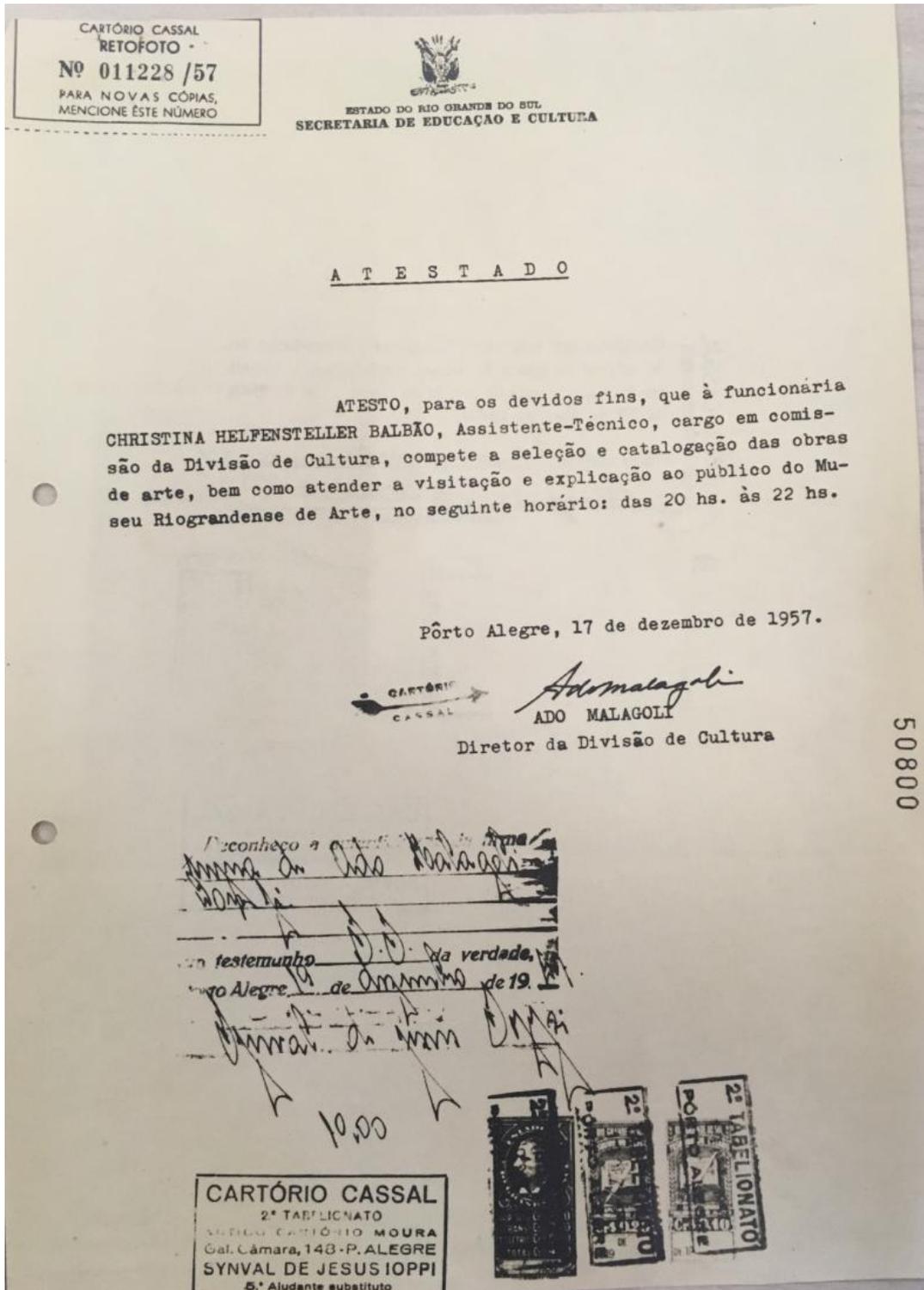


FIGURA 55 - Documento oficial do Estado do Rio Grande do Sul, funções de Christina Balbão no MARGS, catalogar as obras e mediar os visitantes, 1957  
Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS



**Figura 56 - Fotografia no MARGS, 2002**

Da esquerda para a direita: Lenir Perondi, Christina Balbão, Ruth Malagoli e Círio Simon em encontro promovido pela Associação de Amigos do MARGS, 2002.

Fonte: Blog do Professor Círio Simon

Em decorrência do centenário de aniversário de Christina Balbão, em 2017, foi realizada no auditório do MARGS uma edição especial do projeto *Conversas no Museu* com o tema *Cristina Balbão: um nome para lembrar*<sup>38</sup>. Palestraram sobre a artista o professor Círio Simon, Eduardo Vieira da Cunha e o ex-diretor Luís Inácio Franco de Medeiros. Também foi fixada nessa data a placa em homenagem a ela (Figura 57).

---

<sup>38</sup> O evento teve organização do Núcleo de Documentação e Pesquisa do MARGS e da AAMARGS, e ocorreu paralelamente à exposição *4 Mulheres, 1 Centenário*, proposta pela Coordenação de Artes Plásticas da Prefeitura de Porto Alegre, as Pinacotecas Ruben Berta, Aldo Locatelli, FUNDACRED e Barão de Santo Ângelo, e do IA-UFRGS, que homenageava, além de Balbão, Alice Soares, Alice Brueggemann e Leda Flores.



FIGURA 57 - Placa em Homenagem a Christina Balbão, MARGS, 2007  
Foto da autora, 2018

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei nesta monografia resgatar a trajetória de Christina Balbão nas diferentes instituições em que ela atuou, dando destaque também para sua produção, pouco estudada<sup>39</sup>. A partir da historiografia, pude traçar paralelos entre a vida de Balbão e as transformações pelas quais a cidade de Porto Alegre passava ao longo do século XX. Balbão, uma artista precursora de seu tempo, esteve presente nessa conjuntura e ajudou a formar a nova geração de artistas. Espero que este trabalho seja o primeiro passo para seu devido reconhecimento.

Como artista, Balbão destacou-se entre as alunas de Fernando Corona, sendo elogiada pela crítica de arte da época. O convívio com artistas, colegas e professores do IA teve muita influência em suas obras. A troca de idéias no ateliê de Alice Soares e Alice Brueggemann, assim como a amizade que se estabelece entre as colegas, foi imprescindível para a colocação de Christina Balbão no campo artístico da época. Além disso, a influência de João Fahrion, Tasso Corrêa e Ado Malagoli permitiram que Balbão se desenvolvesse como educadora, tendo uma visão ampla e moderna do ensino. Espero que seus trabalhos, quando forem devidamente doados ao MARGS, possam ser estudados a fundo, permitindo estabelecer relações entre a técnica acadêmica e as referências modernizantes que Balbão buscava através de suas viagens e estudos.

No espólio de Christina Balbão havia 400 obras de sua autoria, além de trabalhos de amigos, alunos e colegas que ela mantinha em sua coleção. Os itens que irão compor o acervo do MARGS estão em processo de tombamento e doação, procedimento que levou os meses de confecção desta monografia. Até o momento, cerca de metade das obras foram fotografadas, algumas restauradas e limpas. Sendo assim, ainda não é possível ter acesso à elas. Dentre os quase 300 desenhos em grafite e carvão, destacam-se os nus em grandes dimensões (cerca de 1mx1m), também diversos autorretratos extremamente expressivos. Das esculturas, todas em gesso, algumas foram identificadas nesta monografia como sendo da década de 1940, pois são as mesmas que Fernando Corona fotografava em

---

<sup>39</sup> Em 2009, em decorrência do leilão de seu espólio, foi realizada uma exposição de desenhos de Christina Balbão. Nessa ocasião, várias obras vieram pela primeira vez a público. (GOMES, 2012). Também será lançado catálogo da exposição *4 Mulheres, 1 Centenário*. Seus autores, Paulo Gomes e Blanca Brittes disponibilizaram o texto para esta monografia.

seus diários. Esses documentos ajudaram na identificação e datação das obras, já que algumas estavam sem identificação de assinatura e data. Todas são de tipos comuns, modelos que Balbão contratava para pousar em seu ateliê. As 72 pinturas são em sua maioria paisagens e naturezas mortas da época em que Christina Balbão cursava pintura no IA, década de 1930. Há vários retratos da família e cerca de 4 impressionantes pinturas abstratas, que infelizmente não estão datadas, mas suponho que sejam da década de 1950, de quando Balbão viajou para a Bienal de São Paulo e se impressionou com os trabalhos “modernos” que lá viu (MARGS, 2004). Quando a doação se concretizar, o MARGS terá o maior acervo de obras de Balbão. Minha intenção é ajudar a organizar a primeira exposição individual da artista, conferindo-lhe o prestígio que merece.

Como professora, seus ensinamentos, fundamentados na técnica, mas abertos a ponto de permitir ao aluno experimentar outros materiais e concepções, formaram uma nova geração de artistas gaúchos que se destacaram em todo o país. Luiz Gonzaga, por exemplo, utilizava a resina para esculpir em um tempo em que esse material era novidade. O experimento e a curiosidade sempre estavam presentes nas aulas de Christina Balbão. Ele mesmo comenta “ela era professora de não ensinar nada, para não induzir o aluno”. Incentivava os testes, mas sem interferir na produção autoral. Sobre esses ensinamentos, Anico Herskovits disse que ela mesma os incorporou em suas aulas. A influência de Christina Balbão nessa geração de artistas vai além da questão do ensino. Ela motivava, gerava curiosidade, instigava os alunos a participarem de mostras e salões, pois somente assim suas produções iriam se desenvolver.

E, por fim, sua atuação como técnica administrativa do MARGS merece ser lembrada. Foi ela a primeira funcionária, ajudou na constituição do acervo e seu nome, até o momento, só é lembrado em uma placa em homenagem. Balbão foi quem instaurou a função de mediação no museu – ocupação que teve até seus últimos dias de vida, porque ela, após a aposentadoria, continuava atuando no museu através da AAMARGS e do Núcleo Educativo. Até sua mudança de sede para a Praça da Alfândega, em 1978, o museu carecia de investimentos e equipe. Balbão durante esses anos esteve presente, junto com os diversos diretores que estiveram a frente do museu. Na época do foyer do *Theatro São Pedro* ela era a única funcionária. Depois somaram-se a ela uma equipe de cinco pessoas, para

somente depois de anos estabelecerem núcleos administrativos com funções específicas.

Tendo isso em vista, espero que esse trabalho seja o começo de um reconhecimento importante para a reescrita da história da arte no Rio Grande do Sul, com enfoque nas mulheres artistas que fizeram parte desse caminho e merecem ser lembradas por isso, revisitando assim a historiografia da arte do Estado. Afortunadamente, as obras do acervo da família serão doadas ao MARGS, local em que serão devidamente acondicionadas e disponibilizadas para pesquisa. Que esse trabalho dê suporte para novos projetos sobre Balbão e também sobre suas colegas, amigas professoras e artistas que estabeleceram esse campo artístico feminino nos anos 1940.

## REFERÊNCIAS

- BOHNS, Neiva Maria Fonseca. *Continente Improvável: Artes Visuais no Rio Grande do Sul do Final do Século XIX a Meados do Século XX*. 2005. 383 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- BOLZAN, Adriana Pinto. *Pinacoteca Barão de Santo Ângelo: um pouco de sua História*. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais). Instituto de Artes, UFRGS, Porto Alegre, 2011.
- BALBÃO, Christina. *Um Museu Vivo*. In *Memória do Museu / organizado por Paulo César Ribeiro Gomes e Vera Regina Luz Grecco*. Porto Alegre: MARGS, 2005 (publicação editada em comemoração aos 50 anos do MARGS), p. 46-51.
- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e Abusos da História Oral*. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.
- BRITES, Blanca. *Nossas Alices. Alice Brueggemann & Alice Soares*. Porto Alegre: Galeria de Arte Mosaico, 1998.
- \_\_\_\_\_. Apontamentos sobre construções visuais. In: BRITES, Blanca ET AL. (2012). *100 anos de artes plásticas no Instituto de Artes da UFRGS: três ensaios*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.
- BRITES, Blanca; AVANCINI, José Augusto (curadoria). *Ado Malagoli: tradição e modernidade*. Porto Alegre: Bankorp Cultural/Opus Promoções, 2004.
- BULHÕES, Maria Amélia. A Roda da Fortuna: o Modernismo se Consolida e Emergem seus Primeiros Questionamentos. In: GOMES, Paulo (org.). *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: Uma Panorâmica*. Porto Alegre: Lahtu Sensu, 2007.
- CAMPOS, Cláudia Renata Pereira. *Traçando um Ideal: Associação de Artes Plásticas Francisco Lisboa (1938-1945)*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- CORONA, Fernando. *Cinco pintoras e escultoras no Auditório do Correio do Povo*. Correio do Povo, 28 de novembro 1947.
- \_\_\_\_\_. *Caminhada nas Artes - 1940-76*. Porto Alegre: UFRGS/DAC/SEC-RS, 1977.
- ERMEL, Tatiane de Freitas; BASTOS, Maria Helena Camara (orientadora). *Grupo Escolar Fernando Gomes: a Construção de um Novo Espaço Escolar na Cidade de Porto Alegre/RS (1913-1946)*. Anais da Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

GOLIN, Cida. Da Praça da Matriz à Praça da Alfândega. In: VASCONCELLOS, Naira; GRECCO, Vera Regina Luz (org.). *MARGS*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

GOMES, Paulo (org.). *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: Uma Panorâmica*. Porto Alegre: Lahtu Sensus, 2007.

\_\_\_\_\_. *100 anos de artes plásticas no Instituto de Artes da UFRGS: três ensaios*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

\_\_\_\_\_. XXXII Colóquio do CBHA. *A Escola de Artes do Rio Grande do Sul e suas várias modernidades*. 2012. (Congresso). Disponível em: <[http://www.cbha.art.br/coloquios/2012/anais/pdfs/artigo\\_s5\\_pauloribeirogomes.pdf](http://www.cbha.art.br/coloquios/2012/anais/pdfs/artigo_s5_pauloribeirogomes.pdf)>

KERN, Maria Lúcia Bastos. *Les origines de La peinture 'Moderniste' au Rio Grande do Sul - Bresil*. Paris :Sorbonne, 1981.

\_\_\_\_\_. Estado Novo: Crítica de Arte e Ideologia. In: *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: pesquisas recentes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995.

\_\_\_\_\_. A Emergência da Arte Modernista no Rio Grande do Sul. In: *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: uma panorâmica*. Porto Alegre: Lahtu Sensus, 2007.

KLOECKNER, Francine. *Pinacoteca APLUB de arte rio-grandense: instituição e primeiros anos*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História da Arte). Instituto de Artes, UFRGS, Porto Alegre, 2014.

KRAWCZYK, Flavio. *O espetáculo da legitimidade - os Salões de Artes Plásticas em Porto Alegre: 1875-1995*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

NICOLAIEWSKY, Alfredo. *Fernando Corona e o "Documentário fotográfico de esculturas executadas pelos alunos desde a fundação do curso de escultura"*. In: VALLE, Arhtur; DAZZI, Camila; PORTELLA, Isabel Sanson; SILVA, Rosangela de Jesus (org.). *Oitocentos - Tomo IV: O ateliê do artista*. Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2017.

PIETA, Marilene Burtet. *A Modernidade da Pintura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Sagra, 1995.

ROSA, Renato; PRESSER, Décio. *Dicionário das Artes Plásticas do Rio Grande do Sul*. 1ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997.

ROSA, Vera Lucia Machado. *Notas Sobre a Trajetória da Ação Educativa no MARGS*. In: CAPRA, Camen Lúcia (org.). *Vincular: pesquisa e docência, arte e educação*. Porto Alegre: MARGS, 2014.

RAMOS, Paula V. *Artistas ilustradores: a Editora Globo e a constituição de uma visualidade moderna pela ilustração*. Tese (doutorado em Artes Visuais). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SIMON, Círio. *Origens do Instituto de Artes da UFRGS – Etapas entre 1908 e 1962 – Contribuições na Constituição de Expressões de Autonomia no Sistema de Artes Visuais do Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

VARGAS, Rosane Teixeira. *Excluídas da memória: mulheres no Salão de Belas Artes no Rio Grande do Sul (1939-1962)*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Instituto de Artes. 2013.

## Catálogos

INSTITUTO DE BELAS ARTES DO RIO GRANDE DO SUL. 1º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul: comemorativo ao cinquentenário da proclamação da república: catálogo. Porto Alegre: 1939.

\_\_\_\_\_. 2º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul: comemorativo do bicentenário da fundação cidade de Porto Alegre. Porto Alegre:1940

\_\_\_\_\_. 3º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul: comemorativo da inauguração do novo edifício do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 1943.

\_\_\_\_\_. 4º Salão Oficial de Belas Artes do Rio Grande do Sul: comemorativo da inauguração da ampliação e das novas instalações do novo edifício do Instituto de Belas Artes. Porto Alegre: 1953.

\_\_\_\_\_. 5º Salão Oficial de Belas Artes do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 1954.

\_\_\_\_\_. 6º Salão Oficial de Belas Artes do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 1955.

\_\_\_\_\_. 7º Salão Oficial de Belas Artes do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 1956.

\_\_\_\_\_. 8º Salão Oficial de Belas Artes do Rio Grande do Sul. 1º Salão Panamericano e comemorativo dos 50 anos do Instituto de Artes de Porto Alegre. Porto Alegre: 1958.

\_\_\_\_\_. Arte Rio-grandense do passado ao presente. Galeria IBA. Porto Alegre, 1961.

\_\_\_\_\_. 9º Salão Oficial de Belas Artes do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 1962.

\_\_\_\_\_. Professores de Ontem e Hoje: exposição comemorativa ao 69º aniversário do Instituto de Artes. Porto Alegre, 1977.

\_\_\_\_\_. *Duas Alices: 80 Anos*. Porto Alegre:1997.

GOMES, Paulo; BRITES, Blanca. 4 mulheres 1 centenário, 2018. (texto fornecido pelo autor)

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL ADO MALAGOLI. VASCONCELLOS, Naira; GRECCO, Vera Regina Luz (org.). Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

\_\_\_\_\_. MARGS 50 Anos. Porto Alegre: MARGS, 2004.

\_\_\_\_\_. CATÁLOGO GERAL. HOLTZ, Raul (org.). Porto Alegre: MARGS, 2013.

PINACOTECA BARÃO DE SANTO ÂNGELO - CATÁLOGO GERAL 1910-2014. GOMES, Paulo (org.). BRITES, Blanca; CARVALHO, Ana; RAMOS, Paula; SILVEIRA, Paulo; VERAS, Eduardo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015.

### **Sites da internet**

ACERVO DO INSTITUTO DE ARTES UFRGS. <http://www.ufrgs.br/acervoartes/>. ACESSO: 9/12/2008.

ASSOCIAÇÃO RIOGRANDENSE DE ARTES PLÁSTICAS FRANCISCO LISBOA. <http://chicolisboa.com.br/about/>. ACESSO 5/12/2018.

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL ADO MALAGOLI. <http://www.margs.rs.gov.br/aamargs/>. ACESSO 30/11/2018.

BLOG PROFESSOR CÍRIO SIMON. <http://profciriosimon.blogspot.com/2017/02/197-estudos-de-arte.html> . ACESSO 4/12/2018.

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL ADO MALAGOLI. <http://www.margs.rs.gov.br/midia/christina-balbao/> . ACESSO 4/12/2018.

GRUPO SANTA HELENA. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo520054/grupo-santa-helena>>. Acesso em: 30 de Nov. 2018. Verbete da Enciclopédia.

## ANEXOS

### ANEXO A – Cronologia de Christina Balbão

Nome completo: Christina Helfensteller Balbão

Data de nascimento: 17/02/1917, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Data de falecimento: 2/08/2007, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Filiação: Antônio Martins Balbão e Emilia Helfensteller Balbão

- 1933 Ingressa como discente no curso de Preparatório, 1º ano, no Instituto de Belas Artes
- 1934 Requer matrícula para o Preparatório, 2º ano, no Instituto de Belas Artes
- 1936 Requer matrícula para o Preparatório, 3º ano, no Instituto de Belas Artes
- 1937 Pelo regime de adaptação foi classificada no; curso de Artes Plásticas, série 3º ano de Pintura
- 1938 Curso de Superior, série 4º ano de Artes Plásticas. Diplomação em dezembro de 1938 em Artes Plásticas (Pintura)
- Participa da viagem de estudos organizada pelo Instituto de Belas Artes para o Rio de Janeiro.
- 1939 Auxiliar de Fernando Corona no ateliê de escultura do IA
- 1940 Matrícula requerida em Março de 1940, para o curso de Artes Plásticas (Escultura), série 1º ano, no Instituto de Bellas Artes do Rio Grande do Sul.
- 1940 – 1946 Trabalhou como professora de desenho e também na biblioteca do Colégio Primário Fernando Gomes, atual Escola Técnica Ernesto Dornelles.
- 1941 Curso de Aperfeiçoamento de Pintura, continuação do curso de Artes Plásticas - obteve frequência na cadeira de paisagem. Curso de Artes Plásticas (Escultura), série 3º ano de Escultura.
- 1942 Curso de Artes Plásticas (Escultura), série 4º ano de Escultura. Diplomação em dezembro de 1942 curso de Artes Plásticas (Escultura).
- 1944 Mudança de cargo para Instrutora de Nível Superior no IA.
- 1945 Participa da organização da viagem de estudos do Instituto de Artes para Uruguai e Argentina
- 1946 Exonera-se do magistério primário na Escola Experimental Fernando Gomes
- Foi promovida a professora titular do IA

- 1947 Funda junto com outros artistas a Associação Araújo Porto Alegre  
Organiza viagem de estudos para Minas Gerais e Bahia
- 1947 – 1957 Etudes Françaises na Faculte des Lettres Universite de Nancy-França
- 1949 Organiza viagem de estudos para o Rio de Janeiro
- 1950 Participa da organização da viagem de estudos do Instituto de Artes para São Paulo e Rio de Janeiro
- 1951 Visitou a 1ª Bienal de São Paulo
- 1952 Assume a cadeira de modelagem e escultura no IA temporariamente devido afastamento do Professor Fernando Corona para viagem ao exterior.  
Chefia a viagem de estudos do IA para Buenos Aires  
Realizou curso em Buenos Aires com Horácio Juarez  
Participa da criação da Associação Brasileira de Desenho seção Rio Grande do Sul
- 1953 Viagem à Europa para estudos
- 1954 Realizou curso de Didática do Desenho, 1º ano de Licenciatura, na Faculdade de Filosofia da Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Diplomação no mesmo ano.  
Foi nomeada assistente-técnica do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli
- 1957 Finaliza o curso D'Études Françaises Universite de Nancy
- 1959 Passa a ser a responsável pela Cadeira de Desenho e Modelo Vivo do IA
- 1966 Cursa Filosofia da Arte na Faculdade de Filosofia da UFRGS, forma-se no mesmo ano  
Assume como professora catedrática a cadeira de Desenho de modelo vivo em função da aposentadoria compulsória de João Fahrion
- 1971 Diretora do Instituto de Artes da UFRGS
- 1974 - 1975 Foi eleita chefe de departamento de artes visuais no Instituto de Artes da UFRGS.
- 1975 – 1976 Diretora do Instituto de Artes da UFRGS
- 1983 Chefe substituta do departamento de Artes Visuais no Instituto de Artes da UFRGS, de 01/02 a 17/02 do mesmo ano.
- 1987 Aposentadoria compulsória do MARGS e do Instituto de Artes.

- 2002 Participa do grupo de pesquisa da AAMARGS
- 2005 Recebe a Comenda Pedro Weingartner
- 2007 Recebe o Prêmio Açorianos de Artes Plásticas

**Exposições coletivas:**

- 1933 Exposição de trabalhos de alunos. Instituto de Belas Artes, Porto Alegre, RS.
- 1938 Exposição de trabalhos de alunos. Instituto de Belas Artes, Porto Alegre, RS. Categoria pintura, arte decorativa e modelo vivo.
- 1943 Exposição de trabalhos de alunos. Instituto de Belas Artes. Porto Alegre, RS. Categoria escultura.  
3º Salão do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul. Instituto de Belas Artes, Porto Alegre, RS. Medalha de bronze na categoria escultura.
- 1947 Exposição no Auditório do Correio do Povo. Porto Alegre, RS.
- 1949 Mostra da Associação Araújo Porto Alegre. Porto Alegre, RS.
- 1953 4º Salão do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul. Instituto de Belas Artes, Porto Alegre, RS. categoria escultura – obras: meu tio, guri e jovem – medalha de prata  
Exposição de Artes Plásticas. Casa das Molduras, Porto Alegre, RS.  
3º Festival de Bento Gonçalves, RS. Medalha de prata
- 1954 5º Salão do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. Júri da categoria escultura
- 1955 6º Salão do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. Júri da categoria escultura
- 1956 7º Salão do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. Júri da categoria escultura
- 1957 Salão da Aliança Francesa. Porto Alegre, RS. Júri  
Exposição de Arte Moderna da Associação Rio-grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, Porto Alegre, RS.
- 1958 1º Salão Pan-Americano de Arte. Comemorativo do cinquentenário da fundação do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS: júri de premiação geral

V Salão da Câmara Municipal de Porto Alegre, RS. Organizado pela AFL. 3º prêmio de escultura

1959 Salão da Associação Rio-grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, Porto Alegre, RS. Medalha de prata na categoria escultura

VI Salão da Câmara Municipal de Porto Alegre. Prêmio aquisição

1961 Exposição Arte Rio-grandense do Passado ao Presente. Instituto de Belas Artes, Porto Alegre, RS. Categoria escultura

1962 9º Salão de Artes Plásticas do Instituto de Belas Artes. Porto Alegre, RS. Júri de premiação

1967 3º Salão da Cidade de Porto Alegre, RS. Júri

1970 1º Salão de Artes Visuais da UFRGS. Porto Alegre, RS. Júri de premiação

1977 Exposição Professores de Ontem e Hoje, comemorativa dos 69º anos do Instituto de Artes. Porto Alegre, RS. Categoria escultura

2009 Exposição Coleção de Christina Balbão. Galeria Ponto de Arte, Porto Alegre, RS.

2012 Exposição Novas Aquisições da Pinacoteca Aldo Locatelli, Porto Alegre, RS.

2013 Exposição Retrato Poa na Pinacoteca Aldo Locatelli, Porto Alegre, RS.

2017 Exposição 4 Mulheres 1 Centenário na Pinacoteca Ruben Berta, Porto Alegre, RS

Exposição Mulheres por Mulheres: Representações do Feminino na Pinacoteca Aldo Locatelli, Porto Alegre, RS.

## ANEXO B – Entrevista Anico Herskovits

Entrevista concedida à autora dia 4/09/2018 - 42min

Mélodi - Como você conheceu a Christina? Que época era?

Anico - Ela era professora de desenho da figura humana (no Instituto de Artes da UFRGS) e eu fui aluna dela de 1970 a 1974. Eu era fanática por desenho e depois que eu me formei ela continuava me deixando freqüentar as aulas, porque o professor de pintura não ia às aulas e eu podia levar o cavalete e os quadros e ela me orientava mesmo na pintura. Então eu comecei a freqüentar as aulas em 1970 e tivemos uma amizade até o final da vida dela, praticamente.

Mélodi - Então você via ela em outros momentos, fora da sala de aula?

Anico - Sim, inclusive meu último encontro com a Dona Christina - eu me lembro claramente - ela estava bem velhinha e indo no Santander Cultural visitar uma exposição. Sim, ela ia a tudo, continuava visitando as exposições. Eu estava lá - não na abertura - era um sábado ou domingo e eu vi ela vindo com a sua bengalinha. Eu e a Ana<sup>40</sup> sempre gostávamos de vê-la, era nosso exemplo. Eu sentei em um banco para conversar e saber as novidades, mas não durou muito, pois ela disse: “preciso ir, vou em um concerto”. Ela ia a concertos, a palestras, ela era uma pessoa super inquieta, era maravilhosa. Eu até hoje, às vezes, penso em Dona Christina.

Mélodi - Ela foi uma pessoa importante para a sua formação?

Anico - Muito, muito, muito. Ela era uma pessoa inquieta, então quando ela via um interesse - Ana e eu éramos muito curiosas - ela recomendava livros, filmes, exposições... Ela tinha um baú dos mistérios, às vezes ela tirava um chapéu (a mãe dela tinha sido chapeleira) ou um pé seco de galinha para a gente desenhar - eu tenho uma caixinha com insetos, isso foi influência da Dona Christina - ela tinha esqueletinhos de peixe secos, horrores de coisas porque às vezes não tinha modelo e ela estimulava a gente com esses objetos. Ela era uma sábia. Depois, quando eu dei aula, eu aprendi com ela que existem pessoas que não querem estar ali, se veio somente pela presença eu te dou, mas não incomoda a aula. A Dona Christina estimulava quem estava interessado e desde a primeira aula foi um exemplo para mim.

---

<sup>40</sup> Ana era colega de Anico no Instituto de Artes, mas não chegou a concluir o curso.

Eu sempre tive facilidade para o desenho. Ela colocava a gente com cavaletes e materiais simples como o carvão para desenhar. Na primeira aula eu lembro que havia uma modelo, mulata com um pescoço lindo, ela (a Christina) ficava circulando e de vez em quando ela dizia alguma coisa: “olha aqui, te afasta do desenho...” Eram duas ou três horas de aula, a gente fazia vários desenhos e no último que eu fiz um risco (mostra no ar um rastro circular), eu tirei do cavalete e amassei e joguei no lixo. Ela foi no lixo, desamassou o desenho e pendurou. Havia uma parede em que ela pendurava os melhores desenhos da aula - eu fazia também com meus alunos, muitas coisas eu incorporei nas minhas aulas<sup>41</sup>. Que será que ela viu nesse desenho? No final do semestre tinha uma exposição, ela escolhia os desenhos e escolheu vários meus e mais aquele. Tu comentaste que ela guardava os trabalhos dela, não colocava nada fora, eu tinha a mania de rasgar e ela me dizia: “não rasga no impulso, tu guarda pelo menos por cinco anos”. Agora eu tenho as minhas gavetas cheias, mas a cada tanto eu faço uma limpa, eu convido amigos e eles escolhem o meu lixo. O professor Paulo Gomes irá te dizer que meu lixo é conhecido (risos). O penúltimo que veio agora foi o Mario Ronald, depois ele perguntou: “que tu fez com o que sobrou?” Eu respondi que coloquei na churrasqueira e ele: “Não acredito! Fiquei com vergonha de pegar mais” (risos). Mas é isso, eu incorporei da Dona Christina, porque a gente fica com o olho cansado e não se consegue distinguir o que é bom na hora, no impulso a gente coloca no lixo. Eu queria saber o que ela viu no meu desenho... Ela andava discretamente atrás dos cavaletes e de vez em quando apontava algo, ou puxava o carvão e fazia uma sombra, pronto! Estava pronto!

Ela também estimulava o uso de materiais diferentes e também tamanhos diferentes. Ela me disse um dia: “quem sabe tu traz um papel assim...” Daí comprei um Kraft a metro e comecei a desenhar, eu tenho desenhos enormes, rolos de desenho. Nanquim, noqueira, hoje em dia nem se usa mais isso, eram pedras que se comprava em ferragem e se usava em móveis, tu podia diluir aquilo em álcool e fazia tinta, um marrom lindo! Dava para fazer bico de pena. Ela sempre andava em volta, minha e da Ana, ela foi uma grande incentivadora. Não somente desenho, mas música também, no sentido de abrir a cabeça para outras coisas.

---

<sup>41</sup> Anico foi professora de desenho do Instituto de Artes

Eu fico fazendo a relação, quando eu tinha 20 e poucos anos ela tinha 60, eu achava ela velha, porque ela tinha o cabelo todo branco. Para mim ela era muito mais velha, mas ela tinha menos do que eu tinha agora (risos).

Mélodi - Mas é porque tu via ela como uma figura de respeito.

Anico - Sim, sim. Ela tinha um sapatinho rosa de boneca com um prendedorzinho. Os alunos riam e a Ana e eu ficávamos indignadas porque queríamos defender ela disso. E outra, nas férias, isso era anos 1970, ela ia à África sozinha! Quando ela voltava, nós mais próximas, queríamos saber como era, ela nos contava coisas. Era um exemplo!

Mélodi - Sim, também tem essa questão de ela ser mulher, ser professora no IA em uma época que não haviam tantas professoras. E de ela ter essa atuação em Porto Alegre, isso foi importante para ti?

Anico - Sim, era um exemplo de vida. E eu lembro de ir com a Ana em exposições e criticar os artistas e ela (Christina) dizia: “Não, não vamos criticar, vamos ver o lado bom” Sempre o positivo, se era para falar mal, melhor não falar. Tudo ela incentivava.

Bom, eu estou achando tudo muito triste agora, mas na época havia salões, tinham galerias, acontecia muita coisa aqui.

Mélodi - Mas eu estou acompanhando as exposições hoje em dia e somente essa semana abrem mais de cinco exposições aqui em Porto Alegre.

Anico - Mas era diferente. Hoje não tem Salão. Antigamente os artistas começavam mandando os trabalhos para os Salões. A Dona Christina incentivava muito os alunos a participarem.

Mélodi - Sim, durante anos ela foi júri dos Salões do IA.

Anico - Sim, eu me lembro que os primeiros Salões eu participei com desenhos que eu fazia na cadeira dela. Ela mandava eu inscrevê-los. No começo eu não tirava prêmio, depois sim. Eu lembro que no ano 2000 eu fiz uma exposição na Galeria Bolsa de Arte, eu continuei indo depois da abertura e um dia encontrei a Dona Christina visitando a minha exposição. Ela sempre prestigiava.

Mélodi - E como tu vê essa questão mais política dela dentro dos espaços institucionais? Ela tinha voz? Por exemplo, dentro do MARGS, ela tinha poder de decidir quais obras iam entrar para o acervo? Que exposições iriam ocorrer?

Anico - O MARGS foi inaugurado em 1950 e poucos, eu ainda estava no Uruguai, nasci lá e vim para cá em 1956. Isso é história, eu sei que ela foi uma ajudante muito eficiente do Ado Malagoli. Eu cheguei a ir no museu nos anos 1970, nos altos do Theatro São Pedro, quando eu estava na faculdade. Eu lembro de uma exposição sobre gravuras japonesas e a Dona Christina lá era muito ativa.

Mélodi - Meu interesse é entender quais eram essas atividades que ela desempenhava no MARGS. Saber se efetivamente ela tinha um poder de decisão.

Anico - Eu acho que na época do Ado Malagoli sim. Depois o Museu foi para a Av. Salgado Filho, onde era um clube. Depois, na década de 1980, é que ocupa o prédio que está agora. Eu expus na Av. Salgado Filho e na época, 1976, eu já não era aluna, mas freqüentava a aula da Dona Christina, pois ela havia me dado essa liberdade, uma ou duas vezes por semana eu ia. Ah, o Luis Inácio Medeiros, ele foi o diretor do MARGS nessa época e foi o responsável pela transferência de sede. Na época, eu acho que a Dona Christina era a única funcionária, não sei se haviam outros e acho que nessa época ela era influente... Porque, imagina! Nós recém saídas do IA (referindo-se a ela própria e a colega Ana), deve ter tido um dedo da Christina (o fato de elas exporem no MARGS). Inclusive foi engraçado porque eu lembro - eu vou te mostrar uma gravura minha depois - foi minha segunda exposição individual e havia uma gravura intitulada "a família", alguém deixou escrito que queria comprar, mas não podia comprar à vista. Então perguntei à Dona Christina o que fazer. Acho que ela conhecia as pessoas, porque eu vendi a conselho da Dona Christina. Ela disse: "confia, vende".

Mas acho que essa época sim, depois eu já não sei<sup>42</sup>. Eu expus depois no MARGS em 1985, também foi uma individual nas Salas Negras, que ainda não eram negras (risos). Mas aí eu já não sei, teria que perguntar para o Luis Inácio Medeiros. Ele tem um apartamento aqui, um em Buenos Aires e um em Nova Iorque, mas dá para conversar com ele *inbox*. Ele conviveu bastante com ela.

---

<sup>42</sup> Se referindo ao MARGS na atual sede da Praça da Alfândega.

Mélodi - Sim, acho que para minha pesquisa seria importante entrevistar alguém que teve essa relação de trabalho com ela.

Anico – Sim. E, na época, calculando, eu não tinha 30 anos, ele também, foi um diretor jovem, devia ter uns 36 anos. Ele era uma pessoa muito bem relacionada, muito dinâmico, tanto que ele conseguiu essa sede, a pintura da sede, e conseguiu mudar o MARGS.

*Finalizo, agradeço, mas volto a gravar.*

Anico - Quando ela saiu do IA eu já não estava convivendo com ela, mas eu soube que ela saiu muito magoada. Ela continuou como monitora no museu (MARGS). Uma vez ela comentou, deixou escapar a mágoa, mas eu não sei o que foi. Era um prazer ver ela monitorando, fazendo a mediação, aquilo era um prazer para ela. Mesmo depois de se aposentar ela continuava mediando, porque acho que isso era a vida dela. Era visível o prazer que ela tinha de provocar aquele público, as escolas, as pessoas. Ela ia se aproximando e conversando com todos. Enfim, ela tinha desafetos, mas ela não deixava transparecer.

Mélodi - Sim, ninguém agrada a todos, mas na minha pesquisa não acho importante abordar tanto esse tema, pois esses desafetos ao meu ver eram mais algo pessoal. Ela chegou a ir representar o IA em algumas viagens também.

Anico - Sim, era ela, a Alice Soares e a Dorothea, as três professoras. Elas eram bem diferentes e fortes, tinham personalidades fortes. Mas principalmente com a Dona Alice, elas eram bem amigas. Mas a época em que ela representou o IA foi antes de 1970, eu não vi isso.

Ela foi assistente do professor Fernando Corona. Ela foi contemporânea de vários dos fundadores, dos principais professores do IA. Provavelmente ela participou da definição do que eram as cadeiras, talvez o Luiz Gonzaga possa saber disso, pois ele era de uma geração anterior à minha. Ele é de Santa Maria ou foi professor em Santa Maria, então teve um período que ele não estava, mas ele era muito amigo dela. Inclusive teve um período que eu fui chamada para uma conversa sobre a Dona Christina no MARGS<sup>43</sup> e eu encontrei o Luiz Gonzaga na rua e informei e ele comentou que não estava sabendo. A mesma coisa foi com o enterro da Dona Christina, eu fui, cheguei tarde, a cerimônia já tinha acabado. Eu avisei o Luiz

---

<sup>43</sup> Palestra em comemoração do centenário, em 2017.

Gonzaga. Eu me surpreendi, pois ela está enterrada no cemitério evangélico, na Guilherme Alves perto da Oscar Pereira. É muito bonito, um grande jardim. Christina Helfensteller Balbão, de origem alemã.

Mélodi - Sim, mãe alemã e pai português.

Anico - Sim, depois eu fiquei sabendo porque os chapéus, porque a mãe era chapeleira.

Nessa última conversa no Santander ela comentou, porque ela ia sempre para Tramandaí, pois havia um veraneio da UFRGS e os professores iam. Ela sempre ia, muito independente. Daí comentei se ela havia ido, pois era final de veraneio. Ela disse: “ah não, os meus sobrinhos me levam para a casa deles, não querem mais que eu vá lá”. Ela tinha muito carinho pelos sobrinhos e eles por ela.

Mélodi - E ela chegou a comentar em aula por que ela parou de produzir?

Anico - Ela disse uma frase fantástica: “Eu não quero mais encher o mundo de objetos”. Eu não vou me lembrar literalmente, mas ela dizia que o trabalho artístico dela seria a formação de outros artistas. Mas eu acho que ela desenhava.

Mélodi - Então, é curioso, mas pelo que vi da doação que o MARGS recebeu, não existe nada a partir da década de 1950. Então acho que realmente ela parou.

Anico - Tem outra pessoa que tu poderias entrevistar, o Círio Simon. Ele foi professor no IA contemporâneo a ela. Talvez ele possa te dizer algo sobre isso, mas eu me lembro de ela dizer que o mundo já estava cheio de objetos. Eu acho que a vida dela era a atitude artística dela, ela pescando alguns alunos que ela via... Ela possuía essa sensibilidade, ela apostava e investia nos alunos. Em mim e na Ana ela certamente investiu, ela sempre estava à nossa volta, olhando, indo nas exposições, sugerindo coisas: “Pesquisa tal artista”, nos dava livros para ler.

Ela tinha curiosidade porque meus pais vieram da Hungria. Daí ela perguntava sobre coisas, sobre música, eu cheguei a levar discos para ela escutar. Outra coisa super importante: nas aulas de desenho ela levava discos e colocava música. Por exemplo, Ernesto Nazaré eu já conhecia, mas Francisco Mignone eu não conhecia, eu vim a conhecer pelas aulas dela, ela colocou o disco e eu achei muito bonito. Nós desenhávamos ouvindo. Quando eu dei aula eu levava discos também, em uma ocasião eu levei Mozart, uns concertos de flauta, uma coisa linda. Daqui a pouco

uma aluna me diz: “professora, a senhora se importa se nós trouxermos discos também?”. Eu respondi que só não poderia trazer rock pesado. Ela disse: “ah, é que essas músicas nos deixam tão ansiosos, tão nervosos”. Mas é o ritmo interno das pessoas. A Dona Christina trazia música de povos, étnicas, de curiosidades dos lugares que ela foi. Nos despertava estímulos. Coisas que não chegavam em Porto Alegre. Ela foi fantástica, uma figura inesquecível, até hoje penso: “o que Dona Christina estaria pensando disso?” É minha grande influência. Claro tive outros também, o Paulo como professor de desenho, por exemplo, ele estava na sala sempre, ele depois foi professor de gravura. A Maria Anita da cerâmica, o Danúbio Gonçalves também. A Dona Alice Soares tive pouco contato. Mas a Dona Christina foi fundamental porque ela não foi só professora de desenho, ela era uma influenciadora, uma motivadora em outros âmbitos.

Ela nos chamava atenção para outras coisas, às vezes estávamos no ateliê ela apontava algo fora da sala.

Mélodi - Vocês tinham aulas fora do ateliê?

Anico - Acho que com ela não, mas nós levávamos coisas para ela ver. Mas ela estimulava. Uma vez ela disse: “passei na praça, vocês olhem o que está acontecendo com aquela árvore” Era uma árvore que tinha uma outra árvore dentro, afogando. Que será que estava acontecendo ali? Era uma pessoa rica.

## ANEXO C – Entrevista Luiz Gonzaga

Entrevista concedida à autora dia 27/09/2018 - 26min

Mélodi - Como conheceu a Christina Balbão e que época era?

Luiz - Foi o princípio do princípio (risos). Eu vim a Porto Alegre para falar com o Iberê Camargo, pois ele havia morado em uma pensão junto com dois castilhenses que eram meus conterrâneos, casados com uma parente minha. Como o Iberê estava aqui e eu na cidade era conhecido como um guri que fazia pinturas, marcaram um encontro com ele. Ele estava expondo no MARGS, quando era em cima do Theatro São Pedro, o professor Ado Malagoli era o diretor. Vim e falei com o Iberê, ele me convidou para nos encontrarmos na exposição, eu cheguei bem cedo e falei com a Dona Christina, sem conhecê-la. Ela, como sempre, uma pessoa informativa, sempre se doando, falou comigo e não disse que era professora de belas artes, era somente uma funcionária ali. Eu comentei com ela que havia uma parente minha que havia feito Instituto de Artes, achava aquilo tudo uma coisa linda, pensava que um dia iria fazer. Essa minha prima era a Thereza Gomes, foi aluna do Ado Malagoli, aquele quadro das alunas tem ela bem no canto, Christina conhecia ela. Bom, terminou a visita com o Iberê, voltei para casa, quando eu vim me inscrever para o vestibular eu fui até o IA novamente e, quando estava entrando, Christina estava saindo. Eu disse: “Ah a senhora por aqui” (risos). Aquela era a casa dela, eu que estava por ali. Ela me deu um cartãozinho, tenho até hoje. Era o contato dela para ir até a casa dela modelar, ela me deu dicas para o vestibular.

Mélodi - Então tu fizeste aulas preparatórias com ela para o vestibular?

Luiz - Não eram bem aulas. Ela saía muito, não ficava em casa, mas de tarde eu passava lá e ela me deixava copiando coisas: máscaras africanas que ela trazia de viagens. Ela viu que eu era parente da colega dela e se interessou por mim.

Quando eu passei no IA fui convidado para ir em um sábado lá (na casa de Christina). Porque ela era amiga de uma médica que era prima do meu pai, de Cruz Alta. Então a gente se reunia, ouvia música, conversava. Ela era uma mulher muito culta e viajada, todo o meu processo de abertura cultural, porque eu vim do interior, foi na casa dela. Ali eu comecei a ver. Ela gostava muito do artesanato, viajava e trazia, assim como ela gostava da arte mais erudita, ela gostava também do

artesanato, dava valor. Gostava também de música, concertos, ela trabalhava no Theatro São Pedro... Antes eu ia, pagava e ia nos concertos, hoje em dia está tudo tão caro... Meu pai me mandava um dinheiro para a pensão e o que sobrava eu ia nos concertos, chegava a ir a pé para economizar. Assim foi, esse foi meu relacionamento com ela.

Eu sempre citei ela nos meus currículos, quando eu ganhei o prêmio da Prefeitura: Medalha Pedro Weingartner, eu citei ela no meu discurso e ela foi ver. Tenho foto com ela. Ela foi uma pessoa indispensável para minha formação.

Mélodi - Ela te influenciou?

Luiz - Claro, ela foi uma pessoa com muito conhecimento. Às vezes eu achava algo em uma revista e mostrava para ela, daquele jeito super simples para falar... Eu comprei um livro sobre um mosteiro que fica no sul da Argentina e ela disse: "Ah sim, conheço". Ela tinha ido! Christina era assim, nunca se exibiu das coisas que ela possuía, pois quem viaja possui coisas. Ela viajava muito. Eu lembro que consegui ir à Índia - porque eu lecionava em Santa Maria e lá apareceu a oportunidade de fazer mestrado na Espanha - e foi uma época milagrosa, porque você ganhava a bolsa mais os ordenados, então fizemos 9 viagens ao exterior, pagas à vista! Viajei muito, fui ao Egito, até a Índia, como ela tinha ido.

Mélodi - E tu queria conhecer esses lugares por influência dela?

Luiz - Mais ou menos, eu ficava fascinado.

Sei que ela ajudou muita gente, o Gomercindo (Guma). Quando eu estava estudando ele trabalhava na sala de escultura com o professor Fernando Corona, que orientou ele. Lembro que havia uma cabeça de madeira tão bonita na sala, depois descobri que era dele. Eu fiz amizade com o Guma, ele me levava para ver seus trabalhos e sei que a Dona Christina deu uma força muito grande para ele, comprava seus trabalhos e incentivava. Aliás, eu já vi fotografias de exposição com obras dele no MARGS que a obra que a Dona Christina possuía era muito superior, tinha 1,20m mais ou menos. Eu nem sei onde está essa obra.

Mélodi - Sobre as obras da coleção da Christina eu não sei o que aconteceu.

Luiz - Bom, deve estar com a família.

Mélodi - Eu ouvi relatos que ela ajudou a Magliani também.

Luiz - Sim. Até para mim ela deu tintas. Ela ajudava muitas pessoas, sempre naquele jeito dela, fazendo assim, passando para o outro. Pena que tu não tenhas conhecido, uma pessoa excepcional.

Eu vim para Porto Alegre, depois lecionei em Santa Maria, fui para Espanha e quando voltei para Porto Alegre ela ainda lecionava no IA.

Mélodi - Isso que época era?

Luiz - anos 1980. Eu comecei a trabalhar no IA em 1985, chegamos a ser colegas. Ela foi da minha banca para ser professor titular em Santa Maria. Mas eu vim para Porto Alegre porque no interior era tudo difícil, eu fui um dos primeiros a trabalhar com resina. Nem o fornecedor entendia disso na época. Eu trabalhava com forma de gesso, grudava tudo, eu tive que pesquisar como impermeabilizar a forma, por isso vim para cá. O professor Pasqueti era diretor e me ajudou.

Mélodi - O que ela falava sobre esses novos materiais que chegavam? Ela comentava sobre as obras, sobre essas técnicas diferentes?

Luiz - Sim, mas ela não palpitava, não dava um norte. Isso eu peguei dela, ela era professora de não ensinar nada, para não induzir o aluno. Depois a gente conversava, via para onde ia a coisa. Ela falava por alto para não intervir no trabalho do aluno, era bem interessante da parte dela.

Mélodi - O interessante era que a Christina era professora de desenho, mas ela é citada como influência por artistas de diferentes áreas.

Luiz - Sim, mas aí chegamos em outro ponto. Eu lembro dos Salões que aconteciam em Porto Alegre, os alunos tinham uma confiança muito grande pela seriedade do trabalho dela. Por exemplo, no Salão da Cidade de Porto Alegre, os artistas podiam sugerir um nome para compor o júri e sempre ela ganhava.

Onde eu conseguia falar sobre arte e música era na casa dela. Porto Alegre tinha pouca coisa, eu lembro que quando cheguei só havia uma galeria de arte. Hoje tem quantidade de galeria, Bienal, tem um movimento.

Mélodi - Falaram que ela foi uma das incentivadoras da Bienal do Mercosul.

Luiz - Sim, sim, sim. Porque na época ela era muito respeitada. Isso antes dos doutores.

Mélodi - E como tu vê a atuação política dela dentro do IA e do MARGS? Tu acha que ela influenciava nas decisões políticas, o que expor, o que entra no acervo?

Luiz - A gente sempre consultava ela como aluno. Eu não fui um aluno que expus, ganhei dois prêmios, um da Cidade de Porto Alegre e outro do Diretório Acadêmico. Eu acho que na época que eu estudei... os alunos agora são muito imediatistas, eu participei de algumas bancas que os alunos já estão com exposição, na nossa época ninguém falava em expor.

O sistema mudou, mas para mim, que vim do interior, era como se eu estivesse em Paris. Aquela Vênus e Apolo que vieram da Europa (se referindo a entrada do prédio do IA). Mas ela entusiasmava muito os alunos, nos mostrava livros, naquela época não tinha internet. Eu acho mesmo que ela foi uma influenciadora e uma orientadora de todos nós.

Mélodi - Ela chegou a comentar por que ela parou de produzir? Pois ela tem produção datada até meados da década de 1950.

Luiz - Eu não sei se chegou até vocês ou ela destruiu: três esculturas em gesso abstratas. Uma ela intitulou "Catedral", tinham tipo umas torres, eram belíssimas! Aquele modelado dela abstrato. Ela expôs na Reitoria da UFRGS, achei que ela iria recomeçar, mas não. Isso foi na década de 1960, pois eu estava estudando no IA.

Ela fez uma cabeça de uma prima minha, eu informei o MARGS porque estava com a legenda errada. Eu não sou muito velho, mas tenho 77 anos e vi muita coisa naquele Instituto (IA), tem muita obra que diz autor desconhecido que eu sei de quem é. Tem uma escultura minha que está como gesso, mas é cerâmica, o professor Fernando Corona que queimou.

Ela (Christina) e a Alice Soares fizeram o curso de pintura primeiro, depois escultura. Quando o professor Fernando Corona se aposentou na compulsória - ele ficou furioso, tinha tanta dedicação - daí ficou a professora Alice respondendo pela escultura. Depois veio a Dorothea Vergara, ela foi aluna dele, eu lembro do dia em que ela entrou na sala e o Corona indicou o nome dela.

Mélodi - A Christina trabalhou um tempo como assistente dele e depois quando o João Fahrion se aposenta ela assume a cadeira de desenho dele.

Luiz - Sim, eu estudei desenho com ele no último ano, foi meu último ano também. Ela assessorava... Eu lembro que ela dava aula no primeiro ano, nós desenhávamos cabeças, aula de modelo vivo. A gente fazia cópia em gesso só no cursinho para entrar, depois era somente modelo vivo.

Mélodi - Quando ela se aposenta, foi como o Corona, ficou chateada?

Luiz - Não, para mim ela nunca comentou nada.

Mélodi - Ela se aposentou compulsória em 1987, tanto do IA, quanto do MARGS.

Luiz - Ah sim, ela ficou no MARGS até depois da mudança de sede, onde ele está hoje. Ela sempre simples, assessorando os visitantes, mediando. Ela foi uma pessoa excepcional, aquilo era transmitido naturalmente. Eu fui influenciado no modelado dela, ela nunca me disse nada, mas sim, aquelas formas, meio Rodin.

Mélodi - Teus primeiros trabalhos lembram um pouco o modelado dela.

Luiz - Sim.

Mas eu estava comentando que havia uma obra que não estava com o nome dela... Tem uma amiga minha que tem um material muito grande sobre ela... Não lembro o nome. Ela tem um material muito grande sobre a Christina, inclusive fotos, daí pegamos a foto e levamos para que dessem os créditos certos. Daí corrigiram.

Mélodi - Tem alguns trabalhos muito interessantes que são pinturas abstratas, mas estão sem datas, esses tu conhece?

Luiz - Não, mas deve ser de quando ela foi aluna do Ado Malagoli. Ela tinha um baú em casa, na sala que frequentávamos, era uma arca pois sentávamos em cima. Um dia ela me mostrou, nós ficávamos lá na casa dela até começar o expediente dela no MARGS, aí subíamos a escadaria, passávamos a Rua Duque de Caxias e descíamos até o museu. Nesse dia ela me mostrou quantidades de desenhos a carvão, muita coisa intacta.

(Luiz vai buscar a caderneta para achar o nome da amiga que possui essas informações sobre a Christina. Descubro que é a Mara Franz, e aviso que já entrei em contato com ela)

Volto a gravar, estávamos falando sobre as coisas que Christina deixou.

Luiz - Sim, eu possuo três sacolas grandes que a Elaine (sobrinha-neta) me deixou e fico preocupado porque eu não sou eterno, onde isso vai parar? Ela me deu, eu sou o dono agora. Seria interessante passar para uma instituição. São marionetes.

Mélodi - A Elaine me comentou que a Christina passava os verões no litoral do RS, onde tem a colônia de férias da UFRGS, lá ela recolhia coisas que ela achava na areia e fazia pequenas esculturas. Talvez sejam essas marionetes.

Luiz - Ela sempre ia para lá. Ela dizia: “No verão as pessoas fogem do sol, eu caminho pelo sol pois é nele que está a fonte de energia”. Eu até queria falar com a Mara, pois ela tem grande quantidade de material. Ela me deu uma foto em que a Dona Christina está elegantemente vestida, ela nem ligava para essas coisas, mas nessa foto está muito bonita. Até vou telefonar para ela, falar algumas coisas.

## ANEXO D – Entrevista Eduardo Vieira da Cunha

Entrevista concedida à autora dia 27/09/2018 - 11min

Mélodi - Como você conheceu a Christina Balbão e qual o contato que você tinha com ela?

Eduardo - Eu conheci Christina Balbão por ser minha vizinha, eu morava na escadaria da Rua João Manuel e ela morava em uma casa logo abaixo. Eu sempre via aquela figura curiosa, cercada de alunos passeando pela escadaria, juntando coisas para o desenho. Minha surpresa foi quando entrei para o Instituto de Artes em 1974 e tive ela como professora. Isso era mais para o final do curso, desenho 5, a gente passava por diversos semestres de desenho. Era uma sala lá em cima, muito agradável, aberta, e Christina sempre levava propostas novas para desenharmos. Logo em seguida, comecei a trabalhar com ela também, em 1976, entrei no MARGS como assistente técnico do museu. Ela era funcionária do museu, mas ela trabalhava fora do horário normal, nos plantões, pois ela tinha que cumprir o horário na universidade como professora. Então ela trabalhava em plantões finais de semana ou de noite quando tinha sessões de cinema, uma época eu era encarregado de projetar os filmes, fazíamos sessões semanais de filmes 16mm de arte que os consulados tinham. A professora Christina ia nesses horários não comerciais, mas que o museu estava aberto: sábados e domingos.

Ela ficou muito minha amiga essa época, pois nos víamos no Instituto de Artes, no MARGS e além de tudo éramos vizinhos de rua. Eu lembro que a minha família contava que a mãe dela era chapeleira, tinha uma loja de chapéus nessa casa em que moravam e havia uma pequena vitrine na fachada - a casa ainda existe hoje, bem no final da escadaria da Rua João Manoel. Então intensificou-se nossa amizade, mas de se encontrar em locais em comum, pois ela freqüentava todas as atividades culturais que tinham em Porto Alegre. Ela estava sempre presente, inclusive nas outras atividades do museu.

Eu lembro que uma época ela ficou muito amiga do Ivo Wagner, que era um decorador bem conhecido, ele teve uma morte muito trágica, mas era bem conhecido em Porto Alegre. Ele gostava muito da Christina e mantinham uma amizade grande, andavam sempre juntos, o Ivo ia buscá-la em casa para ir aos

lugares. Até que uma vez a Christina se acidentou, foi atropelada quando descia de um táxi junto com o Ivo, em frente ao Theatro São Pedro. Eu acho que ela ficou meses no hospital e o pessoal iam todos visitá-la, eu ia também. Lembro que o Ivo ficou se sentindo culpado por tê-la levado. Isso era final da década de 1970. Ela se aposentou no IA e ficou no MARGS.

Mélodi - Na verdade essa época ela ainda trabalhava, ela se aposentou compulsoriamente dos dois locais em 1987.

Eduardo - Ah sim, mas enfim era uma pessoa que eu tinha um contato principalmente nos finais de semana.

Mélodi - Qual era a função dela no museu? Ela chegava a decidir qual a programação iria ter? Quem iria expor? Quais quadros iriam entrar no acervo?

Eduardo - Não, na verdade ela era uma funcionária que trabalhava como guia.

Mélodi - Uma mediadora?

Eduardo - Exato. Ela conversava com as pessoas. Orientava. Se alguém precisasse de alguma coisa ela orientava, se não ela ficava com o livro embaixo do braço, lendo. Ela era uma pessoa muito tímida, quieta, bem na dela. Ela só conversava com quem se aproximava, demonstrava interesse. Ela era uma pessoa muito profunda nas reflexões, me lembrava do tempo do IA, das colegas Alice Soares, Ado Malagoli, desses velhos tempos. Ela era muito querida por alguns alunos que tinham essa sensibilidade para o desenho e que gostavam de conversar sobre arte.

Eu conheci mesmo a Christina, de vista, quando ela cuidava do foyer do Theatro São Pedro. Eu não chegava a conversar com ela, mas a vi lá nos dias de espetáculo, pois o museu antes era lá. No dia que havia alguma peça, abria-se o museu e Christina ficava ali. Uma vez ela me contou que acostumou a assistir os concertos de costas para o palco, porque era a posição que ela ficava no Theatro, pois ela ficava olhando para ver se alguém entrava no recinto da exposição. Então ela se acostumou com isso e mesmo depois ouvia os concertos assim.

Mélodi - O que Christina foi para ti?

Eduardo - Ela me deu forças, ela conhecia meus pais, morava perto. Ela foi minha amiga, incentivadora, uma figura muito querida e próxima, tanto ela como a Alice Soares. Essa foi minha convivência com a Christina. Ela era tímida, mas tinha um

encanto, uma sensibilidade pessoal, falava bem baixinho. Sempre muito sozinha. Ela morava com uma irmã parece, a mãe morreu cedo. Mas era uma pessoa que a vida dela eram suas aulas e o museu, ela se dedicava integralmente, trabalhava todos finais de semana.

## ANEXO E – Entrevista Glecia Balbão Oliveira

Entrevista concedida à autora dia 31/10/2018 - 37min

Mélodi - Você era sobrinha da Christina Balbão. Minha primeira pergunta é se você tinha bastante convívio com ela?

Glecia - A partir dos 2 anos eu fui morar quase em frente à casa dela. Naquela época eu era a única neta, então eu estava sempre ali convivendo com ela e com a minha avó (Christina vivia com os pais na Rua Fernando Machado - centro de Porto Alegre). Ela vivia fazendo fantasias para nós, eu e meu primo, ele não morava em Porto Alegre mas quando ele vinha ela nos entretinha, pois tínhamos quase a mesma idade. Depois meu pai foi transferido para São Paulo, quando nós voltamos eu tinha 7 anos e nós fomos morar na mesma casa da Christina. Isso era 1942 ou 1943, então eu convivi até me casar com 20 e poucos anos. Nessa década toda dos anos 1940, ela estava bem envolvida, eu lembro do pessoal todo, os artistas jovens que frequentavam nossa casa: Glenio Bianchetti, Glauco Rodrigues, Dorothea Vergara, Alice Soares, Alice Brueggemann, Leda Flores e o Rui Spohr, o costureiro. O Rui tinha recém voltado para Porto Alegre e estava começando sua carreira; como minha avó era chapeleira, haviam caixas e caixas de enfeites e plumas francesas que sobraram da loja e a Christina abria e deixava ele mexer nas caixas para usar aquele material. Ele era muito agradecido à Christina, todos os anos ela ganhava trajés dele, eu lembro que ele sempre manteve o contato com ela.

Mélodi - Sim, na minha pesquisa encontrei vários recortes de jornal com fotografias de Christina Balbão vestindo Rui Spohr. Principalmente de jantares do Instituto de Artes (IA). E foi bem nessa época que ela começou a dar aulas no IA...

Glecia - Sim, quando eu voltei de São Paulo fui estudar no Colégio Fernando Gomes, ela estava lecionando artes ali. Ela se formou em 1938, isso era 1941, ela estava começando como professora. Eu lembro que ela levava uns bichinhos para nós olharmos e desenharmos, eu era muito pequena, mas lembro que era uma aula de desenho diferente.

Mélodi - Interessante, todos que entrevistei falaram sobre isso, ela viajava e trazia artesanatos e outros objetos para os alunos desenharem na aula. Então isso sempre foi assim, desde o começo! E ela incentivava vocês em casa também?

Glecia - Sim, incentivava. Quando eu casei eu fui morar no interior do Estado por dois anos, quando voltamos nós moramos dois anos naquela casa esperando um apartamento para poder nos mudar. Eu tinha meus filhos com dois e três anos e ela incentivava muito eles. Meu filho hoje é músico e eu lembro que, quando víamos, ele estava lá embaixo no ateliê da Christina - nós morávamos em cima e ela embaixo. Ela tinha muitos instrumentos, dava tambores e chocalhos para ele desenvolver os dotes artísticos. Acho que ela realmente descobriu, porque hoje ele é músico (risos). E minha outra filha, a Elaine, é arquiteta, ela fez alguns anos de IA, mas acabou indo para a arquitetura. Eu também tenho uma neta que fez artes visuais na UNICAMP.

A Christina falava alemão e ela tinha um livro com desenhos de anjos, que está comigo agora. Esse livro foi trazido da Alemanha pela minha avó. Era um livro dourado lindo, agora quando reencontrei ele percebi que não está tão dourado (risos), mas naquela época eu lembro que quando nós ficávamos doente podia ter certeza que aparecia a Christina com o livro embaixo do braço nos contar histórias. Ela contava aquilo, a história dos anjinhos bem enfeitado, quando ouvíamos uma trovada eram os anjos limpando o céu, haviam desenhos que eu lembro até hoje.

Mélodi - Quando tu fala nós, são quantos sobrinhos?

Glecia - Havia a minha irmã, mas ela era 5 anos menos que eu, nós não convivíamos junto. Tinha o primo da minha idade, mas ele não morava junto conosco. Meu outro irmão é 11 anos mais moço que eu, então o convívio deles foi diferente.

Eu lembro quando estava no colégio e tinha que fazer os deveres eu pedia ajuda para a Christina dar alguma ideia, mas não adiantava. Ela dava uns empurrões que no final demoravam mais porque eu tinha que pensar sobre aquilo (risos).

Mélodi - Todos alunos que entrevistei falaram isso, ela nunca dava uma solução pronta.

Glecia - Sim eu lembro que fiz um aquário com uns peixes, mas demorou, queria resolver logo e não surgiu efeito (risos).

Mélodi - Então, ela tinha um ateliê em casa, na parte de baixo?

Glecia - Sim, para escultura. Se fez uma reforma na casa, meu pai providenciou fazer o ateliê nos fundos que tinha uma parte para esculturas, um tanque para o

barro. Ouve uma época que havia modelos que ela contratava para posar. Lembro de um que era lutador de boxe, algo assim, um iniciante, mas que tinha um corpo bonito.

Mélodi - O Luiz Gonzaga me contou que chegou a ir na casa da Christina para ter aulas preparatórias para o IA.

Glecia - Sim, o Luiz era muito amigo dela.

Ela se aposentou na compulsória e depois continuou no MARGS até quando deu, eu acredito. E ela não ficava de noite em casa, ia ao teatro, à Ospa. Ela ia antes e eu encontrava ela lá com meu marido, depois dávamos carona para ela, deixávamos em casa. Ela gostava muito de música, tanto é que no dia em que ela caiu estava voltando de uma apresentação no Theatro São Pedro. Quando ela desceu do táxi em frente à casa ela caiu, não sabemos se foi a queda que quebrou o fêmur ou o contrário, pois ela já estava com 90 anos. Ela foi operada, a cirurgia foi bem, mas devido à idade complicou, foi questão de uma semana. No final foi melhor, porque tu pensa, uma pessoa sozinha, ativa, para colocar alguém na casa para cuidar dela seria um problema. Uma casa geriátrica seria pior. Foi bom porque ela nem se deu conta do que estava acontecendo.

Ela morava sozinha na parte de baixo da casa, em cima havia uma sobrinha neta dela, filha desse primo da minha idade que comentei. Ela morou 20 e poucos anos em cima, era alguém que dava uma ajuda, tanto é que foi a sobrinha que encontrou ela quando caiu. Mas ela era completamente independente. Sempre passeando, almoçava sempre fora.

Mélodi - Super independente que viajou pelo mundo inteiro, né?!

Glecia - Sim, ela esteve até na Índia. O mais longe que eu lembro era a Índia.

Mélodi - Ela tem essas viagens registradas em foto?

Glecia - Não tem, mas naquela época também, não havia tanto recurso. Quem tem uma foto dela é minha filha, é uma foto dela no Taj Mahal.

Eu acompanhei muito a Christina na época que voltei de São Paulo até meus 12 anos. Ela ia nos concertos e conferências do IA e meu avô, que era muito tradicional, não achava legal uma moça andar sozinha, então ela me levava junto. Eu era a justificativa dela. Claro que eu não achava interessante, eu lembro de uma

conferência do Ângelo Guido, aquele pintor professor do IA, era um assunto que eu não entendia nada e eu via os montinhos de folha que ele ia lendo, torcendo para que acabasse, quando acabava um montinho ele pegava outro. Lembro também daqueles dias frios, ela me chamava para ir junto. Quando eram concertos de piano e canto eu até gostava, mas conferências eram uma tristeza.

Mélodi - Ah então teve essa questão da família... A gente vê ela como uma mulher independente, mas então foi difícil?

Glecia - Ah sim, ela era uma mulher independente, mas ela não se importava. A gente ia nesses concertos de noite junto com a Alice Soares. A Dona Alice morava em um palacete na Rua Marechal Floriano, quase esquina com a Rua Duque de Caxias. Ele foi todo reformado agora, muito bonito. Eu lembro que adorava entrar naquela casa. Então eu lembro que a gente saía do IA, subia pela Duque e deixávamos a Alice em casa e nós duas pegávamos o bonde na Massom, ele nos deixava na Rua Bento Martins e daí íamos para casa. Eu era a guardiã das duas.

Mélodi - Sim, eu fico imaginando, elas como primeiras professoras no IA, tudo que tiveram que enfrentar para assumir esses cargos... Essa amizade deve ter sido importante para as duas.

Glecia - Elas eram muito amigas, eu lembro também que elas fizeram uma viagem juntas para o norte, de navio.

Mélodi - Sim, elas foram também para Minas Gerais, porque elas organizavam as viagens de estudos do IA.

Glecia - Naquela época não era fácil assim, não haviam recursos, infraestrutura para uma viagem com um grupo grande.

Mélodi - Eu acho que elas foram muito precursoras fazendo isso, era a oportunidade das alunas viajarem.

Glecia - E elas não tinham tanta idade assim, na década de 1940 elas tinham quase 30 anos.

Mélodi - E nova assim o trabalho dela foi reconhecido, pois nessa época ela assume a cadeira que era do Professor João Fahrion no IA.

Glecia – Sim, eu lembro bem dele, do Fahrion, Ângelo Guido, Fernando Corona, lembro direitinho, pois eu freqüentava os concertos (risos).

Mélodi - E tu também era modelo de vários quadros.

Glecia - Ah sim, eu não gostava, eu não era uma criança muito arteira, daquelas que não para quieta, mas era ruim porque eram várias horas e vários dias para posar. Ela pintava nós tudo em casa, quadros para a família.

Mélodi - Mas ela não chegava a fazer encomendas para outras pessoas?

Glecia - Não, que eu saiba ela nunca fez. Só nós, era eu e minha irmã, meu primo ela não pegava muito porque ele não parava quieto. Meu irmão já era de outra geração. E tinha o Tio Carlos, eu lembro que ele ficava sentado dali a pouco dava uma cochilada, então acredito que para ele posar era o de menos. Ele era casado com uma irmã da minha avó (era tio da Christina), tio político, porque a esposa dele que era irmã da avó, a Tia Maria, esposa, nunca quis posar (risos). Eles moravam perto, na Praça do Alto da Bronze, então ele ia até o ateliê dela e posava.

Mélodi - Acho que foi a tua filha que comentou que ela fazia uns bonequinhos de marionetes.

Glecia - Sim, ela fazia tudo de lixo, ela que começou o movimento de reciclagem (risos). Ela juntava tudo que era latinha. Nós encontramos quando ela faleceu, um saco cheio de marionetes, brinquedos e móveis que ela fez, esse saco a Elaine levou para o Luiz Gonzaga.

Mélodi - Quer dizer que ela continuou produzindo?

Glecia – Sim, ela estava sempre fazendo, sempre sempre. Para os meus netos, que seriam sobrinhos bisnetos dela, eles vinham a Porto Alegre e ela fazia. Uma vez eles estavam voltando para São Paulo na rodoviária e eles estavam brincando com um desses marionetes no ônibus.

Mas era tanta coisa naquela casa que a gente não deu conta de pegar tudo. A casa era de 1913, ela faleceu em 2007, o meu avô construiu a casa. Naquela época ele construiu com a chapelaria na frente, porque minha avó já era chapeleira. Ali tinha uma parte com a vitrine, com uma persiana, quando tu entrava tinha um balcão de vidro. Eu lembro da minha avó arrumando a vitrine, depois da guerra eles fecharam porque não havia mais movimento para chapéu. Eu lembro que vinham meninas do interior para aprender o ofício com ela. Na época da festa do Espírito Santo as

peças tinham que se enchapelar, então eles ficavam noites adentro fazendo os chapéus.

Mélodi - Ela aprendeu o ofício na Alemanha?

Glecia - Não, minha avó veio com dois anos da Alemanha. Aprendeu tudo aqui, de certo com a mãe dela. A minha avó veio com os pais e duas irmãs, os filhos mais velhos ficaram, estavam encaminhados. Mas naquela época, final do século XIX, com a função das guerras, eles moravam perto da Lituânia, haviam muitas brigas de fronteira. Eles resolveram vir. A minha avó era a mais moça. Depois da Segunda Guerra através da Legião Brasileira, encontramos as sobrinhas. Nós mandávamos pacotes de café para ela, depois veio morar no Brasil também. Tinham duas irmãs, uma ficou na parte ocidental e outra na oriental. Depois quando teve a unificação ela veio visitar a irmã no Brasil, depois voltou.

Mélodi - E o avô, qual o ofício dele?

Glecia - Era marceneiro. Tanto é que na casa havia uma cômoda com dois gavetões enormes, contavam a história que ele mesmo havia abatido a árvore e feito a cômoda. Era enorme, ocupava toda essa sala, cada gavetão cabia uma pessoa. Tudo ficou na casa, não sei o que o comprador fez, porque ninguém conseguia levar aquilo. Não subia em elevador nenhum (risos), ficou, uma pena.

Mas eu acompanhei ela até uns 12 anos, depois não ia mais porque casei, depois de velha passei a ir novamente.

Mélodi - Então, quando tu pensa nela, qual palavra te recorda?

Glecia - Que eu posso te dizer? Ela era uma pessoa diferente, muito observadora. Bem crítica, não como uma crítica destrutiva, mas como observação mesmo. Mas assim, ela nunca interferia nada, nem a gente com ela. Na nossa família a gente não tem o hábito de dar conselho, nós não nos damos conselhos, cada um vive sua vida. Nós nunca dissemos para ela, não viaje ou algo assim, nunca. Cada um é independente mesmo. Até meu avô, não é que ele interferisse, é que ele achava que uma moça não podia andar sozinha de noite, era outra época, mesmo sendo mais seguro aquela época que agora (risos). Até para trabalhar nunca teve problemas. Até mesmo porque professora podia.

Mas ela foi uma pessoa diferente. Reservada. Não falava muito sobre ela.

## ANEXO F – Formulário docente de Christina Balbão no Instituto de Artes

  
**UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL**  
**REITORIA**

**SERVIÇO DE PESSOAL - FORMULÁRIO DE ADMISSÃO**



1) Nome..... CRISTINA HELFENSWEILER BALBÃO

2) Cargo..... Preparadora G. A. Elásticas 3) Instituto: de Belas Artes  
 Função.....

4) Admitido a contar de..... de..... de 19... por portaria n.º....., de..... de.....  
 de 19... (Em caso de contrato, até..... de..... de.....).

5) Já foi funcionário municipal, estadual ou federal? Em caso positivo, quanto tempo? (Em anos e meses)  
Sim. Professora especializada em Desenho na Escola Experimental "Fernando Gomes", de Setembro de 1939 a Dezembro de 1945 (Por decreto n.º 23, de 21-1-1941, foi declarada efetiva).

6) Quais as atividades que exerce, além daquela para a qual foi nomeado?.....

7) Data do nascimento..... 17 / 2 / 1917..... Localidade..... Porto Alegre  
 Estado..... R. G. do Sul

8) Residência..... Rua Cel. Fernando Machado nº 513..... Tel.....

9) Filiação: Pai..... Antônio Martins Balbão  
 falecido em..... Porto Alegre, à rua Cel. Fernando Machado nº 513  
 residente em.....  
 Mãe..... Emília Helfensweiler Balbão  
 falecida em..... Porto Alegre, à rua Cel. Fernando Machado nº 513  
 residente em.....

10) Estado Civil..... solteira..... Se é casado e tem filhos declarar os nomes e as respectivas datas do nascimento, da esposa e filhos.....

11) Documentos apresentados por ocasião da posse

a) Exame do Departamento de Biometria Médica do D. E. S. opinando.....

b) Carteira militar n.º.....

c) Título de eleitor n.º..... 79.387.....

d) Certidão de <sup>casamento</sup> ~~nascimento~~ passada por..... Cartório do Registro Civil - Antenor Barcellos de Amorim.....

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

## ANEXO G – Certificado das funções de Christina Balbão no IA

Certidão nº93 de 1959

VISTO:  
Em 17 de julho de 1959  
*Amador Mendes*  
Diretor

CERTIDÃO NO 93/59

Em cumprimento ao despacho do senhor Diretor, exarado no telegrama Western número novecentos e cinquenta e três, de quatro de julho em curso, do senhor Diretor da Divisão do Pessoal do Ministério da Educação e Cultura, **certifico**, para efeito de promoção que, revendo os assentamentos desta Secretaria verifiquei o seguinte com referência ao tempo de serviço público de CRISTINA HELFENSTELLER BALBÃO, matrícula / número um milhão e setenta e dois mil oitocentos e oitenta e dois, ocupante do cargo da classe "J", da carreira de Auxiliar de Ensino do Quadro Especial deste Instituto: EM MIL NOVECENTOS E QUARENTA E QUATRO: nomeada, por ato da direção deste estabelecimento, para exercer o cargo de "Assistente" do Curso de Artes Plásticas, tomou posse e assumiu o exercício do aludido cargo no dia dezesseis de julho, sendo efetiva cento e sessenta e nove dias; EM MIL NOVECENTOS E QUARENTA E CINCO: efetiva todo o ano; nesse ano foi nomeada pela direção deste Instituto para exercer o cargo de "Preparador" do Curso de Artes Plásticas, tendo tomado posse e assumido o exercício desse cargo no dia trinta e um de março; EM MIL NOVECENTOS E QUARENTA E SEIS: efetiva todo o ano; nesse ano teve suas nomeações anteriores confirmadas pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, por Decreto nº 1 "J", de primeiro de janeiro, sendo nomeada para exercer o cargo de "Preparador", padrão V, do Curso de Artes Plásticas, do Quadro deste estabelecimento; EM MIL NOVECENTOS E QUARENTA E SETE: efetiva todo o ano; EM MIL NOVECENTOS E QUARENTA E OITO: efetiva todo o ano; EM MIL NOVECENTOS E QUARENTA E NOVE: efetiva todo o ano; EM MIL NOVECENTOS E CINQUENTA: efetiva todo o ano; EM MIL NOVECENTOS E CINQUENTA E UM: efetiva todo o ano; EM MIL NOVECENTOS E CINQUENTA E DOIS: efetiva todo o ano; EM MIL NOVECENTOS E CINQUENTA E TRÊS: efetiva todo o ano; EM MIL NOVECENTOS E CINQUENTA E QUATRO: efetiva todo o ano; EM MIL NOVECENTOS E CINQUENTA E CINCO: efetiva todo o ano; EM MIL NOVECENTOS E CINQUENTA E SEIS: efetiva todo o ano; EM MIL NOVECENTOS E CINQUENTA E SETE: efetiva todo o ano; EM MIL NOVECENTOS E CINQUENTA E OITO: efetiva todo o ano; EM MIL NOVECENTOS E CINQUENTA E NOVE: efetiva cento e noventa dias, até a presente data; neste ano foi nomeada, por Decreto federal de quinze de maio, para exercer, a partir de vinte e um de janeiro de mil novecentos e cinquenta e oito, o cargo da classe "J", da carreira de Auxiliar de Ensino do Quadro Especial deste Instituto, do Ministério da Educação e Cultura, criado pela Lei número três mil trezentos e trinta e três, de seis de dezembro de mil novecentos e cinquenta e sete, sendo, portanto, suas nomeações anteriores confirmadas pelo Governo da União. **Certifico** mais que, dos assentamentos da requerente consta a averbação de um mil setecentos e sessenta e nove dias de efetivo serviço prestado ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul, na qualidade de Professora de Desenho, classe "C", do Grupo Escolar "Fernando Gomes", desta Capital, e referente ao período de doze de setembro de mil novecentos e trinta e nove a quinze de julho de mil novecentos e quarenta e quatro. Perfaz, assim, a peticionária, um total de sete mil duzentos e quarenta e um dias, ou sejam, dezenove anos, dez meses e seis dias de efetivo serviço público. Em certeza do que, eu, *[assinatura]* Chefe da Secção do Pessoal deste Instituto, passei a presente certidão, datilografada, aos nove dias do mês de julho de mil novecentos e cinquenta e nove, que vai assinada pelo senhor Secretário e visada pelo senhor Diretor.

Pôrto Alegre, 9 de julho de 1959.

*[assinatura]*  
L. C. de Mesquita Rothmann  
Secretário